VARGINHA - MG

PROCESSO DE TOMBAMENTO DO CONJUNTO PAISAGÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA ANTIGA USINA DA ILHA GRANDE

2015

SUMÁRIO

01. Introdução..... 04|213
02. Histórico do Município de Varginha..... 07|213
03. Histórico do Bem Cultural..... 29|213
04. Descrição do Bem Cultural..... 44|213
05. Descrição da Delimitação do Perímetro de Tombamento..... 58|213
06. Descrição da Delimitação do Perímetro de Entorno..... 64|213
07. Ficha de Inventário..... 69|213
08. Documentação Cartográfica..... 87|213
09. Documentação Fotográfica..... 94|213
10. Diretrizes de Intervenção e Conservação..... 118|213
11. Plano de Gestão das Medidas de Salvaguarda ..... 126|213
12. Laudo de Avaliação de Estado de Conservação..... 130|213
13. Ficha técnica..... 176|213
14. Documento conclusivo sobre tombamento..... 178|213
15. Referências Documentais e Bibliográficas..... 182|213
16. Anexos..... 189|213
17. Parecer de um Conselheiro sobre o tombamento..... 193|213
18. Notificação de Tombamento..... 195|213
19. Recibo de Notificação de Tombamento..... 197|213
20. Cópia da ata aprovando o tombamento definitivo..... 199|213
21. Cópia da ata aprovando as diretrizes de intervenção para o conjunto..... 203|213
22. Cópia do decreto de tombamento..... 206|213
23. Cópia da inscrição do bem cultural no livro de tombo..... 210|213
24. Cópia da publicação do ato de tombamento..... 212|213

INTRODUÇÃO

A Prefeitura Municipal de Varginha, consciente do valor da cultura e memória de seu povo, busca através de ações de proteção e preservação do patrimônio, uma política cultural eficaz e comprometida com seu resultado. A preservação do patrimônio cultural garante a permanência da identidade, permitindo a compreensão das tradições, instituições sociais, do passado, presente e futuro, melhorando a qualidade de vida tornando a cidade mais humana.

O Dossiê de Tombamento que ora se apresenta constitui um esforço nesse sentido, a partir do momento que auxilia na construção da identidade local. Sob a ótica da proteção e preservação do patrimônio, o **CONJUNTO ARQUITETÔNICO E PAISAGÍSTICO DA ANTIGA USINA DA ILHA GRANDE** apresenta importância para o histórico de formação do município, bem como pela sua exemplaridade e, também por constituir o marco histórico das instalações de hidrelétricas no Brasil, e do fornecimento de energia elétrica para quase todo o sul de minas nas primeiras décadas do século XX, situado na área rural de Varginha, tornando-se inclusive um ponto de atração turística, educacional e cultural na região.

Ao estudar a história da cidade, seus espaços urbanos, usos e significados, deve-se levar em conta a discussão a respeito da memória e bens culturais, que tomam a cidade como um texto, no qual os homens imprimem simbologias e significados diversos, cujas situações precisam ser investigadas e decifradas para revelar suas histórias.

A construção denominada à época Usina do Braço Seco ou Usina da Ilha Grande data de 1912. Era de propriedade da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi e foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República Dr. Wenceslau Braz e pelo Governador do Estado de Minas Gerais Dr. Delfim Moreira. Além da Casa de Pedra, outras estruturas compõem o conjunto arquitetônico da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio.

Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística. A usina dispunha de uma capacidade de geração de energia que atendia a cidade de Varginha e a uma grande quantidade de municípios, favorecendo o crescimento e desenvolvimento industrial e econômico do sul de minas, o que denota a sua importância histórica para a memória do setor energético e do desenvolvimento da região. Esta breve incursão na descrição de sua origem explica sua transformação em bem de interesse de preservação.

Concebido de maneira a esclarecer a importância do bem cultural para o município, o presente caderno é dividido em itens que abrangem a história do município, a história do bem, sua contextualização com a comunidade e região em que está inserido, documentação cartográfica e

fotográfica, descrição e análise arquitetônica, descrição do perímetro de tombamento e seu entorno imediato, diretrizes de intervenção, ficha de inventário, laudo de avaliação sobre seu estado de conservação, além dos documentos necessários para legalizar o seu tombamento municipal. A metodologia aplicada incluiu o levantamento de campo no município, bibliografia geral e específica sobre o tema, além de fonte oral, uso de bases cartográficas e fotográficas.

Diante do exposto, a Prefeitura Municipal de Varginha em sintonia e obediência às condições prescritas na nova resolução do CONEP 02/2015, elaborada pelo conselho curador do *IEPHA/ MG* para o exercício de 2017, espera conhecer e tornar público seus valores, sua história e sua riqueza única e exemplar.

HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

1. A Formação do Sul de Minas Gerais

O Sul de Minas, onde se formou o município de Varginha, é o quinhão mineiro demarcado pelo rio Grande e que se confronta com os estados do Rio de Janeiro e São Paulo através da Serra da Mantiqueira, teve um processo de ocupação tardio em relação ao centro da Província. A princípio, toda a região pertencia à Comarca do Rio das Mortes, tendo como sede a vila de São João del Rei. Essa região sul-mineira foi ocupada, principalmente, a partir das descobertas do ouro na região central das Minas e logo se tornaria alvo de disputas entre a Capitania de São Paulo e das Minas. Geograficamente corresponde a "uma vasta área entrecortada por vários caminhos que garantiram o acesso e possibilitaram a interconexão comercial das principais áreas escravistas do Centro-Sul" (ANDRADE, 2005).

A respeito da ocupação do solo sul-mineiro e da chegada dos desbravadores das matas e pradarias do Rio Verde, Lefort (1950) nos relata:

> Desde 1737, estava devassado, oficialmente, o Sul de Minas. Oficialmente, em razão do ato possessório de Cipriano José da Rocha, ouvidor da Comarca de São João D' El Rei, quando de sua visita de represália aos quilombos e à deserção do precioso minério, recambiado para São Paulo. (LEFORT,1950).

O mesmo autor ainda cita:

> Em caráter particular, de há muito as minas do Rio Verde eram conhecidas e exploradas pelos paulistas, que se excusavam de manifestá-las "às autoridades de São Paulo ou de Minas. Com a execução da ordem do governador mineiro, Martinho de Mendonça, rasgava-se, de São João d'El Rei ás campanhas do Rio Verde, uma sinuosa trilha, feita pelo ouvidor e sua comitiva, que não se pouparam rompendo matas e sertões, que pudessem franquear a estrada que, com efeito, se pôs franca para toda pessoa, assim de pé e a cavalo. De São João d'El Rei, atravessaram eles a antiga freguesia da Nossa Senhora da Conceição do Rio Grande e das Carrancas, de onde um pugilo de aventureiros se dispôs a embrenhar-se nas matas e pradarias adjacentes ao Rio Verde. E vieram ter, autoridades a parte da população carranquense, à atual Campanha, onde divisaram um solo magnânimo, fazendo coro com o ambicionado minério, existente em todos os córregos e ribeiros. (LEFORT,1950).

Segundo Lenharo (1993) o sul mineiro constituía o caminho das tropas que abasteciam a Corte, além de ter se convertido no principal centro de produção e abastecimento do mercado carioca. Tal região é composta por grandes propriedades escravistas essencialmente voltadas para o abastecimento interno. "A economia de subsistência do Sul de Minas, então, teria sido estabelecida para abastecer a Província no século XVIII, mantendo a mesma natureza da economia regional através do direcionamento do excedente para o mercado do Rio de Janeiro" (LENHARO,1993).

Nessa época, conforme Rubião (1919), "as comunicações do interior do Brasil com o litoral, se faziam através de trilhas pela Mantiqueira em estradas desdobradas pelo Vale do

Paraíba, que levavam aos portos do Rio de Janeiro e de Mangaratiba'' (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:220). Estas comunicações, que se faziam por longos períodos de tempo, "em pequenas caravanas de faiscadores de ouro e sesmeiros, tornaram-se uma fonte de vida e de desenvolvimento para o interior do país" RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:220; 221).

E continua Rubião:

> As "tropas" organizadas com muares vindas de Campo Grande, por intermédio da nascente feira de Sorocaba e Taubaté, inundaram as estradas do interior do país, levando sal e ferragens do litoral e trazendo couros, tecidos de algodão e outros artigos. As cidades de Campanha e Formiga se constituíam como centros comerciais. Os lugarejos que intermediavam os maiores centros, plantados à margem da estrada nessa época, cresciam sob o impulso do movimento das tropas que fazia o comércio dessas cidades com o litoral. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:221)

Andrade (2005) afirma que as minas do rio Verde, descobertas pelos paulistas nas primeiras décadas dos oitocentos, somente ficaram conhecidas em 1737, através de uma expedição militar chefiada pelo Ouvidor da Vila se São João Del – Rei, Cipriano José da Rocha, que fundou o arraial de Campanha e tomou posse da região.

Embora existissem registros de que a região sul já havia sido visitada em 1737, foi, de fato, 52 anos depois dessa data que ela se constituiu como região independente. A região do sul de Minas Gerais foi emancipada da cidade de Campanha, que recebia o nome de Campanha da Princesa, em 1789 (ANDRADE, 2005).

> Localizada originalmente na Comarca do Rio das Mortes, que havia se emancipada da região mineradora central com a fundação de sua sede em São João D'El Rey no ano de 1713, Campanha tornar-se-ia, então, a sede da Comarca do Rio Sapucaí a partir de 1833. Quase que naturalmente, a região que passou a formar a Comarca do Rio Sapucaí teria suas fronteiras delimitadas no Norte pelo Rio Grande e no Sul e Sudeste pelos contrafortes da Mantiqueira. Assim, o berço do Sul de Minas é Campanha, cidade que seria desmembrada ainda na primeira metade dos oitocentos nas cidades de Baependy (1814), Jacuhy (1814), Pouso Alegre (1831), Lavras (1831), Jaguary (1840), Itajubá (1848) (...) Uma dinâmica regional que seria afirmada ainda na primeira metade do século XIX, personificada nos movimentos separatistas liderados pela cidade de Campanha nas últimas décadas do século XIX. Região cujos determinantes avançam aos existentes na urbanização da região mineradora: agricultura e comércio de abastecimento constroem sua identidade e vocação. (SAES, 2010:14;15)

A Comarca do Rio das Mortes já existia em Minas Gerais desde 1822, juntamente com outras três comarcas: Vila Rica, Serro e Rio das Velhas. O nome "Rio das Mortes" deve-se ao fato da comarca ter estado localizada junto a um rio deste nome, que já era conhecido desde o século XVII.

As três vilas mais antigas do Sul de Minas, Aiuruoca, Baependi e Campanha, pertenceram à antiga comarca do Rio das Mortes até 1833.

Andrade (2005) nos afirma que Campanha é considerada o núcleo gerador do sul de Minas, entretanto as freguesias de Aiuruoca e Baependi foram as primeiras a serem criadas, nos anos de 1718 e 1723, respectivamente.

O Termo de Campanha era composto de 10 freguesias: Lavras do Funil, Baependi, Pouso Alto, Santa Ana do Sapucaí, Camanducaia, Ouro Fino, Itajubá, Cabo Verde e Jacuí, Carrancas e Aiuruoca (ANDRADE,2005).

Já na primeira metade do século XIX, a região do sul de Minas possuía relações comerciais com o Império; na transição do XIX para o XX, as relações entre essa região e São Paulo passariam a se intensificar mais. O sul passaria de uma região que produzia gêneros de abastecimento para uma região voltada para a atividade exportadora, graças à cultura do café.

Foi no último quartel do século XIX que a estrada de ferro chegou à região, juntamente com os bancos, que supriam apenas necessidades pequenas, pois os negócios maiores eram supridos por fontes governamentais ou por bancos do Rio de Janeiro e de São Paulo. E foi nessa época que o capitalismo começou a se desenvolver na região, com o surgimento de pequenas fábricas e a intensificação do setor comercial.

As cidades se caracterizavam por ser de médio porte, com populações entre vinte e quarenta mil habitantes. A partir de 1890, podia ser observado o aumento do número das cidades e a expansão da rede ferroviária. Isso fez com que se aumentasse a capacidade de exportação da região para outros locais vizinhos, mas também ampliava a competição dos mercados locais com produtos importados.

A região sul-mineira destacou-se como produtora cafeeira no último quartel do século XIX e ao longo do XX. No entanto, a mesma região também foi responsável por uma tradicional produção agropastoril voltada para o mercado interno, ainda no final do século XVIII e primeira metade do XIX, condição que contribuiu para o Sul de Minas tornar-se umas das regiões mais dinâmicas da província/estado no período em evidência, primeiramente com uma condição demográfica significativa, que possibilitou grande influência política entre 1870 e 1920.

Através dos números, podemos observar o crescimento das cidades sul-mineiras. Entre 1872 e 1920, a região apresentava a maior taxa de crescimento do estado. Em 1920, era a região com a maior população de Minas Gerais, contando com 20% da população mineira. Em 1972, a

região concentrava 260 mil habitantes, passando eles para 730 mil em 1907 e, finalmente, para aproximadamente 1 milhão em 1920. Já na observação das cidades individualmente, em 1920,

nenhuma delas (considerando-as como núcleos urbanos) apresentava mais de 20 mil habitantes (GAMBI, 2012).

A introdução no café na região, em fins do século XIX, faria se desenvolver novos municípios.

> (...) juntamente com a ampliação da população (...) era nítido o crescimento do número de cidades. Alfenas, Boa Esperança, Três Corações e Varginha, por exemplo, faziam parte de uma primeira fase de emancipação de municípios, entre as décadas de 1860 e 1880, como resultado da introdução do café na região. (SAES, 2010:19)

No ano de 1911, os municípios sul-mineiros aumentariam, passando de 36 para 48. Dessa forma, a região Sul passava a ser mais dinâmica, expandindo suas atividades econômicas, se comparando com outras regiões do estado. Entretanto, desses 48 municípios, apenas 5 apresentavam população entre sete e doze mil habitantes, outros 4 contavam com uma população entre cinco e sete mil habitantes; e 3 apresentavam população entre quatro e cinco mil habitantes (GAMBI, 2012).

> Diferentemente da Zona da Mata com Juiz de Fora, da área central a partir da década de 1920 com Belo Horizonte e de Teófilo Otoni para o Vale do Mucuri, a região do Sul de Minas seria marcada por uma profunda fragmentação de sua população em cidades pequenas e medianas, sem um centro irradiador das atividades econômicas. (SAES, 2010:19)

As ferrovias no sul de Minas chegaram por volta de 1880, mas antes disso já haviam chegado na zona da Mata e no oeste. Vieram por meio de quatro empresas: Estrada de Ferro Rio Verde, que depois passou a ser chamada de Minas e Rio; Viação Férrea Sapucaí; Estrada de Ferro Muzambinho; e Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, está originária de São Paulo, chegou à região sul de Minas Gerais nos primeiros anos do século XX, para atender o Triângulo e o sul. A falta de um centro irradiador para o transporte fez com que, a princípio, na região do sul de Minas houvesse uma integração de suas ferrovias com mercados exteriores, e não entre as próprias cidades da região.

> Ainda que provisoriamente, é possível pensar que as ferrovias no Sul de Minas Gerais começaram a se instalar para atender uma região dinâmica e promissora voltada para o comércio de abastecimento do Rio de Janeiro e de São Paulo, e para o plantio e exportação de café. E, mais importante, o que se observa é a constituição do sistema ferroviário com interligação do Sul de Minas com os portos do Rio de Janeiro e Santos, ou com os mercados dos Estados vizinhos, uma modernização do transporte que poderia surgir como condição para fortalecer o mercado interno, mas que ao que parece, surge para estreitar as relações, inclusive de dependência, com outras regiões. (SAES, 2010:19)

Surgiram então, no sul de Minas Gerais as primeiras fábricas. Se comparadas com as da zona da Mata e da região metalúrgica, eram mais precárias, geralmente ligadas ao abastecimento ou à economia agrário-exportadora cafeeira e com uma média de quatro funcionários por

estabelecimento. Além disso, as indústrias sul-mineiras tinham por característica os empreendimentos familiares, como artesanatos, e os voltados para o ramo alimentício, sobretudo para o consumo local.

> Pequenas e rudimentares manufaturas deviam concorrer com os produtos importados de outros estados ou do exterior. A empresa se realiza como um empreendimento familiar, arcaico, distante das características da moderna grande indústria. Nesse sentido, o Sul de Minas tornou-se mais um caso específico dentro do "mosaico" mineiro: uma região historicamente dinâmica, tanto por sua função de abastecimento da corte imperial, como em transformação por causa da expansão das lavouras de café na transição para o século XX, mas que não conseguiu se aproximar do ritmo e da pujança econômica dos estados vizinhos, Rio de Janeiro e São Paulo. (SAES, 2010:17)

Na década de 1920, a região sul passou a ampliar sua produção industrial, ficando em segundo lugar nesse setor, pois a região metalúrgica estava na primeira posição. Isso ocorreu devido à continuidade de uma estrutura industrial arcaica na metalurgia e à maior representa--tividade da indústria do sul na economia industrial mineira. Entretanto – mesmo tendo elevado sua produção industrial, revelando uma maior representatividade na produção industrial mineira e estando em segundo lugar no setor industrial mineiro - a indústria sul-mineira não havia deixado de ser arcaica, pois faltava um mercado consumidor maior e a capacidade de acumulação era reduzida.

Em relação aos bancos da região, o desenvolvimento desse setor seguia o precário desenvolvimento industrial: apesar de no período de 1910 a 1920 ter ocorrido uma significativa expansão do número de bancos no sul de Minas, devido à cultura do café e ao surgimento das ferrovias e das indústrias, o grosso das operações bancárias estava localizado em bancos externos, em cidades como Juiz de Fora (banco de Crédito Real) e Belo Horizonte (banco Hipotecário e Agrícola e banco Comércio e Indústria). Estes três bancos eram responsáveis por aproximadamente 90% dos depósitos em conta corrente de Minas Gerais entre 1920 e 1925. Os bancos do sul de Minas eram pequenos e destinados a atender a comunidade local (COSTA, 1978).

Embora o desenvolvimento da região sul do estado, na passagem do século XIX para o XX, possa até ser considerado precário, foi nessa época que o capitalismo na região começou a ganhar sua forma. É importante destacar que nessa transição, apenas três regiões do estado mineiro passaram por uma transformação para o sistema capitalista de produção: o sul, a zona da Mata e o centro.

As transformações nas relações socioeconômicas pelas quais a região passou na transição do XIX para o XX – crescimento e desenvolvimento de cidades, cultivo do café, surgimento das indústrias, intensificação do comércio, desenvolvimento das ferrovias e dos

bancos – direcionavam a região para uma maior integralização com mercados externos, fazendo crescer as relações capitalistas de produção.

No meio das cidades que surgiam no sul de Minas Gerais com a expansão da cultura cafeeira na região, na passagem do século XIX para o XX, é criada a cidade de Varginha, em 1882, que primeiramente foi chamada de Espírito Santo das Catanduvas.

2. Formação de Varginha

A região onde se situa o município de Varginha foi habitada, até o final do séc. XVII, pelo grupo indígena dos Cataguás. Esta etnia – cujo nome significa "gente boa" – é descrita por historiadores e arqueólogos como um povo guerreiro e forte, de estatura mediana, conhecedor da cerâmica, nômade, que vivia em abrigos rudimentares. Catanduvas (ou Catandubas), palavra de origem tupi, foi o nome que deram a esta região, e significa "mato espinhoso e rasteiro", comum nestas terras com solo argiloso e pouco fértil.

A Coroa portuguesa, objetivando ampliar e ocupar o território brasileiro e buscar riquezas minerais (pedras e metais preciosos), fomentava, no referido século, expedições de exploração pelo interior do Brasil – as chamadas Entradas ou Bandeiras –, o que expulsou e dissipou os habitantes originais da região. A partir daí, despontaram os primeiros povoados ou arraiais, para o abastecimento e descanso das tropas, lideradas, em diversos momentos, por Fernão Dias Paes Leme (1608-1681), que daria nome a uma das principais rodovias mineiras. Foi nesse contexto, enfim, que Varginha surgiu.

As primeiras alusões que se têm sobre Varginha datam de 1763 e mencionam a Ermida de Santo Antônio do Rio Verde, localizada na antiga estrada que ligava Três Pontas à Campanha, edificada provavelmente por bandeirantes que ali transitavam. Em torno da capela desenvolveram-se ranchos de pouso para viajantes, de maneira que o povoado crescia no caminho das tropas transportadas via muares que vinham de São Paulo, principalmente de Sorocaba e Taubaté, que transportavam toda espécie de mercadorias em demanda da Vila de Campanha da Princesa da Beira, atual cidade de Campanha.

> Deu-se nascente povoado o nome de Catandubas ou Catanduvas que significa "Mato Serrado", muito encontrado naquela cidade. Em virtude do padroeiro da capela passou a ser chamada de Espírito Santo das Catandubas. Em 1806 o arraial contava com 1000 pessoas. Nesse mesmo ano foi feita a doação do território que constitui o primitivo patrimônio do núcleo em desenvolvimento. Um ano depois foi oficializado o povoado do Espírito Santo, possuindo uma pequena e modesta vila agrícola. Em 1850 foi elevado a freguesia (...) originando o bairro da Vargem situado a 1 km a nordeste do arraial. (LEFORT,1950)

Segundo Lefort (1950), devemos considerar os anos de 1790 a 1793 como os do início do povoamento de Varginha. Foi nesta data que muitas famílias, provenientes de Campanha e Lavras, vieram com seus escravos e construíram as primeiras casas na fazenda Santo Antônio do Bom Jardim do Rio Verde, onde se localizava a Ermida de Santo Antônio, em atividades desde 1763.

O primeiro registro comprobatório do povoado de Varginha data de 1795 e relata o nascimento de Maria Francisca de Jesus, batizada na capela do Divino Espírito Santo das Catanduvas, conforme página 45 do 5º Livro de Lavras da Diocese da Campanha M.G:

> Aos três do mês de abril de mil setecentos e noventa e cinco, na capela do Divino Espírito Santo das Catanduvas, filial desta Matriz de Sant'Ana das Lavras do Funil, o Revd. Coadjuntor Antônio José dos Santos batizou e pôs os santos óleos a Francisca, filha legítima de Joaquim Vitoriano de Andrade e Antônia Maria Felícia; foram padrinhos Francisco Nogueira e Maria Francisca, de que fiz assento que assinei. O vigário José da Costa Oliveira. (LEFORT, 1950 apud SALES 2003: 118;119)

Muito antes de Varginha se tornar uma cidade e também um município, suas terras já eram povoadas. Alguns anos antes de 1806, o casal Francisco Alves da Silva e Dona Tereza Clara Rosa da Silva adquiriu as terras onde mais tarde se localizaria Varginha. Esse casal vendeu essas terras ao alferes Manoel Francisco de Oliveira no ano de 1806 e mais tarde, essas terras foram doadas a diocese da Campanha (SALES, 2003).

Nessa época o povoado contava com cerca de 1.000 pessoas. Neste mesmo ano foi feita a doação do território que constituiu o primitivo patrimônio do núcleo em desenvolvimento. No ano seguinte, foi criado o Curato do Espírito Santo das Catandubas, situado na região central da contemporânea Varginha. Durante 43 anos a cidade foi um curato, uma espécie de aldeia com condições necessárias para se tornar o distrito de um município. O nome Varginha somente seria documentado pela primeira vez em 1816, no 3º Livro de Casamentos de Lavras, denominação que já vinha sendo usada popularmente, devido à geografia da região que apresenta áreas de vargem. As principais obras que marcaram esse período foram as construções das igrejas Matriz do Divino Espírito Santo e do Rosário.

Sobre a criação do Curato do Espírito Santo, dizem Fonseca & Liberal:

> Um ano depois, em 18 de janeiro de 1807, o então vigário de Lavras do Funil, padre José da Costa participava ao Vigário Geral o cumprimento do mandado, ficando, por esta forma, criado o Curato do Espírito Santo, embrião da futurosa e rica cidade, que deveria, mais tarde, chamar-se Varginha. (...) Em estado de *Curato,* sob jurisdição eclesiástica, permaneceu durante 44 anos a localidade, com pequena e modesta vida agrícola, entretendo comércio com as cidades mais próximas, até que pela lei n.º471, art. 1º, parag. N.º 1, de 1º de Junho de 1850, foi elevada à categoria de Freguesia, anexada ao vizinho Município de Três Pontas. (FONSECA & LIBERAL, 1919 apud SALES 2003: 202;203)

Em 1820, Varginha (ainda conhecida como Espírito Santo das Catanduvas) possuía "6 casas de telhas e alguns ranchos de capim, construídos todos próximo à capela, no local onde hoje se vê a Avenida Rio Branco"(RUBIÃO,1919 apud SALES, 2003: 219). Já em 1870, Varginha contava com 213 casas. Sales (2003) afirma que no período de 1850 a 1881, foram construídas as primeiras obras destinadas ao serviço público, como prédios para escolas. Em 1881, Varginha contava com 300 edificações, sendo algumas de dois pavimentos.

Sobre a povoação do Espírito Santo da Varginha, diz Saturnino da Veiga em 1874:

> A povoação é florescente e importante e O arraial (...) jaz colocado em formosa eminência – e é grato ao viajante descortinar - lhe nas proximidades as brancas casas grupadas em linhas, quadrados ou paralelogramos, que às suas vistas oferecem lá do alto pitoresca perspectiva (...)Relativamente à primitiva edificação do povoado e a seus primeiros habitantes, nada pudemos colher. Está a Varginha a este respeito em circunstâncias idênticas às de outros muitos lugares desta parte da província, onde notícias a respeito daquele interessante objeto nos foi impossível obter, não obstante o esforço que para consegui-las empregamos. (VEIGA,1874 apud SALES, 2003:221)

Segundo o IBGE (1959), a evolução da freguesia de Varginha "foi mais acentuada no período de 1850 e 1881, ao serem ali construídas as primeiras obras destinadas ao serviço público como prédios para escola e cadeia, os quais foram doados ao Governo por seus edificadores Domingos de Paula Teixeira de Carvalho e João Gonzaga Branquinho'' (IBGE, 1959).

Com relação ao desenvolvimento da cidade, no período de 1850 a 1881, ainda considerada como freguesia, Rubião (1919) nos relata:

> Desta data em diante, a freguesia de Varginha continuou a progredir, embora lentamente: fato este explicável, tendo em vista que, nesses tempos, não existia ainda correntes imigratórias do Velho Mundo.
> (...) Em 1880, a cidade de Varginha contava para mais de 300 casas, sendo sete assobrabadas, que se espalhavam por duas ruas principais, Chapada e rua Direita, e por seis praças: São Sebastião; Largo do Pretório antigo Largo do Pelourinho; Largo da Matriz; Largo do Rosário, acima da matriz; Largo de São Miguel, defronte ao cemitério [cemitério paroquial, localizava-se na atual Praça da Fonte] e Largo de São Benedito. (RUBIÃO, 1919)

Em 1º de junho de 1850, o curato foi elevado à paróquia, através da Lei Provincial nº 471, tendo sido anexado ao município de Três Pontas. Varginha experimentaria, então, o primeiro surto desenvolvimentista. Foram construídos os primeiros prédios públicos, como as duas primeiras escolas públicas e a cadeia.

Espírito Santo das Catanduvas se transformaria no município de Espírito Santo da Varginha, em 22/09/1881, pela Lei nº 2785. Um município pode ser definido como uma divisão administrativa de uma região, com autonomia administrativa, possuindo uma Prefeitura e uma Câmara Municipal.

Em 07/10/1882, pela Lei nº 2950, o município passou a ser chamado de cidade. Sobre a criação da cidade Fonseca & Liberal (1920) relatam:

> Tamanho foi o empenho e tão profícuo foi o esforço por João Gonzaga empregado para a ascensão da Freguesia à Vila, incumbindo-se ele próprio de transportar para ela os funcionários nomeados para os cargos, por efeito, criados, que nesse estagio pouco parou, ganhando de salto, os foros da *cidade*, o que ocorreu, no ano subsequente, em 7 de outubro de 1882, por lei 2.950. FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:204)

Em relação à formação e evolução urbana de Varginha, Ávila (1983) nos esclarece:

> Varginha obedecia na fase nascente da autonomia administrativa e afirmação econômica que caracterizou o período compreendido entre os anos de 1882 e 1892, aos padrões ainda predominantes nas cidades mineiras da época. A trama viária, desenvolveu-se paralela ou perpendicularmente a velhos caminhos-troncos do primitivo arraial, gerando um arruamento quase sempre aleatório ou de circunstância, num processo de expansão condicionado pela premência ou imposição de novas construções para abrigar a população em aumento. O caminho-tronco principal, à cuja margem surgiu nas alturas de 1875 a primeira capela e se construíram entre aquele ano e 1820 as seis primeiras casas de telhas, correspondia à estrada ou simples picada, ligando a Vila de Campanha ao então chamado Sertão de Três Pontas, e é de se supor que cortasse em diagonal o atual perímetro central da cidade. O referido aglomerado de primeiras habitações se formou em local próximo ao em que se abriria, bem mais tarde, a Avenida Rio Branco. (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 224; 225)

Ávila (1983) faz uma análise de contraposição entre os grandes vazios urbanos criados pela Avenida Rio Branco e pelas praças públicas e o núcleo mais denso das vias laterais:

> É de se frisar ter sido sempre uma constante, ao longo da história urbana do antigo arraial de Catanduvas, a contraposição dos vazios de maior escala ou dimensão às estreitas vias de circulação ou densa concentração residencial, vazios destinados quase sempre ao agenciamento de edificações de mais destaque, com função comunitária também como locais de eventos festivos ou atividades de lazer (...) a cidade funcionava, na realidade, com uma espécie de grande pátio nobre ou varanda de extensão das dezenas de fazendas que circundavam, a próxima, média ou relativa distância, território urbanizado onde os proprietários rurais e eventualmente seus agregados comercializavam seus produtos, abasteciam seus depósitos ou despensas, se comunicavam como os centros-pólos nacionais da época – São Paulo e Rio de Janeiro -, promoviam a educação preparatória dos filhos e participavam dos atos, eventos e rituais do convívio político, social e religioso. (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 225).

A primeira manifestação mais evidente da setorização urbana de Varginha, segundo Ávila (1983), "é a que começa a esboçar-se por volta de 1892, com a chegada da estrada de ferro e a inauguração da estação ferroviária, determinando não só a expansão da cidade para as faixas de terreno que tangenciam a ferrovia, com igualmente a concentração ali de atividades mais de perto favorecidas pelo novo meio de transporte e comunicação" (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 225). Mais adiante, o autor ainda continua:

> Verifica-se pois, sob a influência do advento da ferrovia e, simultaneamente, da crescente expressão econômica do café, a franca definição, dentro do quadro urbano em expansão, de um setor especial direcionado (…) para a localização comercial e industrial. (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 226)

Neste contexto, de acordo com Ávila (1983), era possível perceber a hierarquização social do espaço urbano de Varginha, "já que na parte mais antiga e central da cidade, predominavam os moradores de mais alta renda: comerciantes, fazendeiros, titulares de serviços, etc., enquanto a população emergente e de menor renda passa a condensar-se na área próxima ou além da ferrovia" (ÁVILA, 1983 apud SALES, 2003: 227). Atualmente, esta desagregação do espaço social urbano é nítida.

Em 1890, houve a criação do primeiro jornal varginhense, o Gazeta de Varginha. Em 1892, a estrada de ferro chegava à cidade: era a Estrada de Ferro Muzambinho, que chegou ao município com a ajuda de investimentos financeiros do primeiro presidente da Câmara, Matheus Tavares da Silva. Em 1892, a cidade contava com 13 ruas, 6 praças, 2 edifícios públicos (sendo um para funções do município, como a cadeia) e 3 igrejas (Matriz, São Sebastião e Rosário). No ano de 1899, Varginha contava com um crescente número de casas e, assim, se iniciou o serviço de calçamento na cidade.

Em 1902 ocorreu a inauguração da iluminação pública a gás de acetileno. Em 1913 verificou-se a fundação da Empresa Telephonica Varginhense, com mais de 300 aparelhos instalados, e a transferência do Cemitério Municipal, que ficava na Praça da Fonte, além da demolição da antiga Igreja do Rosário. A instalação da luz elétrica ocorreu em 1914 e o mercado municipal foi inaugurado em 1915. No mesmo ano foi inaugurada a primeira agência bancária da cidade, o Banco Hypotecário Agrícola, na Av. Rio Branco, seguido, em 1918, pelo Banco do Brasil, instalado na Praça Dom Pedro II. Esses acontecimentos mostram que a cidade tomava uma dinamização importante para sua modernização.

A criação de um jornal, a chegada da estrada de ferro, o aumento do número de ruas e de casas, além da criação de estabelecimentos culturais e educacionais são fatos que mostram avanço do município em seu desenvolvimento econômico e social. Em 1918, a cidade contava com 2.200 casas e aproximadamente 400 prédios. Nesse ano, o Colégio Marista se estabelecia na cidade. Na década de 1920, foi construído o Hotel do Comércio. Em 1923, foi fundado o Colégio dos Santos Anjos, por três religiosas e, em 1924 despontou o Grupo Estadual Afonso Pena, primeira escola pública do município, apoiado pelo Estado. Em 1927, empreendido também por italianos, Irmãos Navarra, inaugurou-se o Theatro Capitólio.

Durante seu desenvolvimento, Varginha pertenceu à Comarca do Rio das Mortes, um território extenso e de limites imprecisos. Pertenceu, também, por breve período, a Lavras e, posteriormente, à comarca de Três Pontas. Varginha também incorporou outros distritos: Elói Mendes, emancipado em 1911, e Carmo da Cachoeira, emancipado em 1938. A cidade também

contou, em fins do século XIX e início do século XX, com elementos que podem ser considerados relevantes quando se trata do processo de desenvolvimento do modo capitalista de produção em uma região. Abaixo, vamos tratar um pouco sobre a importância desses fatores para a formação da cidade de Varginha.

3. A cidade de Varginha: aspectos do desenvolvimento no século XIX e início do Século XX

Relativamente equiparada a cidades muito mais antigas, donas de economias mais fortes e desenvolvidas como Campanha, Varginha viveu sua *belle époque*, segundo Sales (2003), do período compreendido entre 1881 e 1913. Marcada pelo desenvolvimento social e econômico, a cidade se fez um centro de expressão regional a partir da criação do município e da cidade em 1881 e 1882, a abolição em 1888, a ascensão à sede de comarca em 1890, a implantação da estrada de ferro em 1892 e a imigração italiana em fins dos oitocentos e começo do século XX, na prática determinaram o progresso de Varginha no transcurso dos novecentos.

A princípio, a economia da cidade era formada por estabelecimentos comerciais, pequenas indústrias e bancos. Para a corte, Varginha enviava fumo, toucinho, porcos e gado, recebendo de lá ferragens, bebidas e sal. Em 1907, a cidade exportava café e laticínios. Em 1917, o café se constitui como o principal produto de exportação, juntamente como o gado. O trigo, o sal e os tecidos eram os principais produtos importados.

Após o declínio da economia da mineração, a economia cafeeira possibilitou ao Brasil um grande avanço para a consolidação das relações capitalistas de produção, dando origem ao início do desenvolvimento industrial brasileiro. Foi na região de São Paulo que o capitalismo se desenvolveu mais aceleradamente devido as condições que o café proporcionou ao estado.

Desde 1870, a cidade de São Paulo vinha passando por um intenso crescimento econômico que, graças ao auxílio da cultura cafeeira, gerou a expansão de atividades ligadas a formação das indústrias, das ferrovias e dos bancos. Essas atividades que eram extensão da atividade cafeeira se desenvolveram por que em São Paulo o café fez surgir um complexo econômico na região, ou seja, essas outras atividades – bancos, indústrias, comércios e ferrovias – surgiram por causa do café, para servir a economia do café.

Em fins do século XIX, o Sul de Minas Gerais também receberia influências da expansão da economia cafeeira, estimulando o crescimento urbano na região. O café também foi o responsável pelas transformações econômicas ocorridas em Minas Gerais, com destaque

para a Zona da Mata. Entretanto, o Sul de Minas Gerais também conseguiu usufruir dos benefícios trazidos pela rubiácea.

A dinâmica gerada pela economia cafeeira possibilitou que no Sul se desenvolvessem as ferrovias, a partir do terceiro quartel do século XIX, que serviram para facilitar o transporte das mercadorias e aumentar os lucros gerados pelo café. Não só as ferrovias foram extensão da economia cafeeira no Sul de Minas, mas também as indústrias (a partir de 1889), o comércio e a rede bancária (estes últimos principalmente a partir do século XX).

A cafeicultura no Sul de Minas se expandiu pelos municípios de Aiuruoca, Jacuí e Baependi, no Vale do Rio Sapucaí, em fins do século XVIII (FILETO & ALENCAR, 2001). Na segunda metade do século XIX, o café ganharia espaço mais para o Norte e o Oeste, alcançando Lavras, Nepomuceno, Perdões, Bom Sucesso e Campo Belo. Ao Leste, as fazendas de café avançariam pelas localidades de Monte Santo de Minas, São João da Fortaleza (hoje Arceburgo), Santa Bárbara das Canoas (Guaranésia) e Cabo Verde. Todas estabelecidas como extensão da expansão do Oeste paulista (OLIVEIRA & GRIMBERG, 2007).

Ao longo da segunda metade do século XIX a cafeicultura começou a deixar o Vale Paraíba e se expandir pelas regiões paulistas do Oeste Velho (Campinas) e poucos anos depois invadiria o Oeste Novo (Ribeirão Preto) com grandes plantações. Havia largas extensões de terras férteis e de boa topografia. Na província de São Paulo a mão-de-obra escrava vinha sendo substituída pela corrente imigratória européia, composta principalmente de italianos, devido a Lei do Ventre Livre e os constantes movimentos abolicionistas. No mesmo contexto a rápida expansão da rede ferroviária facilitou enormemente o escoamento das produções (SEMEGHINI, 1991).

Com relação à mão de obra escrava, Lefort (1950) afirma que no ano de 1871, Minas Gerais tinha 340.000 escravos. Destes 1427 viviam em Varginha, sendo 725 homens e 702 mulheres. “Dados à lavoura dela faziam grande fonte rendas, para o seu senhorio”. (LEFORT, 1950 apud SALES, 2003:166).

Para Rubião (1919) o ano de 1888, data da libertação dos cativos, veio encontrar o município da Varginha no período mais complexo do seu desenvolvimento econômico. Segundo o autor, “a transformação da antiquada lavoura da cana que então se fazia em larga escala no município de Varginha, com detrimento das nossas matas sacrificadas brutalmente nas fornalhas dos engenhos, pela nova lavoura do café que exigia um pessoal escolhido e numeroso, se fazia lentamente numa atmosfera de dúvidas e incertezas”. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:166).

Às vésperas da abolição da escravatura, a elite econômica, política e social varginhense apresentava-se tensa e insegura quanto ao destino de seus bens mais caros e rendosos. Nesse

sentido, uma Ata da Câmara Municipal em sessão do dia 20 de abril de 1888, propõe um apelo aos fazendeiros da cidade para que se reúnam com o propósito de discutir o futuro econômico de Varginha:

> Pelo o Presidente, foi proposto que atendendo ao estado anormal em que se achão as relações dos escravos para com os senhores e temendo um desastre para a lavoura, em consequencia da imigração de escravos para os pontos em que são mais protegidos na cenda da liberdade que buscão, esta Camara dirigisse a todos os fasendeiros e passividores de escravos municipio, um apello para uma reunião nesta Cidade, no dia trez de Maio do corrente anno, afim de tratar-se da transsição do trabalho servil ao livre, e que esta apelo fosse publicado pela emprensa. (ATA DA CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA, 1888).

O presidente da Câmara, cuja função equivalia à de prefeito, o Major Evaristo Gomes de Paiva, tinha ciência do cenário conturbado que se configurava na cidade, em reflexo das lutas abolicionistas seguidas da mesma agitação que assolava o Brasil como um todo. O estado atípico em que se deparava as relações entre escravos e senhores evidenciava a vontade que aqueles detinham de se libertarem dos grilhões. Ante a percepção do inevitável, a elite da cidade se reúne para discutir as medidas necessárias para realizar a transição do trabalho servil para o livre com os menores danos possíveis à economia municipal e, consequentemente, às suas próprias.

Por efeito da compreensão de iminência do fim da escravatura, os fazendeiros, através da Câmara Municipal que de fato os representava, preocupavam-se em substituir a mão de obra escrava por meio da imigração europeia, trazendo principalmente italianos para as lavouras varginhenses. A atitude consistia em medida puramente pragmática, erigida sobre um paradigma exclusivamente econômico.

Nas últimas décadas de escravidão, a quantidade de cativos era grande em Varginha, organizado primordialmente nas lavouras como foi dito anteriormente. “Porém, antes mesmo da abolição, muitos fazendeiros da cidade já os tinha alforriado, como em algumas fazendas pelo Sul de Minas” (SALES, 2003:168). O fato de a reunião ser marcada para dez dias antes do fim da instituição escravista demonstra o apego à instituição servil e desespero da elite econômica quanto à perda de seus bens produtivos. Após a abolição, entretanto, não há nas Atas nenhuma alusão sequer à situação do negro, agora liberto, na cidade de Varginha.

De acordo com Luiz José Álvares Rubião, um memorialista do início dos novecentos, a substituição da cana pelo café, pela qual as lavouras varginhenses passavam, que dependia de mão de obra intensa e numerosa, ocorria de maneira lenta em meio a um cenário de dúvidas e incertezas. Dessa maneira, se fazia necessário novos braços para assumir as atividades dos escravos, já escassos na cidade. Segundo ele, a imigração italiana teria salvado a lavoura, bem a economia de Varginha.

Sales (2003) destaca que a raça negra, com seu braço teve uma decisiva influência da raça negra no desenvolvimento de Varginha, principalmente quando da introdução da cafeicultura antes do início da imigração italiana (SALES, 2003:167).

Com efeito, a influência do elemento negro no desenvolvimento econômico de Varginha, hoje importante centro agropecuário e industrial sul-mineiro foi decisiva, principalmente pelo comércio e exportação do café para outros países.

Com a intensificação do processo imigratório de brancos europeus em 1847, consistia em estratégia econômica a fim de solucionar o problema que a mão de obra já infligia aos senhores de escravos, bem como acelerar a europeização/embranquecimento do Brasil, pretendido inclusive como um processo civilizatório. De fato, a cidade, tendo acompanhado São Paulo no que se refere tanto ao crescimento econômico quanto à produção de café, se apoiou na imigração italiana para alcançar o progresso. A partir de 1888, a onda imigratória que trazia estrangeiros principalmente da Itália para o Brasil chegou à Varginha, ramificados de São Paulo. Os italianos passaram então a se ocupar das plantações de café, tendo se tornado posteriormente negociantes, proprietários, industriais, etc.

O Sul de Minas era uma área rica em terras férteis e baratas e passou a ser procurado como terreno adequado para abrirem fazendas de café em seu território.

Segundo Oliveira e Grinberg:

> (...) em alguns casos, eram famílias de agricultores apenas em busca de terras novas. Em outros, eram familiares de proprietários de casas comissárias ou de casas bancárias. Como as terras eram baratas, alguns imigrantes italianos que trabalhavam originalmente como colonos, depois de guardarem algum capital e recorrerem ainda a parentes, conseguiram se tornar proprietários. Outros fazendeiros começaram como tropeiros ou carroceiros, transportando sacas de café em lombo de burros. Posteriormente, investiram em terras, transformaram-se em produtores, mas alguns não deixaram de comercializar, justamente para financiar a sua própria atividade agrícola. Da mesma forma, funcionários de casas comissárias, encarregados de comprar o café diretamente dos fazendeiros, poupavam e investiam em terras, e se tornavam produtores. (OLIVEIRA & GRIMBERG, 2007; 20).

Portanto, terras férteis em abundância e quase a custo zero, mão-de-obra ociosa, expansão das linhas ferroviárias e, principalmente, um longo período de preços atraentes do café explicam a rápida expansão cafeicultora no Sul de Minas.

Pires (2004) ressalta a importância do desenvolvimento da cafeicultura do Sul de Minas e sua relevância comparada à produção da Zona da Mata, que somadas nos dão a produção total mineira:

> Nos anos 70, a produção mineira era a segunda do país. Suas exportações representavam 27% das nacionais. Até aquela data, a quase totalidade do café exportado era produzido na zona da Mata. A partir do final da década de 80 o café passou a ser cultivado com maior intensidade no Sul de Minas (...); com isto, aumentou o peso do produto sul mineiro no cômputo total das exportações. Até o final do Império, a maior parte do café exportado vinha da

> zona da Mata. **De uma participação de cerca de 20% das exportações no início da década de 90, o café sul mineiro passou a 30% do valor total exportado nos primeiros anos do século XX, mantendo-se nesta posição até 1930.** A zona da Mata continuou como a região produtora principal. (...) (GIROLETTI Apud PIRES, 2004). (grifo nosso).

O café trazia consigo a eletricidade, o automóvel e o telefone, os tecidos finos, o calçamento das ruas e a construção de teatros e outras "novidades". Portanto, a economia do sudeste brasileiro em finais do século XIX foi marcada pela expansão cafeeira, acompanhada por uma ideologia progressista de modelo francês que determinaria os caminhos do *progresso e civilização.* Varginha, não esteve alheia a este processo, principalmente quando o café começou a se expandir pela região sul-mineira e lentamente caminhou para se tornar o seu principal produto no início do século XX.

Foi na expansão da economia cafeeira no Sul de Minas Gerais que se desenvolveu a cidade de Varginha, que inicialmente era chamada de Espírito Santo da Varginha, tendo sido emancipada de Três Pontas, em 1881.

As principais atividades econômicas de Varginha eram o comércio e a cafeicultura. A cultura do café foi introduzida no município por volta de 1870 (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003), mas ganhou maior destaque econômico a partir do século XX, e eram comuns elogios quanto ao desenvolvimento da cultura no solo varginhense, como se vê a seguir:

> As terras do município são ubérrimas e prestam-se a qualquer cultura. (...) O município de Varginha é o verdadeiro Eldorado do Café do Sul de Minas, sendo esta preciosa rubiácea muito conhecida e apreciada em todos os mercados – nacionais e estrangeiros – pela sua excelente qualidade que igual não se encontra em parte nenhuma (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003:284).

Sobre a ascensão da cultura:

> O café constitui a principal fonte de riqueza do município. Depois (...) da Zona da Mata, Varginha é o município do Estado de Minas que mais café exporta, com a diferença que por sua qualidade, o Café "Varginha" é reputado único e excepcional (...). O grau de desenvolvimento a que atingiu a lavoura do café neste próspero município, deve-se à prodigiosa fertilidade da terra, cuja composição química mais homogênea e resistente à vida do cafeeiro, faz que se avantaje até mesmo a terra cafeeira por excelência, que é São Paulo. (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003:284)

O café foi, pelo que se vê com essas citações, a primeira grande riqueza de Varginha e os elogios a cultura na cidade continuam:

> O nosso café, de tão excelente qualidade, é superior a todo o congênere do Brasil, café especialmente encomendado pelos mercados consumidores do velho continente, ante a sua qualidade superlativa e seu aprimorado beneficiamento, chegando ao requinte de alguns importadores de Gênova exigir café de Varginha e da Fazenda tal, como acontece com o café *tipo Emílio*, da propriedade agrícola do Cel. Emílio de Rezende (...) A cultura do café dilata-se por todo o município, cultivada com esmero e ótimos resultados pecuniários, mantendo, em trabalho permanente pelas fazendas,

> numerosas colônias, que fazem o operariado valoroso do seu progredimento, refletindo-se, na ampliação da cidade e seu desenvolvimento, como consequência da prosperidade agrícola. (FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:281).

Tendo importância acentuada, assim como a atividade da cafeicultura, o comércio varginhense servia não apenas ao próprio município, mas também à vizinhança. A cidade apresentava certa dinâmica comercial que outros municípios do sul mineiro não apresentavam:

> O comércio de Varginha pode ser considerado o mais importante de todo o Sul de Minas, pois importantes casas atacadistas servem as praças de Elói Mendes, Três Pontas, Dores de Boa Esperança, Campos Gerais, Paraguaçu, Carmo da Cachoeira e Vila Nepomuceno (...). O comércio de Varginha é representado por casas atacadistas muito importantes. Pode-se afirmar, sem receio de exagero, que Varginha é o grande empório comercial do sul-mineiro. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:277)

Com a decadência generalizada das exportações locais não-cafeeiras na década de 1880 reflete a substituição pela produção do café e o surgimento de novas rotas de escoamento. No último quartel do século ocorre grande expansão da malha ferroviária, facilitando o transporte direto para os mais importantes mercados do país.

Nesse sentido, destacamos que a expansão das Estradas de Ferro rumo ao Sul de Minas significou maior intensificação da conexão entre a região e o restante do país, aprofundando suas relações econômicas, sociais e culturais com praças como São Paulo e Rio de Janeiro.

Com efeito, o surto ferroviário alteraria radicalmente as feições da economia cafeeira e sua estruturação no território nacional. Tendo como vetores as linhas da estrada de ferro, surgiria a rede urbana, definindo-se em grande parte em função da ferrovia os municípios que desempenhariam as funções de centros e pólos regionais. A expansão cafeeira, além de modificar fundamentalmente as condições de transporte, repercutiu também na economia do país, com a valorização das terras próximas às ferrovias, decadência de cidade e regiões mais afastadas, imposição da monocultura e favorecimento da urbanização, dentre outros aspectos marcantes no processo (SEMEGHINI, 1991).

Dessa forma, a chegada da ferrovia representou verdadeira transformação na economia do Sul de Minas. No processo de produção ela permitiu o aumento das margens de lucro por reduzir o custo do frete e eliminar perdas. A ferrovia facilitou também o deslocamento da mão de obra, requisito essencial na formação do mercado de trabalho.

O surgimento da ferrovia, em Varginha, no final do século XIX, foi um marco importantíssimo para o desenvolvimento econômico da cidade e da região sul de Minas Gerais.

A ferrovia chegou à cidade em 1892. Assim, as distâncias entre Varginha e outros municípios seriam percorridas mais rápido, graças à modernidade na época, que contou com investimentos financeiros de Matheus Tavares da Silva para ser inaugurada. O então primeiro

presidente da Câmara e dono da maior riqueza de Varginha, no período de 1882 à 1883, negociante, comerciante, dono de grandes extensões de terras e detentor de muitos escravos7, faleceu em 1905, deixando dois filhos e cinco netos. Em relação à ferrovia, afirma Sales (2003):

> É indubitável que a passagem da via férrea por Varginha contribuiu enormemente para o desenvolvimento da cidade e da região. No entanto, a notícia da inauguração recebeu apenas uma pequena nota, sem título, no Minas Gerais, órgão oficial dos poderes do Estado, coluna 'Várias Notícias', em 30 de maio de 1892: "Foi inaugurada a Estação da Varginha, da Companhia Muzambinho" (SALES, 2003:180).

No fim do século XIX e início do século XX o processo de imigração italiana veio a fortalecer a economia da cidade, fazendo se desenvolver relações de trabalho mais próximas às relações capitalistas de produção. Varginha foi um dos municípios que mais receberam imigração italiana no Brasil neste período.

O memorialista Rubião (1919) relata que a imigração italiana salvou a lavoura do café, pois não se podia contar com a mão de obra dos negros recém-libertados, os fazendeiros locais contrataram então para suas fazendas as primeiras famílias de imigrantes italianos. Em relação à imigração italiana no município de Varginha:

> E essa imigração, por felicidades de nossa terra, ao invés de ser uma escória social das velhas cidades do velho mundo, foi, antes uma lasca de rocha viva da nacionalidade italiana, quase todos dos campos e aldeias – lombardos, toscanos, vênetos, etc. Robustos energéticos, ativos e econômicos, supriram cabalmente o vácuo aberto na lavoura do café pela falta de braços. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:173).

Lefort (1950) aponta para a importância e a influência da imigração italiana no município:

> Uma dessas correntes migratórias no ano de 1888 estabeleceu-se em Varginha foi a italiana. Ramificada de São Paulo e acrescida de novos elementos do velho mundo. Aqui se entregou à cultura, sua primitiva especialidade, abastecendo os mercados do país com a preciosa rubiácea. Após terem iniciado sua vida na agricultura, muitos dos trabalhadores. Italianos, um dia, se viram capitalistas, negociantes, fortes, proprietários abastados, industriais ativos, colaborando eficazmente, no soerguimento das riquezas naturais do município. Varginha lhes deve o impulso econômico e grande parte de seu progresso quer na indústria, quer no comércio, quer nas profissões liberais. (LEFORT, 1950 apud SALES, 2003:174).

Outro fluxo considerável foi o de imigrantes sírio-líbaneses, que ocorreu nas primeiras décadas do século XX, imigrantes estes que viviam em sua maior parte do comércio de produtos da capital paulista. A imigração se perfaz em maior número em Varginha com italianos, mas vieram levas de portugueses, espanhóis, alemães, argentinos e, em menor número, asiáticos.

De acordo com Sales (2003) os imigrantes italianos iniciaram um processo de miscigenação com a população varginhense que acarretou profundas modificações nos hábitos e

na cultura locais.

O café, produto de suma importância para a economia do município, estava diretamente ligado à indústria. "Entre os principais estabelecimentos industriais, destacam-se os destinados ao beneficiamento e rebeneficiamento do café, todos localizados em proximidade da estação férrea de Varginha" (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:280). Destacavam-se, também, alguns produtores de: aguardente, rapadura, manteiga, e as oficinas mecânicas.

Fator também importantíssimo para o progresso de qualquer região é o desenvolvimento das instituições bancárias. "Como elementos propulsionadores do grande comércio varginhense, que se irradia por grande extensão do sul do Estado, de modo a dar-lhes merecidamente a primazia comercial, conta a cidade com dois magníficos estabelecimentos". (FONSECA & LIBERAL, 1920 apud SALES, 2003:281).

Em 1915, foi inaugurada na cidade uma agência do Banco Hypotecário e Agrícola do Estado de Minas Geraes. Também foi inaugurada nessa época uma agência do Banco do Brasil.

> As necessidades crescentes de nossa lavoura, o movimento sempre em progressão do nosso comércio, o lugar em destaque que gozava no Sul de Minas, Varginha, como centro produtor e comercial do café, vinha de longa data exigindo um estabelecimento de crédito nesta praça. É admirável, como pode esta cidade, com uma pletora enorme de capitães, com um recorgitamento crescente de economias, com um vai-vem contínuo de transações, sustentar toda uma enorme circulação fiduciária sem uma casa bancária. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003:281;282).

Vimos então, com a ajuda da historiografia, como Varginha passou de um arraial a uma cidade na transição do século XIX para o século XX, observando seu crescimento urbano e modernização, com o aumento do número de ruas e casas, além da introdução e importância do café para a cidade na época. Chegamos também a observar algumas características dos comércios, das primeiras fábricas, a chegada da ferrovia e os bancos no município. A elite agrária da cidade também foi muito importante para seu progresso. Fazendeiros, plantadores de café e negociantes ajudaram Varginha a fazer sua história.

4. Varginha: aspectos econômicos (1930 - 2012)

Varginha conta com localização privilegiada e estratégica, estando às margens do Lago de Furnas, e ao mesmo tempo equidistante a três grandes capitais do Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

As atividades agrícolas, historicamente consolidadas no município, têm maior expressão na cafeicultura, que constitui atividade propulsora da economia local. O município conta com

diversos armazéns, cooperativas de agricultores, e outras formas de organização empresarial, enfatizando o papel de Varginha na economia nacional.

Tendo em vista sua posição geográfica e a facilidade de aquisição de matérias-primas e escoamento da produção, o município detém indústrias de diversos ramos, com destaque ao beneficiamento de produtos agrícolas e indústrias de transformação, inclusive com a presença de empresas multinacionais. A renda gerada pela agricultura e indústria aquece a economia local, estimulando o investimento em diferentes atividades comerciais e de serviços.

A sociedade brasileira viveu no século XX um amplo processo de transformações socioculturais e econômicas, passando de uma sociedade agrária a uma sociedade com características cada vez mais industriais e urbanas. (MARTINE et al., 1989; MARTINE, 1994). Desde a década de 1930, com a perda de importância do modelo de monocultura agroexportadora cafeeira e o forte impulso de urbanização do país, dado pela intensificação do processo de industrialização, as relações entre os meios rural e urbano vêm sendo intensamente transformadas pela dinâmica própria das condições capitalistas de produção.

A Grande Depressão (1929 a 1933) gerou grandes prejuízos para a cafeicultura e, portanto, para toda a economia brasileira (conjugados à questão da superprodução), pois ela sujeitava-se às condições do mercado externo, o que gerou uma conscientização da dependência que o Brasil tinha da política cafeeira voltada em quase sua totalidade para o mercado internacional, ou seja, a vulnerabilidade de uma economia agroexportadora.

No início da crise houve estagnação da economia em todos os setores, todavia, a partir de 1933 a economia volta a crescer; principalmente o setor industrial, a agricultura voltou a recuperar-se, mas, foi lentamente. E com a solidificação das indústrias a sociedade nacional passou a consumir as mercadorias produzidas internamente substituindo as importações. Isto fez com que muitos cafeicultores desistissem de suas grandes plantações, passando a investir em outros setores, essencialmente o das indústrias. Inúmeros destes fazendeiros começaram a mudar de ramo, porque o mercado cafeeiro era muito vulnerável.

Contudo, a década de 1930 foi um período importantíssimo para o desenvolvimento do Brasil, pois, o que existiam antes eram pequenas fábricas e somente nos anos trinta, começou-se a desenvolver o processo de industrialização brasileira.

Nesse contexto, os mercados consumidores encolheram drasticamente. Em Varginha, também não foi diferente. Diante da crise, os cafeicultores recorreram, como de costume, ao apoio do governo federal que, porém, foi incapaz de dar continuidade à política de proteção ao setor.

Com efeito, a crise de 1929 também foi um importante fator a contribuir para o enfraquecimento político das oligarquias cafeeiras e além disso deixou claro para as elites dominantes a inviabilidade e os limites do modelo de economia agroexportadora.

Com o tempo, a indústria cafeeira (beneficiamento e exportação) ultrapassou a produção (lavoura) na cidade.

Varginha começa a se expandir. Novos bairros surgem. O primeiro deles, a Vila Barcelona, formado em sua maioria por operários.

Na década de 1950, segundo estimativas do Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais, a produção cafeeira representava 85.84% de toda a produção agrícola do município. Já a pecuária era bastante desenvolvida, sobretudo no que se refere ao rebanho bovino que ocupava 76.84%, quanto ao valor dos rebanhos. E a indústria ocupava um papel de destaque na vida econômica da cidade, principalmente a indústria manufatureira e fabril, com 73.88% do capital empregado. Constatou-se, por- tanto, que a base da economia varginhense era a agropecuária, seguida pela indústria manufatureira e fabril.

A cidade nessa época ainda se restringia ao “miolo” do centro. As casas terminavam na avenida Major Venâncio, no “Areião” (Fátima), na Vila Barcelona e nas Três Bicas. Bairros como Catanduvas, Jardim Andere, Bom Pastor ainda não existiam, eram considerados zona rural.

A evolução industrial por que passa Varginha, só começa significativamente a partir de meados da década de 1950, com a instalação da CBC Indústrias Pesadas S.A., inicialmente denominada "Companhia Brasileira de Caldeiras" e "Companhia Brasileira de Caldeiras e Equipamentos Pesados", respectivamente, fundada em setembro de 1955, foi um marco na industrialização de Varginha, embora modesto em fins dos anos 50. Veio para a cidade antes mesmo de Varginha possuir instituições para formar mão-de-obra, cuja implantação foi mais notória nas décadas de 1960 e 1970. Era a maior empresa da cidade, chegando a ter 3.000 funcionários.

Começam a ser criadas regionais dos governos estadual e federal. A era do ensino superior tem início em 1965, com a primeira escola de ensino superior (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras). Nos anos seguintes são criadas a Faculdade de Direito de Varginha, Faculdade de Ciências Contábeis e de Administração, a Faculdade de Engenharia Mecânica (a hoje extinta Fenva) e a Fepesmig, que se tornou, depois, Centro Universitário do Sul de Minas. Mais recentemente, Unifenas e Unifal.

A partir da década de 1970 intensifica-se o processo de industrialização da cidade e a modernização na produção cafeeira. A vocação agrícola de Varginha foi sendo substituída

gradativamente pela indústria e prestação de serviços. O mesmo ocorreu com o café, com os números da torrefação e da exportação mais expressivos do que a lavoura do município, gerando renda para a cidade. Essa adaptação ao mercado e aos novos tempos permitiu à Varginha ser a segunda praça de comércio de café do mundo, só perdendo para Santos, no litoral de São Paulo.

O parque industrial contemporâneo de Varginha começou a tomar forma com empresas como Moinho Sul Mineiro, Café Bom Dia, Polo Film, Plavigor, FL Smidth, Heatmaster, CBC e Cooper Standard.

Nos anos 1990, o crescimento das regiões sul e sudoeste de Minas Gerais proporcionou a instalação, em Varginha, em 1993, da Estação Aduaneira do Interior ou EADI mais conhecida como Porto Seco do Sul Minas, sendo a primeira a entrar em funcionamento no Brasil. As estações foram criadas na década de 1990 pela Secretaria da Receita Federal com o objetivo de aliviar o fluxo de mercadorias nos portos, aeroportos e pontos de fronteira em todo o país. Com isso, há mais agilidade na liberação das mercadorias uma vez que os procedimentos aduaneiros são realizados próximo ao estabelecimento dos importadores/exportadores.

Segundo a Receita Federal, no ano de 2012, o Porto Seco de Varginha exportou cerca de U$ 119,641 milhões em mercadorias.

Atualmente, a cidade é um dos principais centros de comércio e produção de café do Brasil. De acordo com o IBGE (2010), a economia de Varginha possui como principais setores econômicos o Serviço e a Indústria. E ainda segundo o instituto, o município, no ano de 2012, tinha o maior PIB da Região do Sul de Minas, cerca de R$ 4.007.089.000,00 e um dos maiores do estado. O setor terciário ocupa 53,2% do total da população economicamente ativa, o setor secundário ocupa 34,3% e o setor primário 12,5%. O município possui um parque industrial e uma rede de saúde de destaque, sendo a principal sede de serviços públicos no Sul de Minas.

HISTÓRICO DO BEM CULTURAL

Varginha aparece no rol das cidades que contavam com produção industrial e de café, e apareceria também entre aquelas que eram servidas pelas linhas do transporte ferroviário. O município viveu sua *belle époque*, segundo Sales (2003), do período compreendido entre 1881 e 1913. Marcada pelo desenvolvimento social e econômico, a cidade se fez um centro de expressão regional a partir da criação do município e da cidade em 1881 e 1882, a abolição em 1888, a ascensão à sede de comarca em 1890, a implantação da estrada de ferro em 1892 e a imigração italiana em fins dos oitocentos e começo do século XX, na prática determinaram o progresso de Varginha no transcurso dos novecentos.

A decadência generalizada das exportações locais não-cafeeiras na década de 1880 reflete a substituição pela produção do café e o surgimento de novas rotas de escoamento. No último quartel do século ocorre grande expansão da malha ferroviária, facilitando o transporte direto para os mais importantes mercados do país.

Nesse sentido, destacamos que a expansão das Estradas de Ferro rumo ao Sul de Minas significou maior intensificação da conexão entre a região e o restante do país, aprofundando suas relações econômicas, sociais e culturais com praças como São Paulo e Rio de Janeiro.

Paralelamente, as transformações nas relações socioeconômicas pelas quais Varginha passou na transição do XIX para o XX – crescimento e desenvolvimento da cidade, cultivo do café, surgimento das indústrias, intensificação do comércio, desenvolvimento da ferrovia e dos bancos – direcionavam Varginha para uma maior integralização com mercados externos, fazendo crescer as relações capitalistas de produção.

A cidade, nessa perspectiva, vinha se consolidando como um núcleo urbano de importante atuação aos parâmetros de condições técnicas sociais e econômicas daquela época, tornando-se um entreposto comercial de raio inter-regional. Nesse sentido, foi com a chegada da estrada de Ferro Muzambinho em 1892, que ao extrapolar as terras paulistas e atingir a região do Sul de Minas Gerais, fez Varginha ampliar e dinamizar consideravelmente seu campo de atuação mercantil.

Com efeito, a chegada da ferrovia, em fins do século XIX, representou uma verdadeira transformação na economia do município. A construção da estrada de ferro dinamizou a comercialização do café, incrementando as relações com o Rio de Janeiro e São Paulo e; a era ferroviária representou o primeiro passo para despir a cidade das antigas roupagens coloniais.
O café trazia consigo a eletricidade, o automóvel e o telefone, os tecidos finos, o calçamento das ruas e a construção de teatros e outras “novidades”.

Foto 01 - Estação Ferroviária, Varginha - 1910. Acervo: Museu Municipal de Varginha

Durante o século XIX e início do século XX, foram utilizadas as lâmpadas a gás, em grande quantidade. Com o advento da eletricidade iniciou-se o fornecimento de energia elétrica, mais precisamente da iluminação pública, substituindo-se a iluminação a gás pela elétrica.

A iluminação pública a gás de acetileno chegou à cidade no ano de 1902. A chegada da iluminação pública levou ao ordenamento do espaço urbano e a implantação de serviços e equipamentos objetivando a qualidade de vida da população, e ainda o embelezamento urbano, favorecendo o comércio, esporte e lazer noturnos.

Em 1910, com o intuito de atender à demanda de energia das cidades de Varginha e cercanias, a Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi realizou um estudo em determinado trecho do Rio Verde para a construção de uma central geradora de energia elétrica, denominada à época "Usina da Barragem do Braço Seco".

Por outro lado, a iluminação a gás, em 1911, segundo Rubião (1919), "vinha se mantendo muito deficiente e falha, e mesmo, com os novos progressos da aplicação da energia elétrica, já se ressentia de grande atraso. Então, pela Câmara Municipal, da qual era presidente o Major Manoel Joaquim da Silva Bittencourt, foi contratada com a empresa Vivaldi, a iluminação, bem como o abastecimento de energia elétrica para o consumo industrial da cidade, sendo o respectivo contrato firmado em 17 de Fevereiro de 1912" (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003: 299).

Sobre o contrato firmado entre o município e a Companhia Vivaldi, citamos alguns trechos da Proposta nº 3, datada de 1º de fevereiro de 1912 (Rio de Janeiro) e dirigida à Câmara Municipal de Varginha pela referida empresa:

> Proposta para iluminação elétrica da cidade de Varginha e fornecimento de energia elétrica para fins industriais, que fazem a Vivaldi e Cia., mediante privilégio exclusivo por vinte e cinco anos, os proponentes se comprometem:
> 1.º - Fazer n'este Município, uma instalação hidroelétrica para uma energia ou força superior a 500 cavalos-vapor, que habilitem atender qualquer pedido de força-motriz às indústrias que se fundarem no Município. (...) 4º. – Adaptar na iluminação pública e particular, lâmpadas do tipo Edison, munidas de refletores esmaltados. (...) 6º. – Empregar na iluminação pública postes de aço Mannesman, com altura nunca inferior a 6 metros, pintados com decência e colocados com firmeza. (...) 8º. – Iluminar gratuitamente com 6 lâmpadas de 32 velas cada uma, o Fórum e a cadeia, que vão ser construídos n'esta cidade, a Santa Casa de Misericórdia e o Theatro Municipal, quando este for ocupado pela Municipalidade para qualquer fim e quando for ocupado por qualquer empresa teatral, caberá ao concessionário o direito de cobrar a luz que foi consumida. (...) 10º. – Fazer gratuitamente as instalações particulares. (...). (VIVALDI & CIA, 1912: Proposta de Concorrência Pública Nº3)

A construção denominada Usina do Braço Seco ou Usina da Ilha Grande data de 1912. Era de propriedade da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi, e foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República Dr. Wenceslau Braz e pelo Governador do Estado de Minas Gerais Dr. Delfim Moreira. Por volta de 1917, a Usina Elétrica da Companhia Vivaldi passou a se chamar Companhia de Eletricidade Sul-Mineira. Além da Casa de Pedra, outras estruturas compõem o conjunto arquitetônico da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas compostas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio.

O complexo da Antiga Usina da Ilha Grande está inserido na área rural de Varginha, no Bairro Penedo, a cerca de quatorze quilômetros do centro da cidade. O acesso ao complexo se dá por estrada de terra, aproximadamente a 500 metros, a montante, da ponte da BR-491, na margem esquerda do braço direito do rio Verde.

Este conjunto arquitetônico foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística. A usina dispunha de capacidade de geração de energia que atendia a cidade de Varginha e a uma grande quantidade de municípios, favorecendo o crescimento e desenvolvimento industrial e econômico do sul de minas, o que denota a sua importância histórica para a memória do setor energético e do desenvolvimento da região.

Foto 02- Vista Aérea do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Usina Ilha Grande. Varginha - 2001. Acervo Silvio Bottrel Guimarães

No início do século XX, não existia geração nem tampouco distribuição de energia elétrica na região do sul de minas, e a Usina viria substituir as lamparinas e lampiões, tanto usada nas residências como nas iluminações das praças públicas, bem como alavancar o início da industrialização no sul de minas.

Com relação à inauguração da energia elétrica em Varginha, Capri (1918) nos relata:

> A Companhia Vivaldi, em 12 de Abril de 1914, inaugurou uma poderosa Usina hydro-elétrica, no município da Varginha, e propriamente a 5 quilômetros da cidade, na Ilha do Silvério, aproveitando as quedas do Rio Verde, com 1500 cavalos ou 780 K.W. para fornecer energia elétrica e luz a várias localidades sul-mineiras. (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003: 301).

Rubião (1919) endossa Capri (1918):

> A inauguração da luz elétrica se deu no dia 12 de abril de 1914 e meses depois, quase todas as casas do centro e alguns bairros já possuíam o sistema de luz elétrica. (...) A empresa responsável foi Vivaldi & Comp. Que tinha sua sede situada à Rua Direita, hoje Presidente Antônio Carlos. (RUBIÃO, 1919 apud SALES, 2003: 301).

A imprensa oficial de Minas Gerais publicou a seguinte notícia sobre a inauguração da luz elétrica em Varginha, transcrita abaixo:

> Em Varginha, foi inaugurada domingo a grande usina hidrelétrica, construída pela Companhia Vivaldi, que é, no gênero, um dos mais importantes estabelecimentos do Brasil. (...) A Companhia Vivaldi, aproveitando a força hidráulica do Rio Verde, vai fornecer luz e força a muitas localidades do sul de Minas, dentre as quais se destacam Varginha, Três Corações, Cambuquira, Lambari, Três Pontas, Alfenas, Paraguaçu, Machado, Machadinho entre outras. (...) A parte já instalada da usina pode

> desenvolver 1590 cavalos de força, sendo, porém, sua capacidade muito maior. (...) Já instalaram 8000 lâmpadas particulares, aproximadamente. (...) Entre outras pessoas, assistiram à inauguração os drs. Wenceslau Braz [Pereira Gomes], vice-presidente da República, e Delfim Moreira [da Costa Ribeiro], presidente [governador] eleito de Minas Gerais.
> (...) Partiu sábado, do Rio, uma comitiva, às nove e meia da noite, em carro reservado, ligado ao noturno de luxo, até Cruzeiro, seguindo daí, em trem especial da Rede Sul-Mineira, para Itajubá, os drs. Wenceslau Braz, Delfim Moreira, senador Bueno de Paiva, deputado Christiano Brasil. Dr. Theodomiro Carneiro e outras pessoas gradas. (...) A comitiva do Rio compõe-se, entre outras pessoas, das seguintes: Dr. Américo Werneck, sr. J. W. Applin, diretor do British Bank, e senhora; sr. Christiano Hecker, diretor do Deutsch Bank, e senhora; drs. Osório de Almeida e Osório de Almeida Filho; sr. João Machado, diretor da Estrada de Ferro Bahia e Minas; dr. Veríssimo de Mello; dr. Domingos Lousada, presidente da Companhia Luz e Força de Minas Gerais; senador Leopoldo de Bulhões; dr. Hermenegildo de Moraes; dr. Urbano de Gouveia; Vivaldi Ribeiro, presidente da Companhia Vivaldi, e representantes da imprensa.(MINAS GERAIS, . Órgão dos poderes do Estado. Ano XXIII, nº 86, p. 8,abril de 1914.)

Sales (2003) relata que numa sessão extraordinária de primeiro de fevereiro de 1912, mesmo não havendo número legal de vereadores para a realização da reunião, foi-se discutido sobre as propostas para a estreia da luz elétrica na cidade. As discussões se estenderam até o ano de 1914, devido à escolha da melhor proposta, dos materiais adequados e do investimento necessário para a execução das obras. Numa reunião extraordinária de 30 de março desse ano, houve a nomeação da comissão que seria responsável pelo evento da inauguração da eletricidade. A ata da instalação da luz elétrica dizia:

> Aos doze dias do mês de abril de mil novecentos e quatorze, as 18 horas (da tarde), no Theatro Municipal, lugar designado para esta sessão especial da Câmara Municipal da Cidade da Varginha, presentes os Exmos. Snrs. Doutores Wenceslau Braz Pereira Gomes, Delfim Moreira da Costa Ribeiro e Dona Jovina de Figueiredo Frota estes paranymphos pelo Exmo. Snr. Capitão Vice-Presidente da Camara foi aberta a sessão, e, convidou o Exmo. Snr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes para tomar assento na presidência, e disse que a Camara Municipal de Varginha em homenagemaos Exmos. Snrs. Drs. Wenceslau Braz Pereira Gomes e Delfim Moreira da Costa Ribeiro resolveu dar o nome de DR. Wenceslau Braz a Rua São Pedro e de DR. Delfim Moreira a Rua Municipal. Em seguida declarou mais o Exmo. Snr. Capitão Vice-Presidente que ia-se proceder a inauguração da luz elétrica. Tomou a presidência o Exmo. Snr. Dr. Wenceslau Braz Pereira Gomes e o Exmo. Snr. Dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro apertando o botão elétrico, fez-se a luz, orando nesta occasião, em nome da Câmara, o Exmo. Snr. Dr. Walfrido Sylvino dos Mares Guia. Eu, Evaristo de Paiva Júnior, secretario a escrevi. (CÂMARA MUNICIPAL VARGINHA. Acta da sessão especial da Câmara Municipal da cidade da Varginha, em 12 de abril de 1914)

Já em 1918, quatro anos após e inauguração, diz-nos Capri (1918):

> A iluminação é elétrica, em todo o perímetro urbano, e a eletricidade são movidas as principais indústrias locais. (CAPRI, 1918 apud SALES, 2003: 301).

Entretanto, para sua construção, o referido estudo apontou a necessidade de se desviar o leito do Rio Verde através de um imenso canal, com aproximadamente 3.000 metros de

comprimento, e que foi aberto através das rochas por trabalhadores braçais, nas condições as mais adversas possíveis.

No final deste canal, e utilizando-se das pedras retiradas em decorrência das obras de sua abertura, foi então construída uma barragem com 6 metros de altura e 116 metros de comprimento. A construção desta barragem em pedra se justificou tendo em vista que à época havia enorme dificuldade em se utilizar cimento, que era importado. Os detalhes de amarração de pedra sobre pedra, na construção do paredão, refletem os padrões da arquitetura e tecnologia da construção civil da época.

Foto 03- Vista Aérea da Ilha e do desvio do Rio Verde, Varginha - 2001. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães.

Foto 04 – Vista parcial da barragem de pedra. Varginha - 2001. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães.

Foto 05 - Detalhe da amarração da barragem de pedra. Varginha - 2001. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães.

No leito natural do Rio Verde também foi construída, alguns anos mais tarde, uma segunda barragem, denominada barragem de equilíbrio, com 2,5 metros de altura e cerca de 80 metros de comprimento, toda em concreto armado, com divisórias de 1 metro cada, para colocação de peças de madeira em sistema de guilhotina.

Essa barragem, com altura máxima na cota 814 metros, mantém o volume de água ótimo do rio e, ao mesmo tempo, em caso de ocorrer um período crítico de seca imprevisível, fecham-se as comportas com pranchões de madeira, que são retirados quando a situação de vazão do rio retorna à normalidade. A altura desta barragem foi determinada de forma a não impedir o retorno dos peixes, na época da piracema.

Da mesma forma foi construído, também através de trabalho braçal, um canal de adução, com 150 metros de comprimento. Suas duas comportas controlam o volume de água de entrada no canal, terminando em três grandes câmaras de carga com respectivas comportas e engrenagens de abertura e fechamento.

Foto 06 – Vista parcial da barragem de equilíbrio. Varginha- 2001. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães.

Foto 07 - Canal de Adução à Casa de Máquinas. Varginha - 2007. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

As três câmaras de carga se comunicam com a casa de máquinas através de três "condutos forçados", com 2,50 metros de diâmetro e 33 metros de comprimento.

A casa de máquinas foi projetada para operar com três turbinas, com seus respectivos canais de descarga que se interligam ao canal de fuga. A edificação apresenta características arquitetônicas de referência inglesa, com cobertura em duas águas. É composta por paredes em alvenaria de pedra granítica de mão, tipo pulmão, assentada com argamassa de saibro e embasamento de pedra por vãos ritmados com vergas em arcos plenos.

Foto 08 - Câmaras de Carga com a Casa de Máquinas. Vargimha-2008.Acervo: Silvio Bottrel Guimarães.

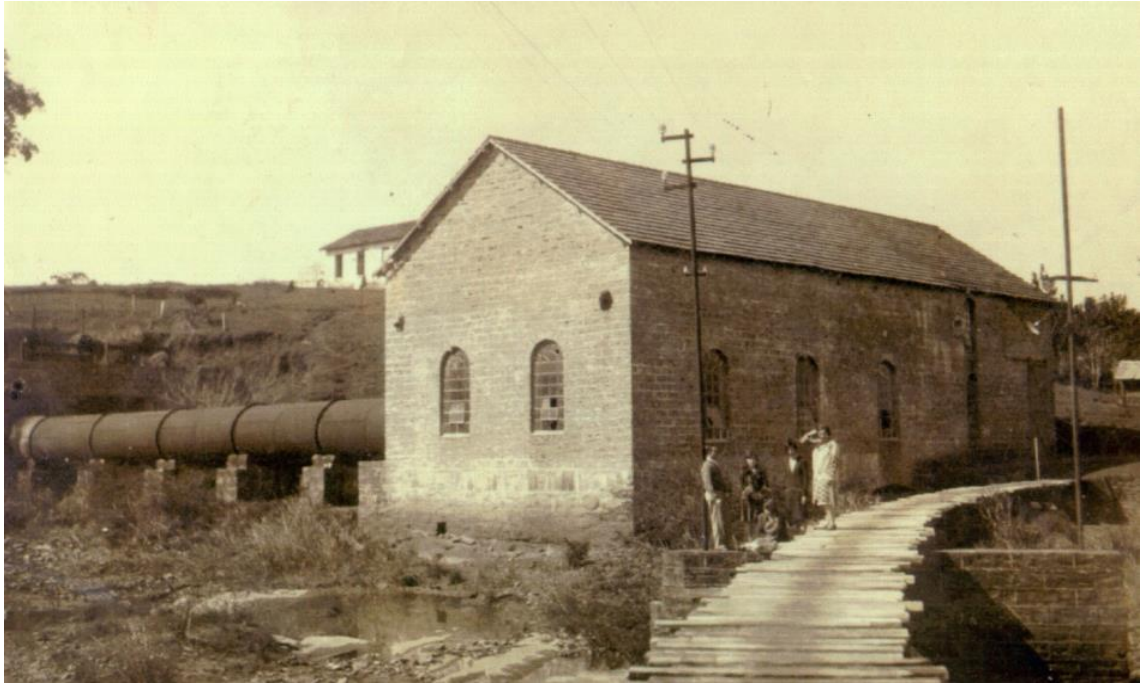


Foto 09 - Casa de Máquinas e Condutos Forçados. Varginha - 1913. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 10 - Casa de Máquinas e Ponte de Acesso. Varginha - 2001. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

De fato, a Usina do Braço Seco, atualmente conhecida como Central Geradora Hidrelétrica do Braço Seco, proporcionou o crescimento e desenvolvimento para cerca de 50 municípios do sul do estado de Minas Gerais, tendo sido o marco inicial de todo desenvolvimento industrial e crescimento da região.

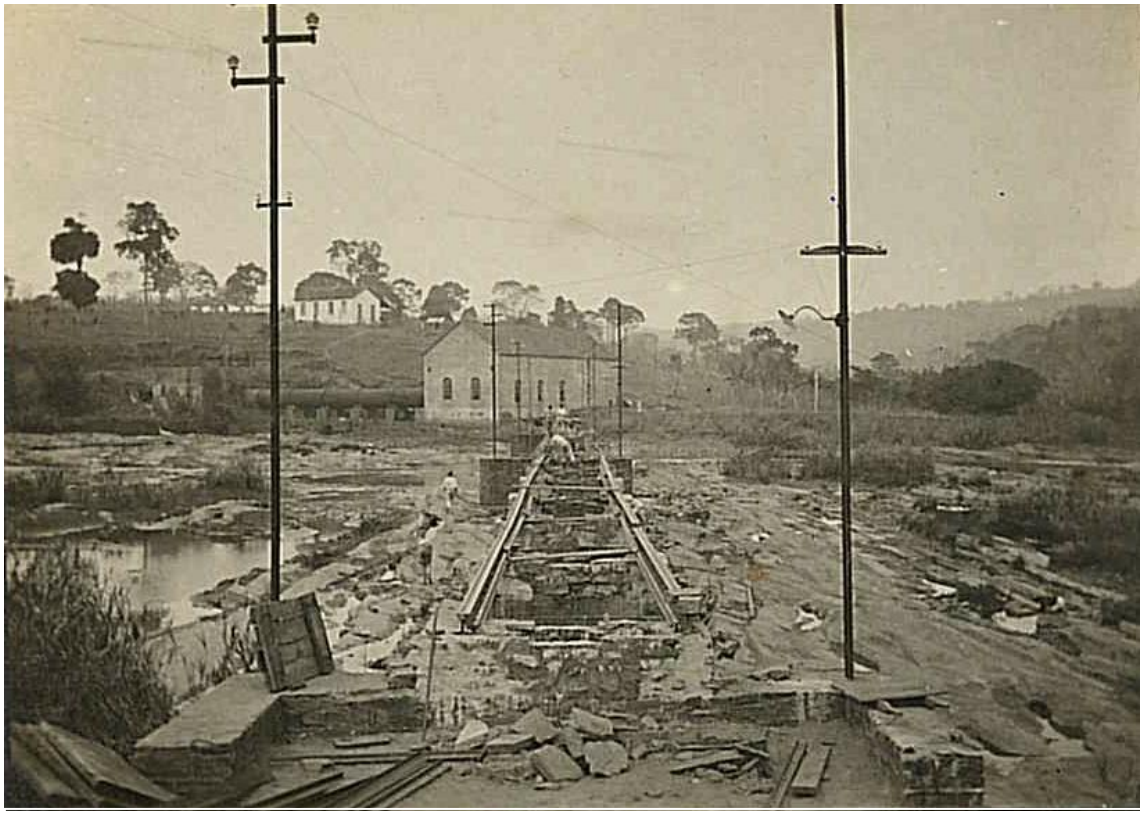


Foto 11 – Construção da ponte de ligação, em concreto, à Casa de Máquinas. Varginha - 1940.
Acervo: Reinaldo Rezende

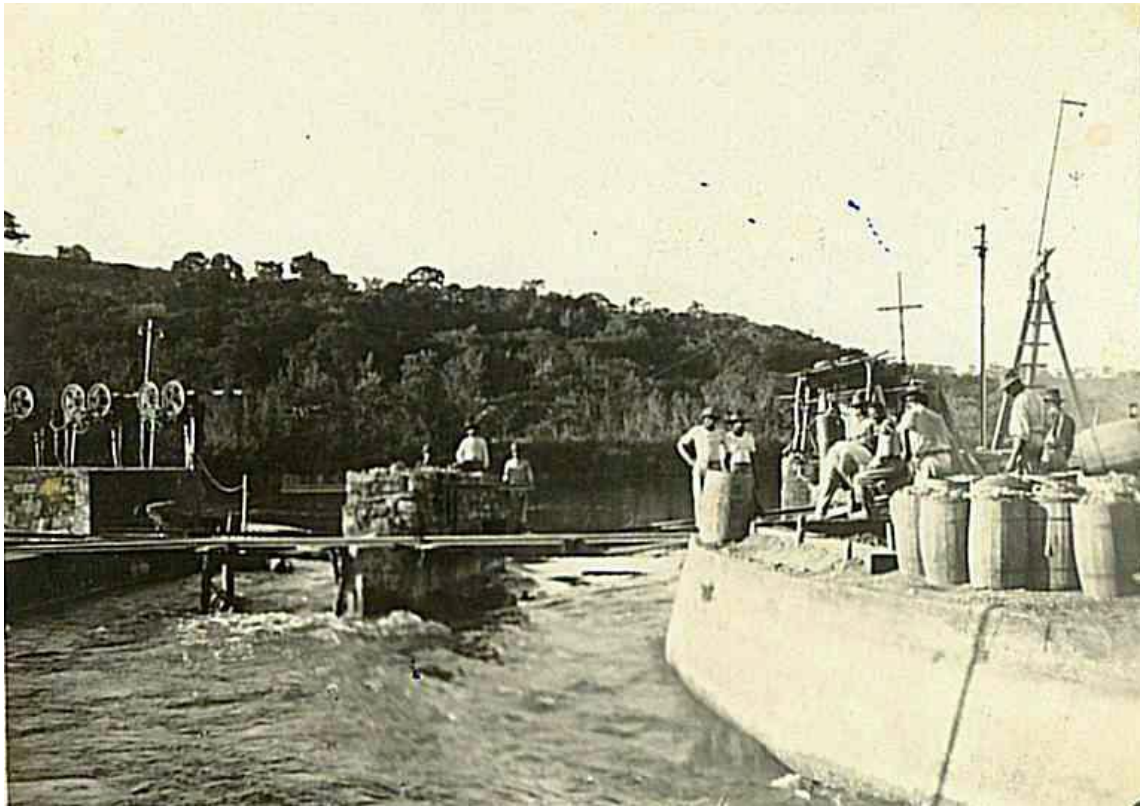


Foto 12 –Vista de uma das comportas desarenadoras do conjunto arquitetônico. Varginha – Década de 1940.
Acervo: Reinaldo Rezende

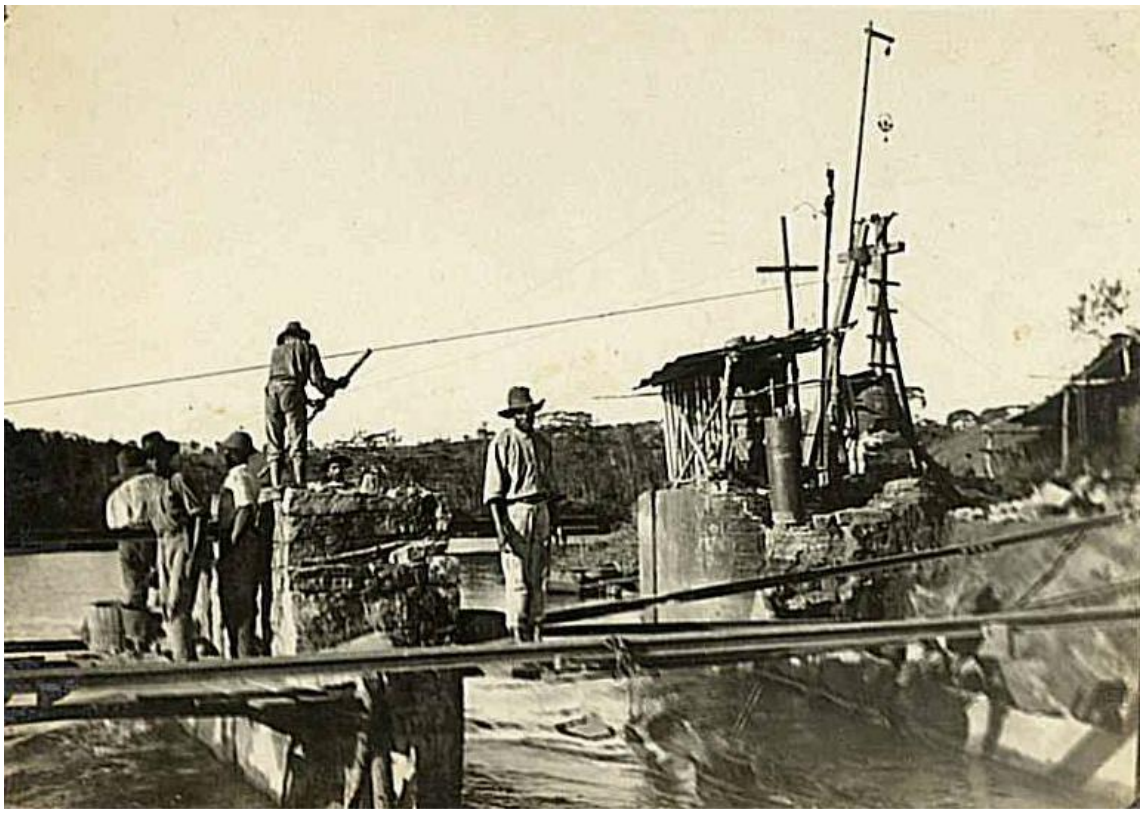


Foto 13 –Vista de uma das comportas desarenadoras do conjunto arquitetônico. Varginha – Década de 1940.
Acervo: Reinaldo Rezende

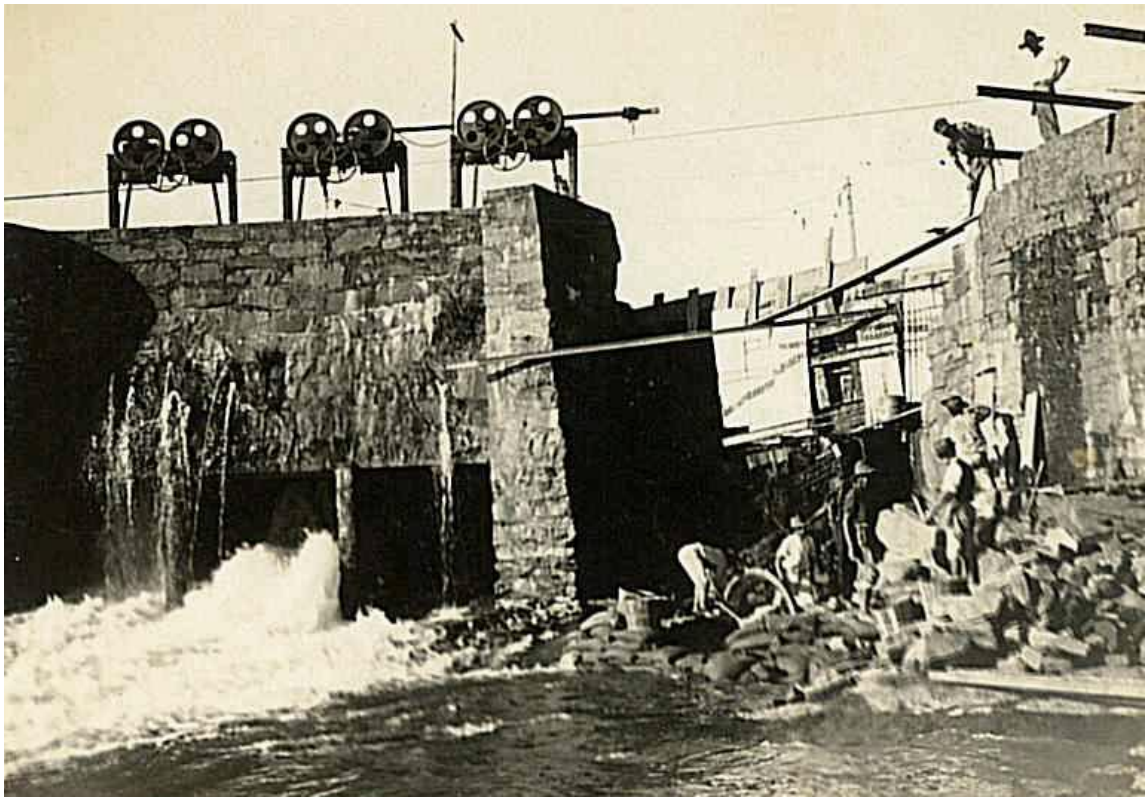


Foto 14 –Vista de uma das comportas desarenadoras do conjunto arquitetônico. Varginha – Década de 1940.
Acervo: Reinaldo Rezende

Foto 15 –Vista da Casa de Máquinas da Usina e entorno. Varginha – Década de 1940.
Acervo: Reinaldo Rezende

Foto 16 – Vista parcial das câmaras de carga, canal de adução e entorno do conjunto arquitetônico.
Varginha – Década de 1940. Acervo: Reinaldo Rezende

Foto 17 – Vista parcial das câmaras de carga, canal de adução e entorno do conjunto arquitetônico. Varginha – Década de 1940. Acervo: Reinaldo Rezende

Foto 17 - Enchente na Ilha Grande, Casa de Máquinas ao fundo. Varginha - 1946. Acervo: Edgard de Paiva Ribeiro

Foto 18 - Enchente na Ilha Grande, Casa de Máquinas ao fundo. Varginha - 1946.
Acervo: Edgard de Paiva Ribeiro

Daí sua importância histórica tanto para aquela região como para o sistema energético do país. Até 1968, a Usina da Ilha Grande funcionou sob a direção da Cia. Sul Mineira de Eletricidade, quando foi comprada e posteriormente desativada pela CEMIG, devido à inauguração de Furnas.

Em 1978, a Agropecuária Barreto adquiriu da CEMIG, através de licitação pública, toda a estrutura desta Usina, mesmo sem turbinas e geradores, com o objetivo de colocá-la novamente em operação. Para tanto, a Agropecuária Barreto mantém ao longo de todos esses anos, a Usina conservada e em condições para ser reativada a qualquer momento.

DESCRIÇÃO DO BEM CULTURAL

A) Casa de Pedra

Edificação de estilo inglês composta de salão principal, sala menor, sanitário e mezanino. Construção em alvenaria de pedra granítica de mão, tipo pulmão, assentada com argamassa de saibro. As paredes internas são revestidas com emboço e reboco tipo paulista. A sua base é toda em bloco de pedra granítica. Sob a edificação havia dois arcos plenos em bloco de pedra granítica que serviam para dar vazão às águas que vinham da turbina.

O canal de fuga que era utilizado para as descargas das três turbinas quando do funcionamento da Usina desaguava no Rio Verde. Após a retirada das turbinas e das tubulações, foram fechados os vãos com tijolos cerâmicos, tipo maciço, assentado com argamassa de cimento, cal e areia, revestido com reboco tipo paulista. As janelas existentes, com vergas em arco pleno, foram todas executadas em esquadria metálica em ferro T do tipo basculante e vedadas em vidro liso e incolor.

A cobertura da edificação se desenvolve em duas águas e foi executada com engradamento de madeira e manto de revestimento em telhas francesas. Interiormente, possui um mezanino em laje de concreto armado. O piso é de concreto e, no local onde ficavam as turbinas, foi construída uma laje maciça de concreto armado. As janelas existentes, com vergas em arco pleno, foram todas executadas em esquadria metálica, em ferro T, do tipo basculante e, vedadas em vidro liso e incolor.

Foto 01 – Vista geral da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle Guimarães

Foto 02 – Vista posterior da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle Guimarães

Foto 03 – Vista lateral esquerda da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle Guimarães

Foto 04 – Detalhe da alvenaria de pedra da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle Guimarães

Foto 05 – Vista interna da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle Guimarães

Foto 06 – Vista interna da estrutura do telhado da antiga casa de máquinas. Varginha – 2014. Danielle Guimarães

B) Conjunto arquitetônico

O Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande localiza-se no rio Verde. O rio Verde nasce nas encostas ocidentais da serra da Mantiqueira, divisa dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, próximo ao pico dos três estados (2665 m), e desenvolve-se no sentido sudoeste-noroeste, percorrendo uma distância de aproximadamente 250 km até constituir um dos braços do remanso do reservatório da Usina Hidrelétrica de Furnas (768 m).

O rio Verde é tributário do rio Grande pela margem direita e têm com afluentes principais os rios Lambari, São Bento e Palmela, à margem esquerda, e os rios Baependi, do Peixe e ribeirão da Espera, à margem direita. Neste trecho do rio encontra-se o Conjunto Arquitetônico, na cota de 812,70 m.

Foto 07 - Vista Aérea da Ilha Grande com seu canal, acesso e entorno. Varginha - 2001
Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

O Conjunto está inserido na área rural de Varginha, no Bairro Penedo, a cerca de quatorze quilômetros do centro da cidade. O acesso ao complexo se dá por estrada de terra, aproximadamente a 500 metros, a montante, da ponte da BR-491, na margem esquerda do braço direito do rio Verde. Toda a área é constituída por árvores de grande porte e outras menores de origem nativa. Várias estradas de terra batida permeiam a região de entorno e outras pequenas

edificações rurais pontuam á área. Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística.

Foto 08 - Vista Aérea da Ilha Grande. Varginha - 2010. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Além da casa de pedra, antiga casa de máquinas, outras estruturas compõem o complexo da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedra e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio (Figuras 01 e 02). No braço artificial direito do Rio Verde encontramos a barragem principal (Foto 09) que conduz o fluxo de água para a antiga casa de máquinas. Ao lado direito da barragem, há uma pequena comporta de fundo desarenadora e duas outras, maiores, também do mesmo tipo, posicionadas a montante, no lado esquerdo da estrutura da tomada d'água. Próximo à entrada do canal adutor, e após as comportas desarenadoras, existe um vertedouro livre de soleira espessa.

Figura 01 - Localização das estruturas que compõem o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande. Elaboração: Danielle Guimarães. Varginha, 2014. Acervo Silvio Bottrel Guimarães, 2007. Legenda: 01 - Casa de Máquinas 02 - Comportas para Alimentação das Turbinas 03 - Casa dos Operadores da Usina 04 - Canal de Adução 05 - Comportas 06 - Ponte de Ligação 07 - Rio Verde 08 - Represa Principal

Figura 02 - Localização das estruturas que compõem o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande. Elaboração: Danielle Guimarães. Varginha, 2014. Acervo Silvio Bottrel Guimarães, 2007. Legenda: 01 - Represa Principal 02 - Ponte de Ligação 03 - Casa dos Operadores da Usina 04 - Rio Verde

Foto 09 - Vista geral da barragem principal. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

O acesso à casa de máquinas se dá por uma ponte de concreto (Foto 10). Logo acima da casa, no lado esquerdo, avistamos as câmaras de carga (Foto 11) e o final do canal de adução. A barragem secundária, também conhecida como de equilíbrio (Foto 12), localiza-se no braço esquerdo do rio, em seu trecho original.

A construção das estruturas que compõem o Conjunto Arquitetônico da Usina da Ilha Grande: barragem de pedra, canal de adução, câmara de carga e barragem de equilíbrio datam de 1912 e foram construídas para operar como partes integrantes da antiga usina hidrelétrica inaugurada em 1914.

A Barragem de Pedra, o Canal de Adução e a Câmara de Carga foram construídos com pedras (rocha sã), obtidas com a abertura do canal para desvio do Rio Verde, para viabilizar a construção da Usina Hidrelétrica. Seu método construtivo é de pedras perfeitamente alinhadas, sobrepostas, em junta seca, ou seja, sem a utilização de cimento.

Foto 10 - Ponte de acesso à antiga casa de máquinas. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 11 - Câmara de carga ligada ao canal de adução. Varginha - 2007. Acervo: CODEPAC.

A Barragem de Pedra (Foto 12) possui 113 metros de comprimento e até 6 metros de altura na sua parte mais alta é do tipo soleira livre, que acomoda um vertedouro de queda livre, permitindo que o excesso de água do rio transborde sobre ela, criando uma cachoeira artificial,

excelente para oxigenação das águas do rio. Possui na sua margem esquerda duas comportas de acesso ao Canal de Adução (Foto 12) e à Câmara de Carga, além de duas comportas de fundo, uma em cada margem, utilizadas para esvaziamento da represa para sua manutenção. Todas as comportas foram importadas da Alemanha e acionada mecanicamente. A parte frontal (jusante) da barragem é construída a prumo e a parte posterior (montante) construída em inclinação para suportar a força das águas e permitir sua vazão sobre a soleira.

Foto 12 - Vista da barragem com o início do canal de adução. Varginha - 2001. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

O Canal de Adução (Foto 13) possui 150 metros de comprimento, seção trapezoidal com largura de fundo de 7,1 metros, 16° de inclinação das paredes e 2,5 metros de profundidade, localizado na margem esquerda do rio, sendo utilizada para conduzir a água da represa até a Câmara de Carga.

A Câmara de Carga é composta de três unidades com mecanismos acionados mecanicamente. A Barragem de Equilíbrio (Foto 14), construída posteriormente no leito natural do Rio Verde, passando a esquerda da ilha. Possui cerca de 70 metros de cumprimento e 2,5 metros de altura, construída em concreto armado, com divisórias de 1 metro para colocação de peças de madeira em um sistema de guilhotina, com a função de manter o nível da água da barragem para o funcionamento adequado das turbinas.

Foto 13 - Canal de adução ao longo do percurso. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 14 – Vista da barragem de equilíbrio. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

DESCRIÇÃO DA DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE TOMBAMENTO

04. PERÍMETRO DE TOMBAMENTO

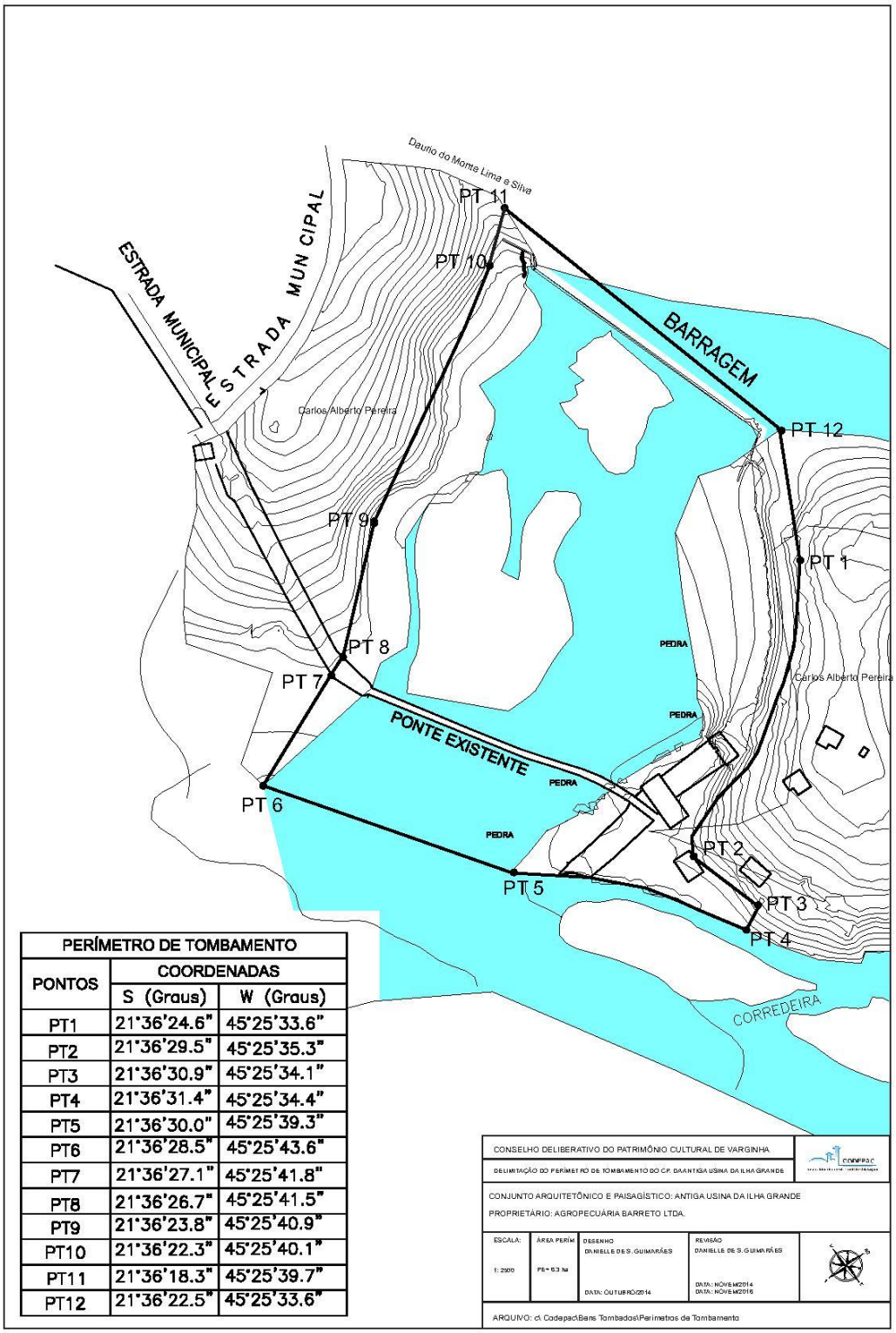
04.1. DESCRIÇÃO

O Perímetro de Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande inscreve-se a área demarcada pelos seguintes pontos.

Inicia-se no ponto PT1, localizado nas coordenadas 21º 36' 24.6"S e 45º 25' 33.6"O,que segue irregular por uma distância de 162,40m percorrendo caminho existente e confrontando com a Gleba 01 B até o ponto PT2. Do ponto PT2, localizado nas coordenadas 21º 36' 29.5"S e 45º 25' 35.3"O , segue irregular por uma distância de 54,45m percorrendo caminho existente e confrontando com a Gleba 01 B até o ponto PT3. Do ponto PT3, localizado nas coordenadas 21º 36' 30.9"S e 45º 25' 34.1"O, volve a direita e segue reto por uma distância de14,55m confrontando com a Gleba 01 B até o ponto PT4. Do ponto PT4, localizado nas coordenadas 21º 36' 31.4"S e 45º 25' 34.4"O, volve a direita e segue 195,70m margeando o Rio Verde até encontrar o ponto PT5. Do ponto PT5, localizado nas coordenadas 21º 36' 30.0"S e 45º 25' 39.3"O, volve a esquerda e segue por uma distância de 140m até encontrar o ponto PT6. Do ponto PT6, localizado nas coordenadas 21º 36' 28.5"S e 45º 25' 43.6"O, segue reto por uma distância de 69,36m confrontando com a Gleba 02 B até o ponto PT7 (20,00m do início da ponte de acesso a Ilha). Do ponto PT7, localizado nas coordenadas 21º 36' 27.1"S e 45º 25' 41.8"O, segue reto por uma distância de 11,13 m cruzando o caminho de acesso a ponte e confrontando com a Gleba 02 B até o ponto PT8. Do ponto PT8, 21º 36' 26.7"S e 45º 25' 41.5"O, segue por uma distância de 71,88m confrontando com a Gleba 02 B até o ponto PT9. Do ponto PT9, localizado nas coordenadas 21º 36' 23.8"S e 45º 25' 40.9"O, segue por uma distância de 132,02m confrontando com a Gleba 02 B até o ponto PT10. Do ponto PT10, localizado nas coordenadas 21º 36' 22.3"S e 45º 25' 40.1"O, segue por uma distância de 25,33 m confrontando com a Gleba 02 B até o ponto PT11. Do ponto PT11, localizado nas coordenadas 21º 36' 18.3"S e 45º 25' 39.7"O, volve a direita confrontando com área de Daurio do Monte Lima e Silva e segue por uma distância de 174,66m adentrando o Rio Verde até o ponto PT12. Do ponto PT12, localizado nas coordenadas 21º 36' 22.5"S e 45º 25' 33.6"O, segue reto por uma distância de 70,45m confrontando com a Gleba 01 B até o ponto PT1.

Este perímetro contém as estruturas a serem tombadas, que se denominam **Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande**: casa de pedra, antiga casa de máquinas, barragem de pedra e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de

carga e barragem de equilíbrio situado no KM 14 da BR-491, margem esquerda do braço direito do rio Verde, Penedo, Varginha-MG, e que passará a fazer parte do Patrimônio Público do Município de Varginha.



PERÍMETRO DE TOMBAMENTO		
PONTOS	COORDENADAS	
	S (Graus)	W (Graus)
PT1	21°36'24.6"	45°25'33.6"
PT2	21°36'29.5"	45°25'35.3"
PT3	21°36'30.9"	45°25'34.1"
PT4	21°36'31.4"	45°25'34.4"
PT5	21°36'30.0"	45°25'39.3"
PT6	21°36'28.5"	45°25'43.6"
PT7	21°36'27.1"	45°25'41.8"
PT8	21°36'26.7"	45°25'41.5"
PT9	21°36'23.8"	45°25'40.9"
PT10	21°36'22.3"	45°25'40.1"
PT11	21°36'18.3"	45°25'39.7"
PT12	21°36'22.5"	45°25'33.6"

04.2. JUSTIFICATIVA

Toda delimitação de um perímetro de tombamento fundamenta-se tanto nas cartas patrimoniais quanto na legislação nacional, estadual e municipal que institucionalizam princípios/diretrizes e normas que devem ser consideradas em benefício da memória e da identidade local, em particular, e da humanidade, de modo geral.

A construção denominada à época Usina do Braço Seco ou Usina da Ilha Grande data de 1912. Era de propriedade da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi e foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República Dr. Wenceslau Braz e pelo Governador do Estado de Minas Gerais Dr. Delfim Moreira.

A antiga casa de máquinas do Complexo da Antiga Usina apresenta características arquitetônicas de referência inglesa e tipologia construtiva em alvenaria de pedra granítica de mão, tipo pulmão, assentada com argamassa de saibro. É composta por embasamento de pedra vazados por vãos ritmados com vergas em arco pleno.

Quanto ao conjunto, hoje temos além da casa de pedra, antiga casa de máquinas, outras estruturas compõem o complexo da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga. Estas estruturas foram construídas com pedras (rocha sã), obtidas com a abertura do canal para desvio do Rio Verde, para viabilizar a construção da Usina Hidrelétrica. Seu método construtivo é de pedras perfeitamente alinhadas, sobrepostas, em junta seca, ou seja, sem a utilização de cimento. Os detalhes de amarração de pedra sobre pedra, na construção da barragem principal, no canal de adução, nas câmaras de carga e comportas, refletem os padrões da arquitetura e tecnologia da construção civil da época.

Embora a ponte de ligação à antiga casa de máquinas, tenha sido construída posteriormente, com cimento armado, a estrutura encontra - se inserida no perímetro de proteção. Vale ressaltar que os pilares de sustentação da ponte ainda mantêm - se originais à sua época de construção.

Por outro lado, vale ressaltar que o Complexo da Antiga Usina da Ilha Grande foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística.

O perímetro de tombamento do "Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande", numa área total de 63.194,73 m^2, foi definido de maneira a abranger todas as estruturas que compõem o Complexo da Antiga Usina Hidrelétrica do Braço Seco, inclusive a

conformação paisagística em que está inserido. Esse perímetro de proteção, além de garantir a integridade física das estruturas que compõem o complexo da antiga usina, visa também resguardar as condições de visualização do bem, garantindo a ambiência, a fruição e as características cênico-paisagísticas, bem como aquelas que lhe conferem valor histórico - cultural. São por essas razões que o perímetro de proteção abrange toda a estrutura claramente reconhecida como integrante da tipologia construtiva da casa de máquinas e das demais estruturas que compõem o conjunto arquitetônico, garantindo que a unidade estilístico-paisagística sejam valorizadas nas dimensões culturais e patrimoniais.

Dessa forma, se justifica considerar as diretrizes de intervenção determinadas, isto porque, além da preservação do complexo da Antiga Usina Hidrelétrica da Ilha Grande em sua dimensão física, artística, ambiental e cultural, está a serviço de um processo educativo mais amplo visando construção de uma mentalidade preservacionista.

DESCRIÇÃO DA DELIMITAÇÃO DO PERÍMETRO DE ENTORNO

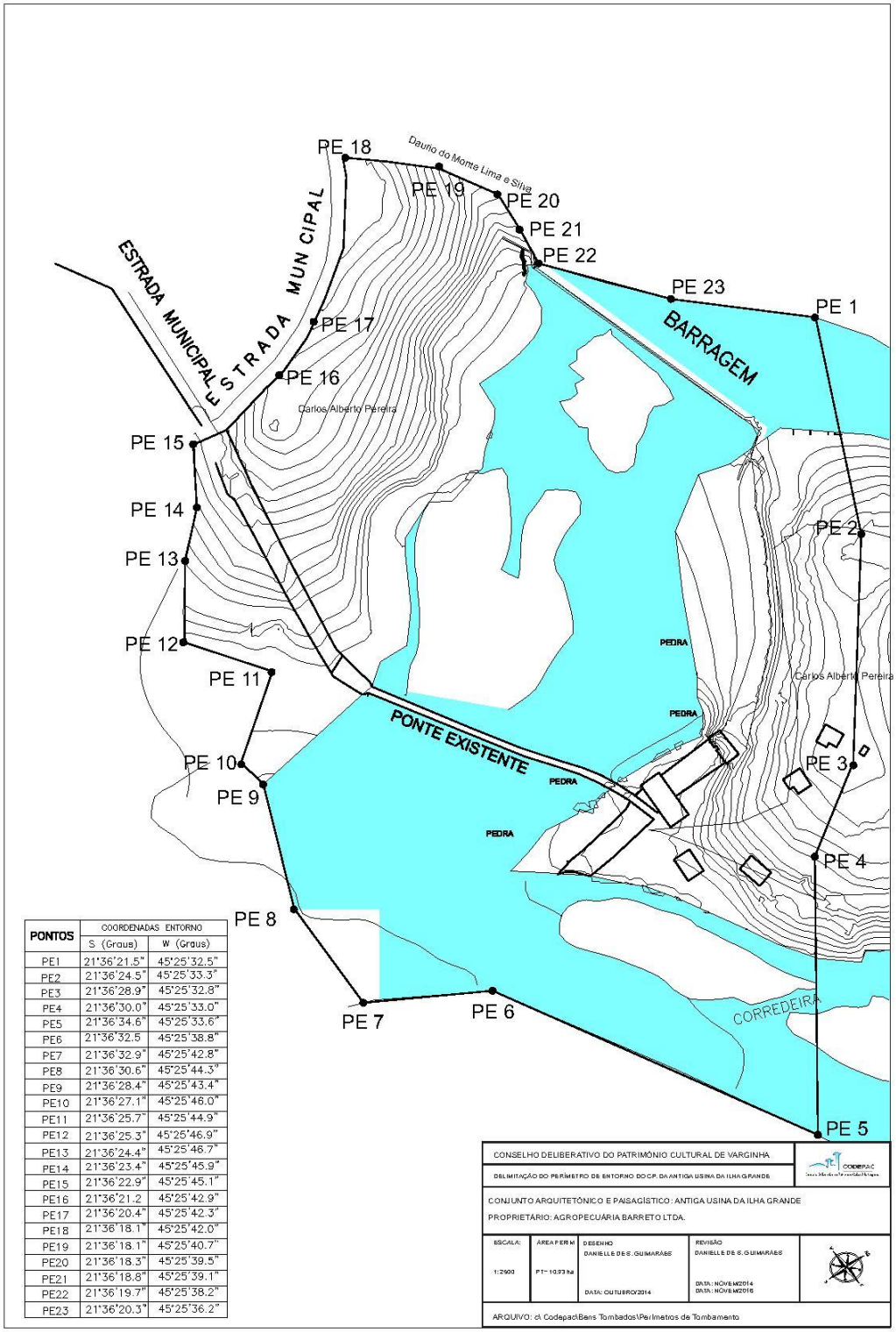
05. PERÍMETRO DE ENTORNO

05.1. DESCRIÇÃO

O Perímetro de Entorno do **Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande inscreve-se** a área demarcada pelos seguintes pontos.

Inicia-se no ponto PE1, localizado nas coordenadas 21º36' 21.5"S e 45º 25' 32.5"O, segue reto adentrando pelo Rio Verde por uma distância de 140,00m, confrontando - se com o terreno de propriedade de Carlos Alberto Pereira até o ponto PE2. Do ponto PE2, localizado nas coordenadas 21º36' 24.5"S e 45º 25' 33.3"O, segue reto por uma distância de 167,35m, confrontando - se com o terreno de propriedade de Carlos Alberto Pereira até o ponto PE3. Do ponto PE3 , localizado nas coordenadas 21º36' 28.9"S e 45º 25' 32.8"O, volve à esquerda e segue reto por uma distância de 44,51m, confrontando - se com o terreno de propriedade de Carlos Alberto Pereira até o ponto PE4. Do ponto PE4, localizado nas coordenadas 21º36' 30.0"S e 45º 25' 30.0"O, segue reto por uma distância de 98,00m confrontando - se com o terreno de propriedade de Carlos Alberto Pereira e adentrando pelo Rio Verde o até o ponto PE5. Do ponto PE5 , localizado nas coordenadas 21º36' 34.6"S e 45º 25' 33.6"O, volve à esquerda e segue reto por uma distância de 106,48m margeando o Rio Verde o até o ponto PE6. Do ponto PE6, localizado nas coordenadas 21º36' 32.5"S e 45º 25' 38.8"O, segue reto por uma distância de 59,76m margeando o Rio Verde o até o ponto PE7. Do ponto PE7, localizado nas coordenadas 21º36' 32.9"S e 45º 25' 42.8"O, volve à direita e segue reto por uma distância de 67,90m margeando o Rio Verde o até o ponto PE8. Do ponto PE8, localizado nas coordenadas 21º36' 30.6"S e 45º 25' 44.3"O, segue reto por uma distância de 67,91m margeando o Rio Verde o até o ponto PE9. Do ponto PE9, localizado nas coordenadas 21º36' 28.4"S e 45º 25' 43.4"O, volve à esquerda e segue reto por uma distância de 16,54m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva até o ponto PE10. Do ponto PE10, localizado nas coordenadas 21º36' 27.1"S e 45º 25' 46.0"O, segue reto por uma distância de 51,43m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE11. Do ponto PE11, localizado nas coordenadas 21º36' 25.7"S e 45º 25' 44.9"O, volve à esquerda e segue reto por uma distância de 48,00m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE12. Do ponto PE12, localizado nas coordenadas 21º36' 25.3"S e 45º 25'

46.9”O, segue reto por uma distância de 46,35m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE13. Do ponto PE13, localizado nas coordenadas 21º36’ 24.4”S e 45º 25’ 46.7”O, segue reto por uma distância de 30,78m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE14. Do ponto PE14, localizado nas coordenadas 21º36’ 23.4”S e 45º 25’ 45.9”O, segue reto por uma distância de 30,56m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE15. Do ponto PE15, localizado nas coordenadas 21º36’ 22.9”S e 45º 25’ 45.1”O, segue em linha quebrada e irregular por uma distância de 55,21m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE16. Do ponto PE16, localizado nas coordenadas 21º36’ 21.2”S e 45º 25’ 42.9”O, segue por uma distância de 33,98m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE17. Do ponto PE17, localizado nas coordenadas 21º36’ 20.4”S e 45º 25’ 42.3”O, segue irregular por uma distância de 69,98m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE18. Do ponto PE18, localizado nas coordenadas 21º36’ 18.1”S e 45º 25’ 42.0”O, volve à direita segue por uma distância de 52,16m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE19. Do ponto PE19, localizado nas coordenadas 21º36’ 18.1”S e 45º 25’ 40.7”O, volve à direita e segue por uma distância de 37,13m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE20. Do ponto PE20, localizado nas coordenadas 21º36’ 18.3”S e 45º 25’ 39.5.”O, volve à direita e segue por uma distância de 14,19m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE21. Do ponto PE21, localizado nas coordenadas 21º36’ 18.8”S e 45º 25’ 39.1”O, segue por uma distância de 25,41m e confrontado com terreno de propriedade de Daurio do Monte Lima e Silva o até o ponto PE22. Do ponto PE22, localizado nas coordenadas 21º36’ 19.7”S e 45º 25’ 38.2”O, volve à direita e segue por uma distância de 73,71m margeando o Rio Verde o até o ponto PE23. Do ponto PE23, localizado nas coordenadas 21º36’ 20.3”S e 45º 25’ 36.2”O, segue por uma distância de 42,43m margeando o Rio Verde o até o ponto PE1.



PONTOS	COORDENADAS ENTORNO	
	S (Graus)	W (Graus)
PE1	21°36'21.5"	45°25'32.5"
PE2	21°36'24.5"	45°25'33.3"
PE3	21°36'28.9"	45°25'32.8"
PE4	21°36'30.0"	45°25'33.0"
PE5	21°36'34.6"	45°25'33.6"
PE6	21°36'32.5	45°25'38.8"
PE7	21°36'32.9"	45°25'42.8"
PE8	21°36'30.6"	45°25'44.3"
PE9	21°36'28.4"	45°25'43.4"
PE10	21°36'27.1"	45°25'46.0"
PE11	21°36'25.7"	45°25'44.9"
PE12	21°36'25.3"	45°25'46.9"
PE13	21°36'24.4"	45°25'46.7"
PE14	21°36'23.4"	45°25'45.9"
PE15	21°36'22.9"	45°25'45.1"
PE16	21°36'21.2	45°25'42.9"
PE17	21°36'20.4"	45°25'42.3"
PE18	21°36'18.1"	45°25'42.0"
PE19	21°36'18.1"	45°25'40.7"
PE20	21°36'18.3"	45°25'39.5"
PE21	21°36'18.8"	45°25'39.1"
PE22	21°36'19.7"	45°25'38.2"
PE23	21°36'20.3"	45°25'36.2"

05.2. JUSTIFICATIVA

O perímetro de entorno do "**Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande**", numa área total de 10, 93 há , além de garantir a integridade física das estruturas que compõem o Complexo da Antiga Usina Hidrelétrica do Braço Seco visa resguardar as condições de visualização do bem, garantindo a ambiência, a fruição e as características cênico-paisagísticas, bem como aquelas que lhe conferem valor histórico- cultural, e também busca a valorização do remanescente da Mata Atlântica e sua fauna, preservando os ecossistemas naturais de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico no Município.

Assim, a valorização e preservação do entorno, seja ele mediato ou imediato, valoriza o bem tombado – impedindo ações negativas do ponto de vista patrimonial, bem como agregar valor aos bens que fazem parte da ambiência do "Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande".

Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística. Nesse sentido, o tombamento aqui proposto reafirma a proteção das formas de vegetação naturais situadas ao longo do rio Verde e demais cursos d´água, incluindo suas nascentes e encostas com mais de 45º de declividade.

A preservação ambiental do Cerrado/Mata Atlântica que é um dos *hotspots* mundiais de biodiversidade, devido a sua alta biodiversidade e elevado grau de ameaça. As matas ciliares também são importantes pois a ausência dessa cobertura altera as condições locais gerando desequilíbrio ecológico de grandes dimensões propiciando problemas de erosão, perda da fertilidade do solo, desaparecimento das faunas terrestres e aquáticas, deslizamento de rochas, quedas de árvores e rebaixamento do nível do lençol freático.

Somente com o apoio do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha poder-se-á resguardar o Complexo da Antiga Usina do Braço Seco e seu entorno, uma vez que tem um papel científico e técnico respaldado por seu caráter institucional. Tanto as cartas patrimoniais quanto a legislação nacional, estadual e municipal institucionalizam princípio/diretrizes e normas que devem ser consideradas em benefício da memória e identidade local, em particular, e da humanidade, de modo geral.

FICHA DE INVENTÁRIO

INVENTÁRIO DE PROTEÇÃO DO ACERVO CULTURAL **ESTRUTURAS ARQUITETÔNICAS E URBANÍSTICAS** **CONJUNTOS ARQUITETÔNICOS E PAISAGÍSTICOS (CP)**	**IPAC** **EX. 2016**
Prefeitura Municipal de Varginha	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande

01. Município	Varginha
02. Distrito	Sede
03. Designação	Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande

04. Motivação do Inventário

A construção denominada à época Usina do Braço Seco ou Usina da Ilha Grande data de 1912. Era de propriedade da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi e foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República Dr. Wenceslau Braz e pelo Governador do Estado de Minas Gerais Dr. Delfim Moreira. Além da Casa de Pedra, outras estruturas compõem o conjunto arquitetônico da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas compostas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio.

Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística. A usina dispunha de uma capacidade de geração de energia que atendia a cidade de Varginha e a uma grande quantidade de municípios, favorecendo o crescimento e desenvolvimento industrial e econômico do sul de minas, o que denota a sua importância histórica para a memória do setor energético e do desenvolvimento da região.

De fato, o complexo da Antiga Usina da Ilha Grande representa o marco histórico das instalações de hidrelétricas no Brasil, e do fornecimento de energia elétrica para quase todo o sul de minas, mantendo viva e preservada a sua história, para conhecimento de todas as gerações futuras, tornando-se inclusive um ponto de atração turística, educacional e cultural na região.

05. Endereço	Rodovia- 491- KM 14 – Bairro Penedo Varginha MG Coordenadas 21º 36` 29`` de latitude Sul e 45º 25` 36`` de longitude Oeste
06. Propriedade | Situação de Propriedade	Particular/Própria
07. Responsável	AGROPECUÁRIA BARRETO LTDA Dr. Ruy Barreto
08. Situação de Ocupação	Misto
09. Análise do entorno – situação | ambiência	

O Conjunto está inserido na área rural de Varginha, no Bairro Penedo, a cerca de quatorze quilômetros do centro da cidade. O acesso ao complexo se dá por estrada de terra, aproximadamente a 500 metros, a montante, da ponte da BR-491, na margem esquerda do braço direito do rio Verde. Toda á área é constituída por árvores de grande porte e outras menores de origem nativa. Várias estradas de terra batida permeiam a região de entorno e outras pequenas edificações rurais pontuam á área. Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística.

Quanto ao conjunto, hoje temos além da casa de pedra, antiga casa de máquinas, outras estruturas compõem o complexo da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio. No braço artificial direito do Rio Verde encontramos a barragem principal que conduz o fluxo de água para a antiga casa de máquinas. Ao lado direito da barragem, há uma pequena comporta de fundo desarenadora e duas outras, maiores, também do mesmo tipo, posicionadas a montante, no lado esquerdo da estrutura da tomada d' água. Próximo à entrada do canal adutor, e após as comportas desarenadoras, existe um vertedouro livre de soleira espessa.

O acesso à casa de máquinas se dá por uma ponte de concreto. Logo acima da casa, no lado esquerdo, avistamos as câmaras de carga e o final do canal de adução. A barragem secundária, também conhecida como de equilíbrio, localiza-se no braço esquerdo do rio, em seu trecho original.

10. Documentação Fotográfica	Fotografia digital, 14.1 megapixel.
Fotógrafo | Data	Acervo Sílvio Bottrel Guimarães Danielle de Souza Guimarães/ setembro 2014

Foto 01- Vista Aérea da Ilha e do desvio do Rio Verde.
Município de Varginha - MG
Fonte: Acervo: Silvio Bottrel Guimarães /2001

Foto 02- Vista Aérea do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Usina Ilha Grande
Município de Varginha - MG
Fonte: Acervo Silvio Bottrel Guimarães /2001

Foto 03- Vista Aérea do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Usina Ilha Grande
Município de Varginha - MG
Fonte: Acervo Silvio Bottrel Guimarães /2001

Foto 04 - Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Usina Ilha Grande
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 05- Vista da barragem principal
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 06 - Vista do paredão de pedras da barragem principal
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 07- Vista da antiga casa de máquinas
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 08- Vista posterior da antiga casa de máquinas
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 09- Vista da ponte de acesso à antiga casa de máquinas
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 10- Vista da estruturada ponte de acesso à antiga casa de máquinas
Município de Varginha - MG
Fonte: Acervo Sílvio Bottrel Guimarães/2009

Foto 11- Vista dos canais de descarga da antiga casa de máquinas
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 12- Vista do canal de adução
Município de Varginha – MG
Fonte: Acervo Sílvio Bottrel Guimarães/2008

Foto 13- Vista superior das câmaras de carga ligadas ao canal de adução
Município de Varginha - MG
Danielle de Souza Guimarães/ Setembro 2014

Foto 14- Vista frontal das câmaras de carga
Município de Varginha – MG
Fonte: Acervo Sílvio Bottrel Guimarães/2008

Foto 15- Vista geral da barragem de equilíbrio
Município de Varginha – MG
Fonte: Acervo Sílvio Bottrel Guimarães/2008

Foto16- Detalhe da barragem de equilíbrio
Município de Varginha – MG
Danielle de Souza Guimarães /Setembro 2014

11. Histórico

Em 1910, com o intuito de atender à demanda de energia das cidades de Varginha e cercanias, a Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi realizou um estudo em determinado trecho do Rio Verde para a construção de uma central geradora de energia elétrica, denominada à época "Usina da Barragem do Braço Seco".

A construção em questão data de 1912 e foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República Dr. Wenceslau Braz e pelo Governador do Estado de Minas Gerais Dr. Delfim Moreira.

Na época, não existia geração nem tampouco distribuição de energia elétrica na região do sul de minas, e a Usina viria substituir as lamparinas e lampiões, tanto usada nas residências como nas iluminações das praças públicas, bem como alavancar o início da industrialização no sul de minas.

Entretanto, para sua construção, o referido estudo apontou a necessidade de se desviar o leito do Rio Verde através de um imenso canal, com aproximadamente 3.000 metros de comprimento, e que foi aberto através das rochas por trabalhadores braçais, nas condições as mais adversas possíveis.

No final deste canal, e utilizando-se das pedras retiradas em decorrência das obras de sua abertura, foi então construída uma barragem com 6 metros de altura e 116 metros de comprimento. A construção desta barragem em pedra se justificou tendo em vista que à época havia enorme dificuldade em se utilizar cimento, que era importado. Os detalhes de amarração de pedra sobre pedra, na construção do paredão, refletem os padrões da arquitetura e tecnologia da construção civil da época.

No leito natural do Rio Verde também foi construída, alguns anos mais tarde, uma segunda barragem, denominada barragem de equilíbrio, com 2,5 metros de altura e cerca de 80 metros de comprimento, toda em concreto armado, com divisórias de 1 metro cada, para colocação de peças de madeira em sistema de guilhotina.

Essa barragem, com altura máxima na cota 814 metros, mantém o volume de água ótimo do rio e, ao mesmo tempo, em caso de ocorrer um período crítico de seca imprevisível, fecham-se as comportas com pranchões de madeira, que são retirados quando a situação de vazão do rio retorna à normalidade. A altura desta barragem foi determinada de forma a não impedir o retorno dos peixes, na época da piracema.

Da mesma forma foi construído, também através de trabalho braçal, um canal de adução, com 150 metros de comprimento. Suas duas comportas controlam o volume de água de entrada no canal, terminando em três grandes câmaras de carga com respectivas comportas e engrenagens de abertura e

fechamento. As três câmaras de carga se comunicam com a casa de máquinas através de três "condutos forçados", com 2,50 metros de diâmetro e 33 metros de comprimento.

A casa de máquinas foi projetada para operar com três turbinas, com seus respectivos canais de descarga que se interligam ao canal de fuga.

Essa Usina, por sua importância e pioneirismo, foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República, Dr. Wenceslau Braz, e pelo Governador de Estado, Dr. Delfim Moreira.

De fato, a Usina do Braço Seco, atualmente conhecida como Central Geradora Hidrelétrica do Braço Seco, proporcionou o crescimento e desenvolvimento para cerca de 50 municípios do sul do estado de Minas Gerais, tendo sido o marco inicial de todo desenvolvimento industrial e crescimento da região.

Daí sua importância histórica tanto para aquela região como para o sistema energético do país. Até 1968, a Usina da Ilha Grande funcionou sob a direção da Cia. Sul Mineira de Eletricidade, quando foi comprada e posteriormente desativada pela CEMIG, devido à inauguração de Furnas.

Em 1978, a Agropecuária Barreto adquiriu da CEMIG, através de licitação pública, toda a estrutura desta Usina, mesmo sem turbinas e geradores, com o objetivo de colocá-la novamente em operação. Para tanto, a Agropecuária Barreto mantém ao longo de todos esses anos, a Usina conservada e em condições para ser reativada a qualquer momento.

12.Uso Atual	Outros

13. Descrição	

A) Casa de Pedra

Edificação de estilo inglês composta de salão principal, sala menor, sanitário e mezanino. Construção em alvenaria de pedra granítica de mão, tipo pulmão, assentada com argamassa de saibro. As paredes internas são revestidas com emboço e reboco tipo paulista. A sua base é toda em bloco de pedra granítica. Sob a edificação havia dois arcos plenos em bloco de pedra granítica que serviam para dar vazão às águas que vinham da turbina. O canal de fuga que era utilizado para as descargas das três turbinas quando do funcionamento da Usina desaguava no Rio Verde. Após a retirada das turbinas e das tubulações, foram fechados os vãos com tijolos cerâmicos, tipo maciço, assentado com argamassa de cimento, cal e areia, revestido com reboco tipo paulista. Cobertura em telha cerâmica tipo francesa sobre estrutura de madeira de lei, possuindo mezanino em laje de concreto armado. O piso é de concreto e, no local onde ficavam as turbinas, foi

construída uma laje maciça de concreto armado. O imóvel possui, ainda, esquadrias de ferro T com fechamento em vidro e um portão de ferro na entrada.

B) Conjunto arquitetônico

A construção do conjunto arquitetônico barragem de pedra, canal de adução, câmara de carga e barragem de equilíbrio da Usina da Ilha Grande datam de 1912 e foram construídos para operar como partes integrantes da antiga Usina hidrelétrica inaugurada em 1914.

A Barragem de Pedra, o Canal de Adução e a Câmara de Carga foram construídos com pedras (rocha sã), obtidas com a abertura do canal para desvio do Rio Verde, para viabilizar a construção da Usina Hidrelétrica. Seu método construtivo é de pedras perfeitamente alinhadas, sobrepostas, em junta seca, ou seja sem a utilização de cimento.

A Barragem de Pedra possui 113 metros de comprimento e até 6 metros de altura na sua parte mais alta é do tipo soleira livre, que acomoda um vertedouro de queda livre, permitindo que o excesso de água do rio transborde sobre ela, criando uma cachoeira artificial, excelente para oxigenação das águas do rio. Possui na sua margem esquerda duas comportas de acesso ao Canal de Adução e à Câmara de Carga, além de duas comportas de fundo, uma em cada margem, utilizadas para esvaziamento da represa para sua manutenção. Todas as comportas foram importadas da Alemanha e acionada mecanicamente. A parte frontal (jusante) da barragem é construída a prumo e a parte posterior (montante) construída em inclinação para suportar a força das águas e permitir sua vazão sobre a soleira.

O Canal de Adução possui 150 metros de comprimento, seção trapezoidal com largura de fundo de 7,1 metros, 16° de inclinação das paredes e 2,5 metros de profundidade, localizado na margem esquerda do rio, sendo utilizada para conduzir a água da represa até a Câmara de Carga.

A Câmara de Carga é composta de três unidades com mecanismos acionados mecanicamente. A Barragem de Equilíbrio, construída posteriormente no leito natural do Rio Verde, passando a esquerda da ilha. Possui cerca de 70 metros de cumprimento e 2,5 metros de altura, construída em concreto armado, com divisórias de 1 metro para colocação de peças de madeira em um sistema de guilhotina, com a função de manter o nível da água da barragem para o funcionamento adequado das turbinas.

Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está atualmente totalmente integrada ao meio ambiente natural.

14. Proteção Legal Existente	Tombamento Municipal
15. Proteção Proposta	Inventário
16. Estado de Conservação	☐ Excelente ☐ Bom ■ Regular ☐ Péssimo

17. Análise do Estado de Conservação

O estado de conservação das estruturas que compõem o complexo pode ser considerado regular, na medida em que a mesma mantém a sua integridade físico-construtiva. A pavimentação da ponte de acesso à antiga casa de máquinas não apresenta falhas significativas, necessitando apenas de reparos pontuais ao longo da estrutura. Verificaram-se também sinais pontuais de oxidação no gradil da ponte.

Na antiga casa de máquinas, foram observados danos em diversos elementos, principalmente nos revestimentos. Internamente, os pisos exibem desgaste superficial generalizado; as esquadrias metálicas possuem sinais de oxidação e vidros quebrados.

O enquadramento das janelas apresenta sujidades. Além disso, tanto internamente, quanto externamente foram constatadas fissuras nas alvenarias e desprendimento de reboco; manchas de umidade e pontos de descolamento e depreciação da camada pictórica.

No agenciamento externo, os elementos se encontram no geral, em conservação regular, apresentando desgaste superficial generalizado. No entorno das estruturas, observa-se ainda, em demasia, vegetação mal cuidada que cresce a sua volta comprometendo assim a visibilidade e o entendimento das mesmas.

18. Fatores de Degradação

Os principais fatores de degradação identificados nas estruturas que compõem o complexo são a exposição dos materiais à ação das intempéries, principalmente no caso dos danos observados externamente; o desgaste natural dos materiais ao longo do tempo; a falta de

manutenção eficaz, mas nada que comprometa a integridade da edificação e das estruturas do complexo.

19. Medidas de Conservação

A conservação da edificação e das estruturas, que compõem o conjunto, pode ser feita a partir da manutenção e vistoria dos seus elementos construtivos, executando-se periodicamente:

A) Casa de pedra:

- Inspeção da cobertura com manutenção de telhas para evitar infiltrações provenientes do telhado;
- Inspeção do madeiramento da cobertura para identificar a presença de peças danificadas ou sinais de infestação por insetos xilófagos e substituição das peças danificadas;
- Recuperação das fissuras nas alvenarias;
- Execução de pintura de revitalização das paredes internas sempre que necessário;
- Tratamento e limpeza de elementos com presença de umidade;
- Restauração das esquadrias danificadas;
- Recuperação da pavimentação da ponte de acesso à antiga casa de máquinas;

B) Barragem de pedras, câmaras de carga, canal de adução, comportas de fundo e barragem de equilíbrio:

- Manter serviços rotineiros de manutenção de estruturas de rocha, concreto armado e ferro, e retirada de material assoreado junto ao barramento.
- Limpeza constante dos locais onde os instrumentos estão instalados;
- Limpeza periódica, com retirada de matérias acumulados (vegetação e detritos) à montante do Sangradouro e das grades nas duas Tomadas d'água;
- Manutenção das vias de acesso à barragem;
- Manutenção periódica e rotineira dos equipamentos mecânicos (ou eletromecânicos / eletrônicos), inclusive lubrificação dos mesmos.
- Adotar cuidados sobre o entorno das estruturas, devido à vegetação mal cuidada que cresce a sua volta comprometendo sua visibilidade.

19. Intervenções

Foram retirados os equipamentos do interior da Casa de Pedra: turbinas e motores na década de 1960. Em 2009, foram trocadas algumas peças do madeiramento da estrutura do telhado e substituição de telhas.

20. Referências

Bibliográficas e documentais:

SALES, José Roberto. **Espírito Santo da Varginha: 1763-1920**.Varginha: Gráfica Sul Mineira, 2003.

GUIMARÃES, Sílvio Bottrel. **Parecer Técnico de Tombamento das Estruturas da Antiga Usina Hidrelétrica**. Varginha, 2008.

RUBIÃO, Luiz José Alvares. **Álbum da Varginha**. Varginha: Gráfica Casa Maltese, 1920.

LEFORT, José do Patrocínio. (1950). **Varginha: monografia histórico-geográfica e estatístico-religiosa pelo centenário da paróquia a 1º de junho de 1950**. São Paulo: São José.

NUNES, Aparecida Maria. **Histórias que fazem a História: pioneirismo empresarial em Varginha**. Varginha: Editora da Faculdade Cinecista de Varginha, 2004.

CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA. **Varginha, sua História e sua Gente**. Varginha, 1982.

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE VARGINHA. **Dossiê de Tombamento da Casa de Pedra da Antiga Usina da Ilha Grande**. Varginha, 2007.

Acervo Fotográfico Sílvio Bottrel Guimarães.

Fontes orais:

Sr. Sílvio Botrell Guimarães. Entrevista em Setembro de 2014.

21. Informações Complementares

Sem referência.

22. Ficha Técnica	
Levantamento | Setembro 2014	Danielle de Souza Guimarães **Arquiteta e Urbanista | CAU A64772-1** Fundação Cultural de Varginha |COPAC Cláudio Henrique Martins **Pesquisador da COPAC**
Elaboração| Setembro 2014	Danielle de Souza Guimarães **Arquiteta e Urbanista | CAU A64772-1** Fundação Cultural de Varginha |COPAC Cláudio Henrique Martins **Pesquisador da COPAC**
Revisão | Outubro 2014	Danielle de Souza Guimarães **Arquiteta e Urbanista | CAU A64772-1** Fundação Cultural de Varginha |COPAC

DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

Foto 01 – Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande. Varginha-2009.
Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 02 – Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 03 - Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

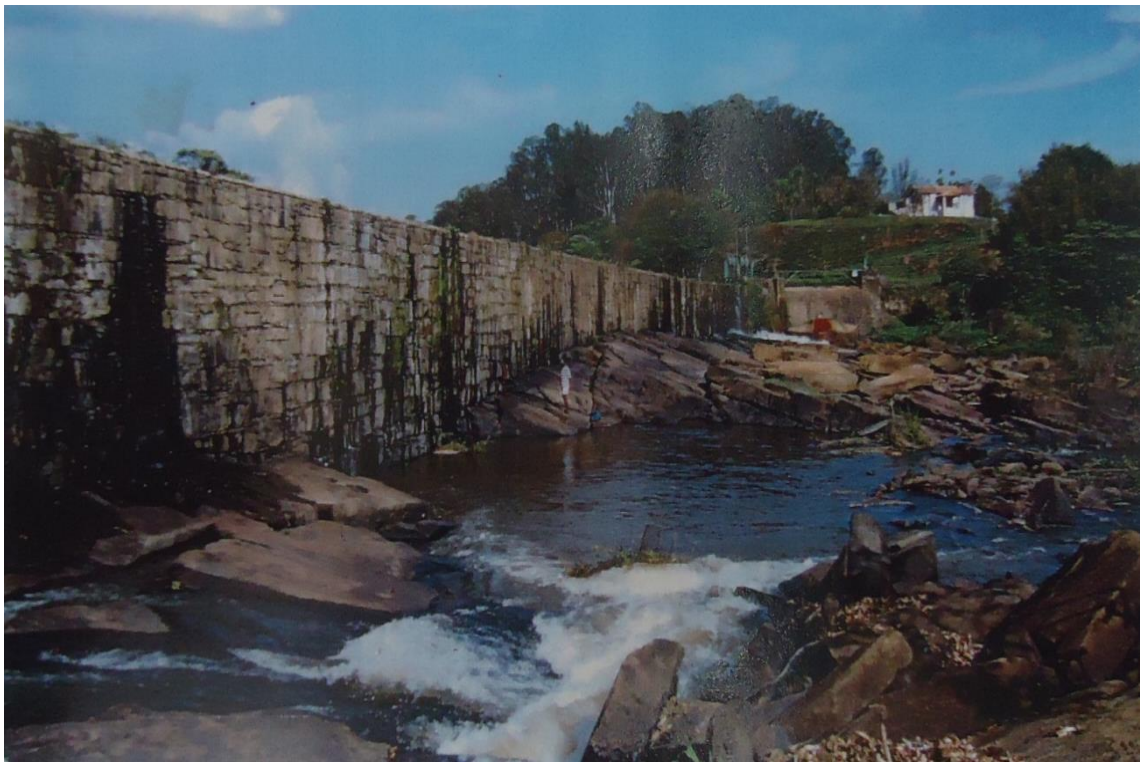


Foto 04 - Vista frontal da barragem de pedra a jusante. Varginha -2008. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 05 - Vista frontal da barragem de pedra a jusante. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 06 - Vista da barragem principal. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 07 – Vista parcial da barragem de pedra. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 08 - Detalhe da amarração da barragem de pedra. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 09 - Vista frontal da barragem de pedra numa época de cheia. Varginha - 2008. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 10 - Vista da antiga casa de máquinas e ponte de acesso. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 11 - Ponte de acesso à antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 12 - Ponte de ligação com a Ilha Grande. Varginha - 2007. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 13 - Vista parcial da ponte de ligação à antiga casa de máquinas. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 14 - Vista parcial da ponte de ligação à antiga casa de máquinas. Varginha - 2010. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 15 - Vista da estrutura de sustentação da ponte de ligação à antiga casa de máquinas. Varginha - 2010.
Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 16 - Fachada frontal e lateral direita da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 17 - Vista dos canais de descarga da antiga casa de máquinas. Varginha - 2007. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 18 – Vista frontal de um dos canais de descarga da antiga casa de máquinas. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 19 - Vista dos canais de descarga da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 20 - Vista da fachada posterior e lateral esquerda da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 21 – Pormenor da fachada posterior da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

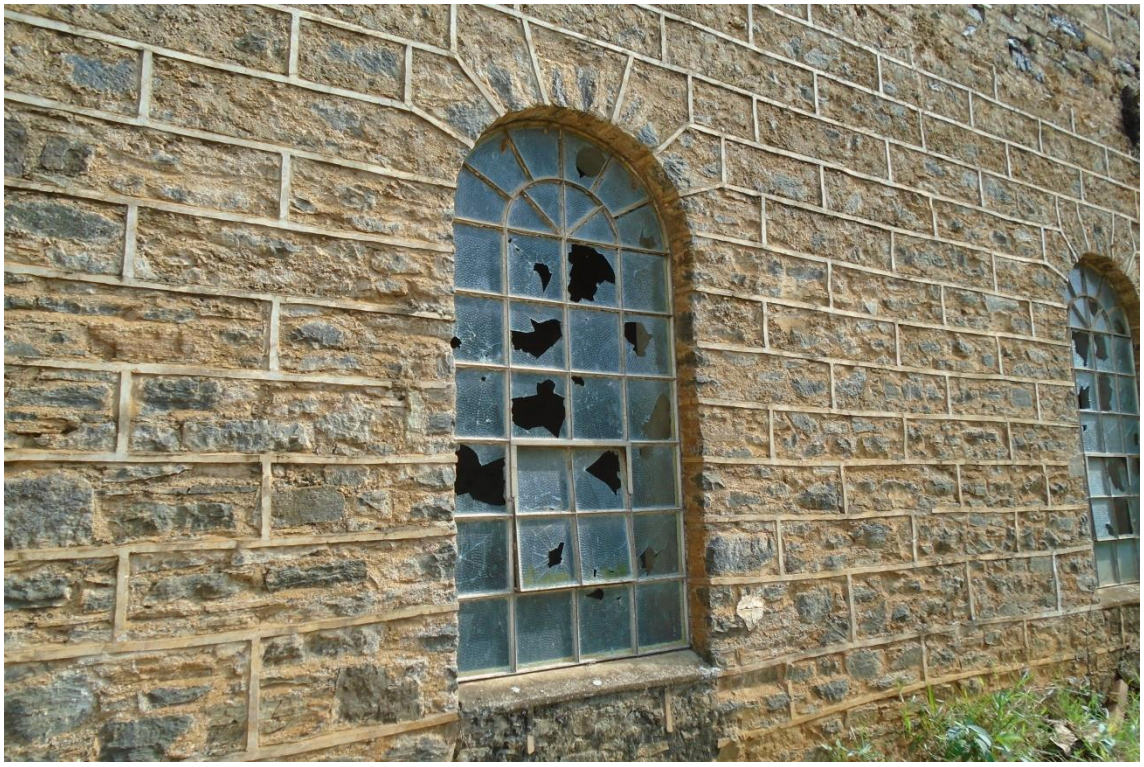


Foto 22 - Janela em arco pleno da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 23 - Pormenor da alvenaria de pedra da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 24 - Interior da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 25 - Entrada de uma das turbinas da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 26 - Interior da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 27 - Interior da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 28 - Interior da antiga casa de máquinas. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 28 - Piso cerâmico apresentando degaste superficial generalizado da antiga casa de máquinas.
Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 29 - Esturtura do telhado em bom estado de conservação da antiga casa de máquinas.
Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 30 - Vista parcial do telhado da antiga casa de máquinas, telha cerâmica francesa. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 31 - Canal de Fuga das Turbinas.Varginha -1997.Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 32 – Vista frontal da câmara de carga com seu mecanismo. Varginha- 2008.
Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 33 - Pormenor da entrada de um dos condutos forçados da câmara de carga. Varginha-2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 34 – Vista superior da câmara de carga ligada ao canal de adução. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 35 – Câmara de carga ligada ao canal de adução, antiga casa de máquinas ao fundo. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 36 - Parte do mecanismo da câmara de carga. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

Foto 37 - Mecanismo da câmara de carga apresentando sinais oxidação. Varginha - 2014.
Danielle de Souza Guimarães

Foto 38 - Canal de adução ao longo do percurso. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 39 – Trecho parcial do canal de adução. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 40 – Trecho parcial do canal de adução. Varginha - 2009. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 41 – Barragem principal com o início do canal de adução. Varginha - 2009.
Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 42 - Comportas na entrada do canal de adução. Varginha - 2008. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 43 – Mecanismo das Comportas de entrada do canal de adução. Varginha - 2008.
Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 44 – Vista geral da barragem de equilíbrio. Varginha - 2014. Acervo: Silvio Bottrel Guimarães

Foto 45 – Vista parcial da barragem de equilíbrio. Varginha - 2014. Danielle de Souza Guimarães

DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO

11. DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO

O complexo da Antiga Usina do Braço Seco apresenta importância para o histórico de formação do município, da identidade de nossa cultura, por constituir o marco histórico das instalações de hidrelétricas no Brasil, e do fornecimento de energia elétrica para quase todo o sul de minas, mantendo viva e preservada a sua história, para conhecimento de todas as gerações futuras, tornando-se inclusive um ponto de atração turística, educacional e cultural na região.

Além da Casa de Pedra, outras estruturas compõem o conjunto arquitetônico da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas compostas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio. As estruturas que o compõem destacam-se pelo seu valor estilístico, por ainda apresentar as características originais e marcantes do período. Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística.

Além de sua importância cultural, a área que envolve o Conjunto Paisagístico e Arquitetônico da Antiga Usina da Ilhas Grande possui grande relevância no que diz respeito ao contexto biológico e ecológico da região por guardar resquícios de exemplares característicos do bioma Mata Atlântica, que é protegido por lei. Entretanto, para o uso adequado do espaço, surge a necessidade da regulamentação das diretrizes que garantam a permanência de seus atributos naturais e de outras que visam aprimorar a qualificação ambiental do mesmo.

Para que a preservação do bem em questão seja efetiva, é necessário que dentro do **Perímetro de Tombamento** as seguintes normas sejam observadas:

- Como existe o imperativo legal de se estabelecer diretrizes para intervenção em bens tombados, dado o interesse de sua preservação, um primeiro fator a considerar consiste em respeitar todos os seus aspectos construtivos, decorativos e técnicos adotar procedimentos de acordo com as exigências nacionais e internacionais de preservação. Não se deverá proceder a nenhuma intervenção nas estruturas que compõem o Conjunto Arquitetônico
  Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande sem um detalhado levantamento e registro dos elementos existentes no mesmo.
- Este bem cultural deve ser respeitado em sua totalidade e uma outra diretriz a ser observada, qualquer que seja o projeto de intervenção e/ou restauração no bem ou no seu perímetro de tombamento, exige que o mesmo deverá ser analisado e aprovado, previamente, pelo órgão competente. Além disso, é essencial a participação de técnicos especializados na elaboração e execução de tais projetos.
- O seu uso poderá ser modificado, desde que se respeite as limitações e restrições que a própria edificação comporta, sem colocá-la em risco e/ou favorecer perdas.

- Toda e qualquer intervenção nesta área deverá visar direta e exclusivamente à conservação, valorização e salvaguarda do bem cultural, tanto no sentido de aprimorar a sua integração às áreas externas e à paisagem, como de propriamente restabelecer sua integridade física.
- As estruturas arquitetônicas originais não poderão ter suas partes demolidas, mutiladas ou substituídas. Novos acréscimos também não deverão ser permitidos, assim como anexos no perímetro de tombamento. Sendo assim, ressalta-se que a volumetria, as elevações, a cobertura, as aberturas, o agenciamento e as alvenarias originais da edificação tombada devem ser mantidas e preservadas, assim como as demais estruturas arquitetônicas que compõem o complexo da antiga usina.
- Qualquer intervenção deverá respeitar os seguintes princípios: ser reversível, não prejudicar uma intervenção futura, não alterar o aspecto visual, ser documentada, manter as evidências históricas, intervenção mínima e estabilidade aos agentes químicos.
- Propostas de alterações na planta devem ser analisadas e serão aprovadas com a condição de não interferir nas fachadas externas e na estrutura original da antiga casa de máquinas da usina. Devem ser respeitados os materiais originais, de forma que as novas intervenções não se destaquem demais, nem tampouco se confundam ao antigo. Ao contrário, devem respeitar e valorizar a composição original com o uso de materiais e técnicas contemporâneas.
- Devem ser preservados todos os elementos construtivos da edificação tombada, como também das estruturas arquitetônicas integrantes da Antiga Usina Hidrelétrica do Braço Seco, sendo essencial que sejam mantidas as aberturas de portas, janelas, dos condutos forçados das câmaras de descarga, respeitando-se os vãos em sua quantidade, forma e enquadramento, proporção, ritmo, alinhamento e distribuição nos planos da edificação, especialmente nas fachadas externas.
- Deve-se sempre respeitar a composição original, principalmente no que se refere aos materiais. É essencial também que a tipologia e a disposição desses elementos sejam respeitadas e mantidas.

  ● Toda intervenção no edifício (Antiga Casa de Máquina) deverá ser pautada nos princípios fundamentais reconhecidos pelos documentos internacionais de mínima intervenção reversatibilidade (retrabalhabilidade) e distiguibilidade;

  ● O diagrama e a declividade da cobertura da Antiga Casa de Máquinas não poderão ser alterados, bem como a tipologia da telha existente; Nesse sentido, devem ser mantidos os mantos das coberturas em telhas cerâmicas francesas, sendo que, em qualquer recuperação que se fizer necessária, no caso de manutenção das peças eventualmente desgastadas, ou faltantes, deve ser utilizado o mesmo tipo de telhas.

  ● O engradamento da cobertura da edificação, em madeira, bem como demais elementos neste material, deverá receber tratamento contra a ação de insetos xilófagos. Qualquer peça que necessitar de substituição deverá ser substituída de forma coerente e compatível com a estrutura original. É importante que se observe constantemente o estado de conservação de tais coberturas, através de

manutenção preventiva, mantendo-as sempre preservadas, de modo a evitar infiltrações, que comprometem a estrutura e a integridade física do bem tombado.

● Os vãos de abertura – portas e janelas – não poderão ser alterados em sua quantidade, forma, proporção e distribuição no plano de fachadas uma vez que descaracterizariam a construção original; os vãos originais dos condutos forçados, na fachada lateral esquerda, deverão ser recuperados. As janelas e portas que ainda preservam seus materiais originais deverão ser integralmente preservadas; as substituições, quando necessárias, deverão manter os vãos originais e seguir desenho similar aos existentes; todas as esquadrias deverão ser sempre pintadas de uma mesma cor para garantir a harmonia das fachadas.

● A estrutura autoportante em alvenaria de pedra de mão das paredes da edificação deve ser preservada. Nos casos em que haja necessidade de reforço estrutural, o mesmo deverá ser realizado visando apenas estabilização da estrutura existente. Ela não deverá suplantar ou substituir o sistema construtivo original. Mesma recomendação se aplica às estruturas que compõem o conjunto arquitetônico.

● Em caso de fraturas e desagregações que possam a vir ocorrer nas estruturas em alvenaria de pedra que compõem o Complexo da Antiga Usina do Braço Seco recomenda- se técnicas consolidação por injeção de caldas ou resinas fluídas para preencher vazios interiores ou selagem de fissuras de paredes de alvenaria ou outros elementos de características similares.

● Entende-se por material compatível e similar aquele que apresenta não apenas composição físico-química similar mas também veios e colorações afins. As pedras, de acordo com os tratados clássicos, deviam ser usadas posicionadas no sentido do seu leito, pois estas atingiriam habitualmente o seu máximo de resistência quando a força que as comprime se apresenta normal ao plano da camada.

● Recomenda-se o desmonte e reconstrução pontual de zonas degradadas de alvenaria (ou cantaria) de pedra com eventual substituição de elementos em piores condições.

● Elementos metálicos do complexo arquitetônico, como os mecanismos das comportas desarenadoras, das câmaras de carga do canal de adução e ferragens de esquadrias da antiga casa de máquinas, devem receber camada antioxidante e posterior aplicação de pintura em esmalte sintético hidrofugante.

● As tipologias construtivas da ponte de acesso à antiga casa de máquinas deverão ser preservadas. A pavimentação em concreto armado não apresenta falhas significativas, necessitando apenas de reparos pontuais ao longo da estrutura. Portanto deverá ser recuperada e restaurada.

● O Conjunto Paisagístico e o seu entorno próximo deverão receber sinalização adequada (placas educativas) informando a população sobre a nova condição do Bem: Patrimônio Cultural Tombado do município de Varginha e as novas restrições impostas ao seu uso e manutenção, bem como orientações quanto aos riscos de acidentes;

- Fica vedado o trânsito de veículos pesados, definidos pela resolução nº 340, 25 de fevereiro de 2010 do CONTRAN, que correspondem a ônibus, micro ônibus, caminhão, caminhão-trator, trator de rodas, trator misto, chassi-plataforma, motor-casa, reboque ou semirreboque e suas combinações, sobre a ponte de acesso à casa de pedra afim de garantir a integridade física da estrutura;
- O tráfego de veículos leves sobre a ponte de ligação à Casa de Pedra deverá ser de uso moderado e controlado para evitar a degradação da estrutura que possa vir a ocorrer;
- A fixação de placas, cartazes e anúncios nas imediações do Bem deverá ser criteriosa, observando a manutenção da integridade visual do mesmo;
- Os locais de acesso ao público deverão receber manutenção constante, de modo a proteger suas partes constituintes do processo de degradação promovido pela sua exposição contínua intempéries;
- Não deverá ser permitido corte, desmatamento e/ou remoção da cobertura vegetal nativa;
- Não é permitido o plantio de espécies exóticas e a utilização de qualquer tipo de fertilizante químico e/ou agrotóxicos. Para a recuperação ambiental, somente poderão ser utilizadas espécies nativas, priorizando-se aquelas que ofereçam maior diversidade de abrigo e alimento a fauna silvestre;
- Deverão ser estabelecidas normas para drenagem e contenção de encostas nas trilhas e acessos internos, realizando constante manutenção.
- Elaboração de plano de sensibilização e educação ambiental junto às comunidades;
- As atividades permitidas não poderão alterar nem comprometer a integridade dos recursos naturais;
- O conhecimento público dos atributos naturais deste bem cultural deverá ser incentivado por meio de guias, folhetos e outros recursos indiretos;
- Proteger os recursos hídricos, mantendo e assegurando a qualidade da água gerada pelo Conjunto Paisagístico;
- Fica vedada a coleta ou corte de exemplares, de frutos, sementes, raízes ou outros produtos da flora sem autorização prévia do órgão competente, bem como, destruir, danificar, lesar ou maltratar a vegetação do Conjunto Paisagístico;
- Fica vedado qualquer tipo de alteração da biota, da vegetação nativa e dos seus cursos d'água;
- Realização de pesquisas científicas, com autorização prévia dos órgãos competentes.
- Toda e qualquer intervenção que venha a ser realizada no Bem Cultural tombado deverá ser explicitada em um Projeto de Intervenção e previamente aprovada pelos órgãos competentes;
- Ficará a cargo do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha a aprovação ou não de qualquer Projeto de Intervenção proposto, podendo o supracitado Conselho, consultar técnicos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Secretaria Municipal de Planejamento Ubano para que possam avaliar a necessidade, o teor e a qualidade do Projeto de Intervenção proposto;
- Sugere-se a inclusão do bem nos projetos de educação patrimonial desenvolvidos com a comunidade local com o intuito de sensibilizá-la para a importância da preservação do patrimônio cultural local.

Em relação ao **Perímetro de Entorno** do Bem Tombado as seguintes diretrizes deverão ser observadas:

- As intervenções propostas para o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande e seu ENTORNO deverão levar em conta a preservação, a valorização e a qualificação da paisagem da área tombada, visando garantir a perduração das características cênico-naturais e a permanência dos valores históricos, etnográficos e paisagísticos que justificaram seu tombamento.
- Quando um bem cultural é de relevante significado histórico-arquitetônico deve ter, necessariamente, um tratamento especial e diferenciado, visando preservar sua integridade e autenticidade, assim como, sua relação com todos os elementos parte que fazem do seu entorno.
- Dentro do perímetro de entorno da área tombada, não serão permitidas quaisquer intervenções que indiquem a descaracterização do **Bem Tombado** e de sua ambiência rural e paisagística. As intervenções devem ser previamente aprovadas pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, e orientadas sempre necessário, seguindo os critérios expostos a seguir:
  I. Qualquer reforma ou nova construção nos limites do perímetro de tombamento deve buscar harmonia com a edificação original e as estruturas integrantes do complexo arquitetônico, evitando sobressair-se a elas visualmente.
  II. As edificações do entorno devem respeitar a importância do bem tombado, manter com ele um diálogo e sempre que possível, valorizá-lo.
  III. Em geral, deve ser incentivada a manutenção da volumetria deste entorno (entre dois a três pavimentos), conservando a altimetria máxima até 9 metros (03 pavimentos), respeitando-se a comunicação visual entre paisagem do entorno e a edificação tombada.
  IV. Os casos de novas construções, em que se comprove o não comprometimento das visadas do bem cultural ou da paisagem poderão ser avaliados pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, desde que a nova edificação:
    a) Não sobressaia visualmente ao bem cultural, na paisagem;
    b) Esteja em harmonia com o bem cultural, mantendo com ele um diálogo arquitetônico, respeitando sua importância, e, sempre que possível, valorizando-o;
    c) Sejam apresentados estudos de impacto da visibilidade do bem e argumentações conceitualmente coerentes, amparando tal volumetria, e demonstrando a relação da nova edificação com o bem. Este material deve ser apresentado ao Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha, sujeitando-se a sua análise, avaliação e cabível aprovação;
- Além da volumetria, deve-se atentar também para a manutenção das áreas verdes e a permeabilidade, sendo fundamental que se mantenha e se preserve a arborização deste entorno;
- As atividades de remoção da cobertura vegetal bem como do corte seletivo deverão ser autorizadas pelo órgão competente;

- Diante da existência de quaisquer formas de degradação ambiental ou paisagística, deve ser promovida, por proprietário, possuidor do imóvel ou ocupante, a recuperação dessas áreas;
- Não será concedida anuência prévia para o desenvolvimento das atividades industriais sem anuência prévia do Conselho Municipal de Defesa e Conservação do Meio Ambiente em hipótese alguma;
- As instalações e equipamentos necessários ao desenvolvimento de atividades científicas, culturais, esportivas, de serviços diversos e públicos, deverão ser executados e/ou implantados mediante observância dos seguintes princípios gerais:
  a. A adequada compatibilização das edificações e/ou equipamentos porventura executados com as características de paisagem;
  b. Que as edificações e demais obras civis não impliquem na desestabilização de encostas e dos maciços adjacentes, bem como os eventuais cortes e aterros sejam dotados das convenientes estruturas de estabilização;
  c. Que as edificações disponham das instalações adequadas;
  d. Que as obras civis porventura executadas sejam realizadas com a máxima preservação da vegetação nativa e que haja recomposição da vegetação nas áreas desmatadas mediante uso de espécies vegetais nativas adequadas.
  - Além das diretrizes constantes das alíneas supracitadas, poderão ser definidas, pelo Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha em conjunto com o Conselho Municipal de Defesa e Conservação do Meio Ambiente, específicas de preservação e de recuperação ambiental.

DIRETRIZES DE CONSERVAÇÃO E MANUTENÇÃO

A conservação da edificação e das estruturas, que compõem o conjunto, pode ser feita a partir da manutenção e vistoria dos seus elementos construtivos, executando-se periodicamente:

Casa de pedra:

- Inspeção da cobertura com manutenção de telhas para evitar infiltrações provenientes do telhado;
- Inspeção do madeiramento da cobertura para identificar a presença de peças danificadas ou sinais de infestação por insetos xilófagos e substituição das peças danificadas;
- Recuperação das fissuras nas alvenarias;
- Execução de pintura de revitalização das paredes internas sempre que necessário;
- Tratamento e limpeza de elementos com presença de umidade;
- Restauração das esquadrias danificadas;
- Recuperação da pavimentação da ponte de acesso à antiga casa de máquinas;

Barragem de pedras, câmaras de carga, canal de adução, comportas de fundo e barragem de equilíbrio:

- Manter serviços rotineiros de manutenção de estruturas de rocha, concreto armado e ferro, e retirada de material assoreado junto ao barramento.
- Limpeza constante dos locais onde os instrumentos estão instalados;
- Limpeza periódica, com retirada de materiais acumulados (vegetação e detritos) à montante do Sangradouro e das grades nas duas Tomadas d'água;
- Manutenção das vias de acesso à barragem;
- Manutenção periódica e rotineira dos equipamentos mecânicos (ou eletromecânicos / eletrônicos), inclusive lubrificação dos mesmos.
- Adotar cuidados sobre o entorno das estruturas, devido à vegetação mal cuidada que cresce a sua volta comprometendo sua visibilidade.

Sendo assim, caberá ao Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha julgar qualquer obra a ser realizada dentro do perímetro de entorno e de tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande, em ação conjunta com os setores da Prefeitura responsáveis pela aprovação assuntos ambientais, solo urbano e afins. Estes setores devem adotar como critérios para a viabilização de projetos as legislações ambientais Federal, Estadual e Municipal específicas.

PLANO DE GESTÃO DAS MEDIDAS DE SALVAGUARDA

12. PLANO DE GESTÃO DAS MEDIDAS DE SALVAGUARDA

12.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do plano é salvaguardar o bem cultural denominado "Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande", por meio de divulgação para a toda a comunidade local de sua importância histórica, arquitetônica e paisagística. Ademais, tem como fim o planejamento de medidas incisivas de gestão, a serem implementadas para garantir a preservação do bem tombado e de seu entorno.

12.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Reforçar, junto ao poder público, a preservação do bem cultural tombado.
- Fortalecer por meio deste plano as diretrizes de intervenção do bem tombado de acordo com a aprovação do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha.
- Incentivar a divulgação, para toda a comunidade de Varginha, da importância histórica, cultural e ambiental do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande", a fim de que a mesma valorize e reconheça este patrimônio, assim como de outros bens vinculados à arquitetura vernacular.

12.3. ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE ASSESSORIA E VELAMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA: CURTO A MÉDIO PRAZO

A Comissão de Assessoria e Velamento do Patrimônio Cultural de Varginha (COPAC), órgão responsável pelo patrimônio local, terá como principal atividade, em relação ao bem tombado, a divulgação e o estímulo ao fomento da sua salvaguarda. Esta ação acontecerá conforme os seguintes itens:

- A Comissão de Assessoria e Velamento do Patrimônio cultural de Varginha (COPAC) realizará uma reunião com a comunidade para tratar dos bens tombados, em especial, da Antiga Usina da Ilha Grande
- A visitação da mesma deverá ser incentivada ao longo do ano de 2017. Esta ação será vinculada à atividade de educação patrimonial local.

- A organização deste trabalho deve ser focada no interesse da população em conhecer e valorizar o acervo cultural da cidade, uma vez que é ela o principal guardião a cuidar e a preservar os bens culturais.
- Nesta ação junto à comunidade, haverá uma página *online* para a divulgação do bem cultural, de forma a contribuir com os valores preservacionistas da cidade.
- É de suma importância, neste trabalho, a construção do conceito de restauro, de forma que a comunidade entenda a sua importância. A ideia é possibilitar aos moradores e à comunidade em geral acesso aos desenhos técnicos e às abordagens acerca do processo de restauro da edificação, assim como de seus conceitos norteadores.
- Realizar junto às escolas do município e com os moradores um trabalho de educação ambiental, a fim de se criar um sentimento de necessidade de preservação e proteção do meio ambiente nos cidadãos, especialmente nas crianças. Este trabalho deve conter palestras e jogos educativos e demais atividades visando à sensibilização das crianças, mostrando-lhes a importância ambiental no dia-a-dia, o cuidado com o meio ambiente e principalmente o respeito e a preservação.
- Implantar coleta seletiva de lixo, ensinando os usuários do local sobre reciclagem e reaproveitamento dos materiais;
- Incluir informações sobre educação ambiental nas placas ao longo do bem tombado;
- Realizar um amplo trabalho com a população da cidade explicando os motivos culturais e os benefícios ambientais do Tombamento deste bem natural para o município.
- Em médio prazo (01 a 10 anos), a Comissão de Assessoria e Velamento do Patrimônio cultural de Varginha (COPAC) iniciará o projeto de revitalização do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande", privilegiando acima de tudo a remoção de elementos descaracterizantes e a discussão e proposta de usos mais adequados para o espaço. A intervenção deverá acontecer com orientação de um especialista.

12.4. ATRIBUIÇÕES DA COMISSÃO DE ASSESSORIA E VELAMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE VARGINHA: LONGO PRAZO

- Estudo de potencialidades para o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande, assim como da edificação pertencente à Antiga Usina. Entre elas, cita-se a criação de complexo museológico que aborde a história da eletricidade no Sul de Minas Gerais, da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi, da Companhia de Eletricidade

Sul-Mineira, da Companhia Energética de Minas Gerais e do atual contexto energético em Minas Gerais e no Brasil.

- Criação de linha de financiamento com benefícios para os proprietários de bens culturais protegidos pelo tombamento e pelo inventário. Devemos ressaltar que este processo buscará ser feito através de um diálogo permanente entre os gestores municipais do setor de patrimônio cultural, a administração pública, instituições financeiras, os conselheiros municipais de patrimônio cultural e os responsáveis pelos bens culturais e que o fim último de todos os trabalhos é a preservação e promoção do patrimônio cultural de Varginha.

12.5. REVISÃO DA LEGISLAÇÃO

- A Comissão de Assessoria e Velamento do Patrimônio Cultural de Varginha (COPAC)deverá avaliar o cruzamento entre as propostas de preservação do presente dossiê com as indicações relativas às legislações existentes no solo urbano.
- É importante que demais setores da prefeitura entendam e incentivem as diretrizes estabelecidas pelo dossiê, uma vez que por si só já atuam como reguladoras de um desenvolvimento urbano mais sustentável.
- A partir do acervo de bens tombados, a prefeitura municipal, representada notadamente pela COPAC, deverá mapear áreas de caráter histórico. Isso deverá complementar e atualizar normas de ocupação já delineadas nas legislações existentes.

LAUDO DE AVALIAÇÃO SOBRE O ESTADO DE CONSERVAÇÃO

LAUDO TÉCNICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Conjunto, Núcleo ou Centro Histórico Tombado pelo Município

Nome do Bem Cultural: Conjunto Paisagístico e Arq. da Antiga Usina da Ilha Grande
Responsável Técnica: Danielle de Souza Guimarães CAU A64772-1
Bem tombado em: 12/07/2013 **Dossiê enviado ao IEPHA em: 2015**
Endereço: Rodovia 491, KM 14, Bairro Penedo **Data: Novembro/2015**
Cidade: Varginha - MG.
Coordenadas:
Latitude: 21º 36' 29" S Longitude : 45º 25' 36"
Há obra de restauração em andamento? ☐ **Sim** ☑ **Não**
Há projeto aprovado por lei de incentivo à cultura? ☐ **Sim** ☑ **Não**
Em caso positivo: ☐ **Lei Federal** ☐ **Lei Estadual** ☐ **Outra**
Área: 6,3 ha.

---

1. VIA	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	60%	40%	

1.1 PAVIMENTAÇÃO DA VIA		
TIPO	**(X)**	**PAVIMENTAÇÃO ORIGINAL:**
Terreno Compactado	**X**	☑ Sim ☐ Não
Cobertura Vegetal	**X**	Data da modificação da pavimentação:

DESCRIÇÃO: O acesso ao complexo se dá por estrada de terra, aproximadamente a 500 metros, a montante, da ponte da BR-491, na margem esquerda do braço direito do rio Verde. Toda á área é constituída por árvores de grande porte e outras menores de origem nativa. Várias estradas de terra batida permeiam a região de entorno e outras pequenas edificações rurais pontuam a área. O acesso à casa de máquinas se dá por uma ponte de concreto.

DANOS VERIFICADOS: Há grande quantidade de ondulações na estrada de terra. A pavimentação da ponte de acesso à antiga casa de máquinas não apresenta falhas significativas, necessitando apenas de reparos pontuais ao longo da estrutura. Verificaram-se também sinais pontuais de oxidação no gradil da ponte.

1.2. SINALIZAÇÃO		
TIPO	**(X)**	
Placas indicativas	**X**	

Placas turísticas interpretativas		**PADRONIZAÇÃO:**
Placas de logradouro		
Placas de trânsito		☐ Sim ☑ Não
DESCRIÇÃO: Há apenas uma placa indicativa do local, porém sem padronização.		
DANOS VERIFICADOS: Local mal sinalizado.		

1.3. DRENAGEM PLUVIAL	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**

TIPO	**(X)**		**(X)**
Superficial (sarjeta, canaleta)		Subterrânea (Boca de Lobo)	
DESCRIÇÃO: Não existe drenagem superficial ou subterrânea.			
DANOS VERIFICADOS: Não há.			

1.4. CONDIÇÃO DE CIRCULAÇÃO DA VIA	**BOM (%)**	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	60%	40%	
1.4.1. TRÂNSITO – INTENSIDADE DE FLUXO	**(X)**	**IMPACTOS NEGATIVOS DO TRÂNSITO SOBRE O BEM TOMBADO:**	
Intenso		☐ Sim ☑ Não	
Moderado			
Pequeno	**X**	**QUAIS:**	
DESCRIÇÃO: Há pouco fluxo de veículos em torno da via.			
DANOS VERIFICADOS: Falta de manutenção da via.			

1.4.2. TIPO DE VEÍCULO	**(%)**		**(%)**
ÔNIBUS	0%	MOTOCICLETA	35%
MICRO-ÔNIBUS	0%	BICICLETA	10%
CAMINHÃO	0%	CARROÇA	10%
CARRO DE PASSEIO	45%	KOMBI / VAN	0%

1.5. ARBORIZAÇÃO DAS VIAS	**(X)**	
INTENSA	**X**	**OBSTRUÇÃO DA VISIBILIDADE DOS IMÓVEIS:**
REGULAR		
NENHUMA		☑ Sim ☐ Não

DESCRIÇÃO: Toda a área é constituída por árvores de grande porte e outras menores de origem nativa.
DANOS VERIFICADOS: No entorno das estruturas que compõem o complexo da antiga Usina da Ilha Grande, observa-se ainda, em demasia, vegetação mal cuidada que cresce a sua volta comprometendo assim a visibilidade e o entendimento das mesmas.

2. PASSEIO	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	30%	50%	20%

2.1. PAVIMENTAÇÃO	**(X)**		**(X)**
CIMENTADO		PEDRA (Especificar o tipo)	
CALÇADA PORTUGUESA		TERRA COMPACTADA	**X**
LADRILHO HIDRÁULICO / CERÂMICA		OUTROS (Concreto)	**X**
DESCRIÇÃO: O acesso à casa de máquinas se dá por uma ponte de concreto. A pavimentação do complexo é majoritariamente em terra compactada.			
DANOS VERIFICADOS: Via acidentada, irregular. Desgaste generalizado da pavimentação da ponte, perda de material. Vegetação em demasia ao longo do percurso que dá acesso às estruturas do complexo.			

2.2. CIRCULAÇÃO DE PEDESTRES	**BOM (%)**	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	40%	40%	20%

2.2.1. CONDIÇÕES DE CIRCULAÇÃO	**(X)**		**(X)**
ACESSIBILIDADE POR RAMPAS		SINALIZAÇÃO PARA PEDESTRES	
OBSTÁCULOS À PASSAGEM DE PEDESTRES	**(X)**	FAIXAS DE PEDESTRES	
DESCRIÇÃO: Não há acessibilidade por meio de rampas ou piso tátil para deficientes visuais à antiga casa de máquinas. A pavimentação em terra batida se encontrada bem irregular.			
DANOS VERIFICADOS: Não há piso tátil, rampas de acesso à antiga casa de máquinas.			

2.3. MOBILIÁRIO URBANO	**(X)**		**(X)**
ILUMINAÇÃO PÚBLICA	**X**	TELEFONE PÚBLICO	
BANCO		PARADA DE ÔNIBUS C/ ABRIGO	
LIXEIRA		MONUMENTO	
CAIXA DE CORREIO		CHAFARIZ	
DESCRIÇÃO: Iluminação Pública por meio de postes ao longo da via de acesso à casa de máquinas.			
DANOS VERIFICADOS: Lâmpadas dos postes de iluminação queimadas e/ ou quebradas. A iluminação precária em alguns pontos, tornando o local escuro e sem segurança			

2.4. USOS DO PASSEIO			
TIPO	**(X)**		**(X)**
VENDEDORES AMBULANTES		EXPOSIÇÃO DE MERCADORIAS NA CALÇADA	
MESAS E CADEIRAS (bares, lanchonetes e similares)		OUTROS	
VEÍCULOS NA CALÇADA			
DESCRIÇÃO: Não há.			
DANOS VERIFICADOS: Não há.			

3. IMAGEM URBANA	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	60%	30%	10%
3.1. POLUIÇÃO AMBIENTAL			
3.1.1. POLUIÇÃO VISUAL			
TIPO	**(X)**		**(X)**
OUTDOOR		PICHAÇÃO	
PAINEL ELETRÔNICO		POSTES E FIAÇÃO APARENTE	**X**
PLACAS DE PROPAGANDA		OUTROS	**X**
FAIXAS OU CARTAZES			
DESCRIÇÃO: Alguns postes com lâmpadas queimadas e/ou sem as mesmas. Vegetação em demasia no entorno das estruturas arquitetônicas.			

DANOS VERIFICADOS: No entorno das estruturas observa-se ainda, em demasia, vegetação mal cuidada que cresce a sua volta comprometendo assim a visibilidade e o entendimento das mesmas. Assoreamento dos dutos das câmaras de carga, do canal de adução.
3.1.2. POLUIÇÃO SONORA

TIPO	**(X)**		**(X)**
RUÍDO DE FUNDO		OUTROS	
RUÍDOS INTERMITENTES			
DESCRIÇÃO: Não há.			
DANOS VERIFICADOS: Não há.			

3.1.3. POLUIÇÃO ATMOSFÉRICA			
TIPO	**(X)**		**(X)**
EMISSÃO DE GASES (Veículos e/ou indústrias)	**X**	OUTROS	
EMISSÃO DE PARTÍCULAS			
DESCRIÇÃO: Há emissão de gases provocados por veículos no entorno do bem tombado.			
DANOS VERIFICADOS: Poluição ambiental de baixo índice.			

3.1.4. LIXO / RESÍDUOS SÓLIDOS			
TIPO	**(X)**		**(X)**
DOMÉSTICO		ACONDICIONADO	
INDUSTRIAL		EXPOSTO	**X**
HOSPITALAR		OUTROS	
ENTULHO			
DESCRIÇÃO: Visitantes deixam o lixo próximo a barragem de pedras.			
DANOS VERIFICADOS:			

3.2. EDIFICAÇÕES	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	60%	40%	
3.2.1. ESTILO	**(X)**	**ÍNTEGRO:**	
COLONIAL		**MODIFICADO: X**	
ECLÉTICO			
ART-NOVEAU			
ART-DECÒ			
MODERNO			
PÓS-MODERNO			
OUTROS	**X**		
DESCRIÇÃO: Casa de Máquinas da Antiga Usina Hidrelétrica da Ilha grande em estilo inglês.			
DANOS VERIFICADOS: Na antiga casa de máquinas, foram observados danos em diversos elementos, principalmente nos revestimentos. Internamente, os pisos exibem desgaste superficial			

generalizado; as esquadrias metálicas possuem sinais de oxidação e vidros quebrados. O enquadramento das janelas apresenta sujidades. Além disso, tanto internamente, quanto externamente foram constatadas fissuras nas alvenarias e desprendimento de reboco; manchas de umidade e pontos de descolamento e depreciação da camada pictórica.

3.2.2. VOLUMETRIA / ALTURA DAS EDIFICAÇÕES			
TIPO	**(X)**		**(X)**
CONJUNTO HOMOGÊNEO	**X**	ALTURA E VOLUMETRIA VARIADAS	
DESCRIÇÃO:			
DANOS VERIFICADOS:			

3.2.3. OCUPAÇÃO DO LOTE			
POSIÇÃO DAS EDIFICAÇÕES	**(%)**		**(%)**
NO ALINHAMENTO		COM QUINTAL	25%
COM AFASTAMENTO FRONTAL	25%	LOTES VAGOS	50%
COM AFASTAMENTOS LATERAIS			
DESCRIÇÃO: No braço artificial direito do Rio Verde encontramos a barragem principal que conduz o fluxo de água para a antiga casa de máquinas. Ao lado direito da barragem, há uma pequena comporta de fundo desarenadora e duas outras, maiores, também do mesmo tipo, posicionadas a montante, no lado esquerdo da estrutura da tomada d'água. Próximo à entrada do canal adutor, e após as comportas desarenadoras, existe um vertedouro livre de soleira espessa. O acesso à casa de máquinas se dá por uma ponte de concreto. Logo acima da casa, no lado esquerdo, avistamos as câmaras de carga e o final do canal de adução. A barragem secundária, também conhecida como de equilíbrio, localiza-se no braço esquerdo do rio, em seu trecho original.			
DANOS VERIFICADOS: Não há.			

4. PRAÇAS E PARQUES	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	40%	50%	10%
DESCRIÇÃO: Existe no local a necessidade de atenção especial no cuidado com estruturas que compõem o conjunto, a manutenção eficaz das vias de acesso à barragem e do entorno das estruturas, devido à vegetação mal cuidada que cresce a sua volta comprometendo sua visibilidade das mesmas.			
DANOS VERIFICADOS: A falta de manutenção deprecia o bem.			

4.1. TIPO DE USO	**(X)**	
LAZER	**X**	
ESPORTE		
EVENTOS CÍVICOS	**X**	
DESCRIÇÃO: Espaços de lazer, contemplação e afins, utilizados pela população local.		
DANOS VERIFICADOS: Ausência de estrutura adequada para a utilização, a acessibilidade, a iluminação e a segurança, entre outros.		

4.2. COBERTURA VEGETAL		
TIPO	**(%)**	
GRAMÍNEA	30%	
ARBUSTO	20%	
ÁRVORE	50%	
OUTROS		
DESCRIÇÃO: Apresenta cobertura vegetal variada, com árvores de médio e grande porte, tanto ornamentais como frutíferas, espécies arbustivas e forração em todo o conjunto.		
DANOS VERIFICADOS: Falta de manutenção constante da vegetação do entorno da estruturas que compões o conjunto.		

4.3. PAISAGISMO		
TIPO	**(X)**	
JARDIM / VEGETAÇÃO	**X**	
PÉRGULA		
PAVIMENTAÇÃO – TIPO DE MATERIAL		
ILUMINAÇÃO	**X**	
CHAFARIZ		
FONTE		
MONUMENTOS		
DESCRIÇÃO: Apresenta cobertura vegetal variada, iluminação com postes.		
DANOS VERIFICADOS: Vegetação pouco cuidada. Assoreamento dos dutos da câmara de carga, canal de adução. Pouca iluminação. Postes com lâmpadas quebradas.		

4.4. EQUIPAMENTOS E MOBILIÁRIO URBANO		
TIPO	**(X)**	
ESTACIONAMENTO		
GUARITA		
SINALIZAÇÃO – PLACAS E LETREIROS		
INSTALAÇÃO DE APOIO		

INSTALAÇÕES SANITÁRIAS PÚBLICAS		
RECREAÇÃO		
CORETO		
BANCO		
LIXEIRA		
PARADA DE ÔNIBUS		
CORREIO		
TELEFONE PÚBLICO		
OUTROS		
DESCRIÇÃO: Não há.		
DANOS VERIFICADOS: Não há.		

5. CURSOS D'ÁGUA		
TIPO	**(X)**	
NATURAL	**X**	
CANAL ABERTO	**X**	
CANAL FECHADO		
VEGETAÇÃO CILIAR (margens)	**X**	
LIMPEZA DAS MARGENS		
LANÇAMENTO DE ESGOTOS		
DESCRIÇÃO: O complexo da Antiga Usina da Ilha Grande está inserido na área rural de Varginha, no Bairro Penedo, a cerca de quatorze quilômetros do centro da cidade. O acesso ao complexo se dá por estrada de terra, aproximadamente a 500 metros, a montante, da ponte da BR-491, na margem esquerda do braço direito do rio Verde. O rio Verde nasce nas encostas ocidentais da serra da Mantiqueira, divisa dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, próximo ao pico dos três estados (2665 m), e desenvolve-se no sentido sudoeste-noroeste, percorrendo uma distância de aproximadamente 250 km até constituir um dos braços do remanso do reservatório da Usina Hidrelétrica de Furnas (768 m). Ele é tributário do rio Grande pela margem direita e têm com afluentes principais os rios Lambari, São Bento e Palmela, à margem esquerda, e os rios Baependi, do Peixe e ribeirão da Espera, à margem direita. Neste trecho do rio encontra-se o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Usina da Ilha Grande, na cota de 812,70 m. Este conjunto arquitetônico foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística		
DANOS VERIFICADOS: Assoreamento do leito do canal de adução.		

6. ANÁLISE DO ENTORNO	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
BENS IMÓVEIS E ESTRUTURAS DO ENTORNO	80%	20%	
EXISTÊNCIA DE INTERVENÇÕES ☐ Sim ☑ Não DESCRIÇÃO DAS INTERVENÇÕES:			

7. SÍNTESE / CONCLUSÃO

BEM CULTURAL	**ESTADO DE CONSERVAÇÃO**		
	BOM (%)	**REGULAR (%)**	**RUIM, NECESSITANDO INTERVENÇÃO (%)**
	20%	70%	10%

Equipe Técnica:

_____

Arq. Danielle de Souza Guimarães
Responsável Técnica
Registro Profissional: CAU A64772-1

Data: 06/11/2015

ANEXO FOTOGRÁFICO

Foto 01 - Vista parcial do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande.
Data: 06/11/2015

Foto 02 – Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande.
Data: 06/11/2015

Foto 03 - Vista geral da barragem principal do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico. Data: 06/11/2015.

Foto 04 - Vista frontal da barragem de pedra a jusante. Data: 06/11/2015.

Foto 05 - Vista frontal da barragem de pedra a jusante. Data: 06/11/2015.

Foto 06 - Detalhe da amarração da barragem de pedra. Data: 06/11/2015.

Foto 07 – Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande.
Data: 06/11/2015

Foto 08 – Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande.
Data: 06/11/2015

Foto 09 - Ponte de ligação com a Ilha Grande. Data: 06/11/2015.

Foto 10 - Vista parcial da ponte de ligação à antiga casa de máquinas, perda da argamassa de revestimento, desgaste generalizado. Data: 06/11/2015.

Foto 11 - Vista parcial da estrutura da ponte de ligação à antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015.

Foto 12 - Vista da estrutura de sustentação da ponte de ligação à antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015

Foto 13 – Detalhe do pilar de pedra da ponte de ligação. Data 06/11/2015.

Foto 14– Vista parcial do gradil da ponte ligação. Gradil com desprendimento de pintura, sinais de oxidação. Data: 06/11/2015.

Foto 15 - Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande, barragem de pedra ao fundo. Data: 06/11/2015

Foto 16 - Vista geral do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico Antiga Usina da Ilha Grande, Rio Verde. Data: 06/11/2015

Foto 17 – Vista da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 18 - Vista dos canais de descarga da antiga casa de máquinas. Assoreamento dos canais com crescimento de vegetação. Data: 06/11/2015.

Foto 19 – Vista frontal de um dos canais de descarga da antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015.

Foto 20 – Vista frontal de um dos canais de descarga da antiga casa de máquinas.
Vegetação em demasia obstruindo o canal. Data: 06/11/2015.

Foto 21 – Detalhe de um dos canais de descarga da antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015.

Foto 22 – Vista da fachada lateral direita da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 23 – Detalhe da alvenaria de pedra da edificação. Data: 06/11/ 2015.

Foto 24 – Vista das fachadas lateral direita e posterior da antiga casa de máquinas. Data:06/11/2015.

Foto 25 – Vista da fachada posterior da antiga casa de máquinas. Data: 06/10/2015.

Foto 26 – Pormenor da fachada posterior da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 27 - Vista da fachada posterior e lateral esquerda da antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015.

Foto 28 - Vista da fachada lateral esquerda da antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015.

Foto 29 - Interior da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 30 - Interior da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 31 – Vista das janelas em arco pleno da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 32 - Interior da antiga casa de máquinas. Sujidades, pintura gasta, desprendimento de reboco. Data: 06/11/2015.

Foto 33 - Interior da antiga casa de máquinas. Sujidades, pintura gasta, reboco deteriorado. Data: 06/11/2015.

Foto 34 - Interior da antiga casa de máquinas. Sujidades, pintura gasta. Data: 06/11/2015.

Foto 35 - Entrada de uma das turbinas da antiga casa de máquinas. Manchas de umidade na argamassa de revestimento, bolor, pintura gasta. Data: 06/11/2015.

Foto 36 - Interior da antiga casa de máquinas. Umidade ascendente, sujidades, pintura gasta, reboco deteriorado. Data: 06/11/2015.

Foto 37 - Piso cerâmico apresentando degaste superficial generalizado da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 38 – Vista parcial das instalações hidrossanitárias. Umidade ascendente, fissuras na argamassa de revestimento da parede, bolor, reboco deteriorado. Data: 06/11/2015.

Foto 39 – Detalhe do ladrilho hidráulico do banheiro da antiga casa de máquinas.
Data: 06/11/2015.

Foto 40 - Vista da estrutura do telhado em bom estado de conservação da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 41 - Vista interna telhado da antiga casa de máquinas apresentando peças quebradas, necessitando de manutenção. Data: 06/11/2015.

Foto 42 – Instalações elétricas aparentes. Data: 06/11/2015.

Foto 43 - Janela em arco pleno da antiga casa de máquinas. Vidros quebrados. Data: 06/11/2015.

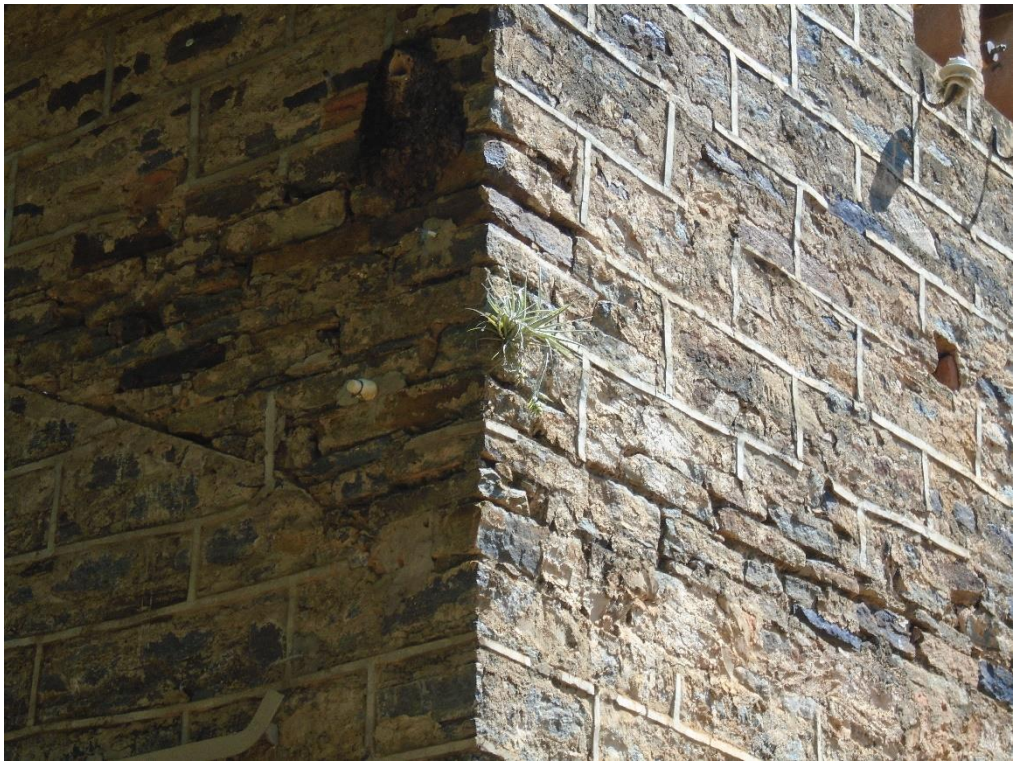


Foto 44 – Detalhe da alvenaria de pedra com algas incrustadas. Data: 06/11/2015.

Foto 45 – Entorno da antiga casa de máquinas. Data: 06/11/2015.

Foto 46 – Vista da porta de acesso da fachada lateral esquerda vedada. Data: 06/11/2015.

Foto 47 – Vista parcial do telhado da antiga casa de máquinas, telha cerâmica francesa. Data: 06/11/2015.

Foto 48 – Vista parcial da fachada lateral esquerda. Desprendimento de reboco, infiltração ascendente, algas incrustadas, fissuras, pintura gasta. Data: 06/11/2015.

Foto 49 – Entrada de uma das turbinas da antiga de máquinas vedada. Data: 06/11/2015.

Foto 50 - Pormenor da entrada de um dos condutos forçados da câmara de carga ainda preservado. Data: 06/11/2015.

Foto 51 – Vista parcial das fachadas lateral esquerda e frontal. Data: 06/11/2015.

Foto 52 – Entorno da antiga casa de máquinas. Jardim necessitando de manutenção.
Data: 06/11/2015.

Foto 53 – Vista frontal da câmara de carga. Vegetação em demasia prejudicando a visibilidade da estrutura. Data: 06/11/2015.

Foto 54 – Detalhe da entrada dos condutos forçados da câmara de carga. Data: 06/11/2015.

Foto 55 – Via de acesso à câmara de carga, canal de adução, casa dos operadores e barragem de equilíbrio. Data: 06/11/2015.

Foto 56 - Vista superior da câmara de carga ligada ao canal de adução. Data: 06/11/2015.

Foto 57 – Vista das câmaras de carga com seu mecanismo. Crescimento de vegetação em demasia no entorno da estrutura. Data: 06/11/2015.

Foto 58 – Detalhe do mecanismo de uma das câmaras de carga. Sinas de oxidação e pintura gasta. Data: 06/11/2015.

Foto 59 – Vista do canal de adução. Assoreamento do leito. Data: 06/11/2015.

Foto 60 – Vista parcial do canal de adução. Data: 06/11/2015.

Foto 61 – Vista da barragem principal com o início do canal de adução. Data: 06/11/2015.

Foto 62 – Vista parcial da barragem principal e das comportas de entrada do canal de adução. Comportas e mecanismo encobertos por vegetação. Data:06/11/2015.

Foto 63 – Vista geral da barragem principal. Data: 06/11/2015.

Foto 64 – Vista das casas dos operadores da antiga usina. Data:06/11/2015.

Foto 65 – Vista da linha de transmissão e das luminárias da antiga usina. Data: 06/11/2015.

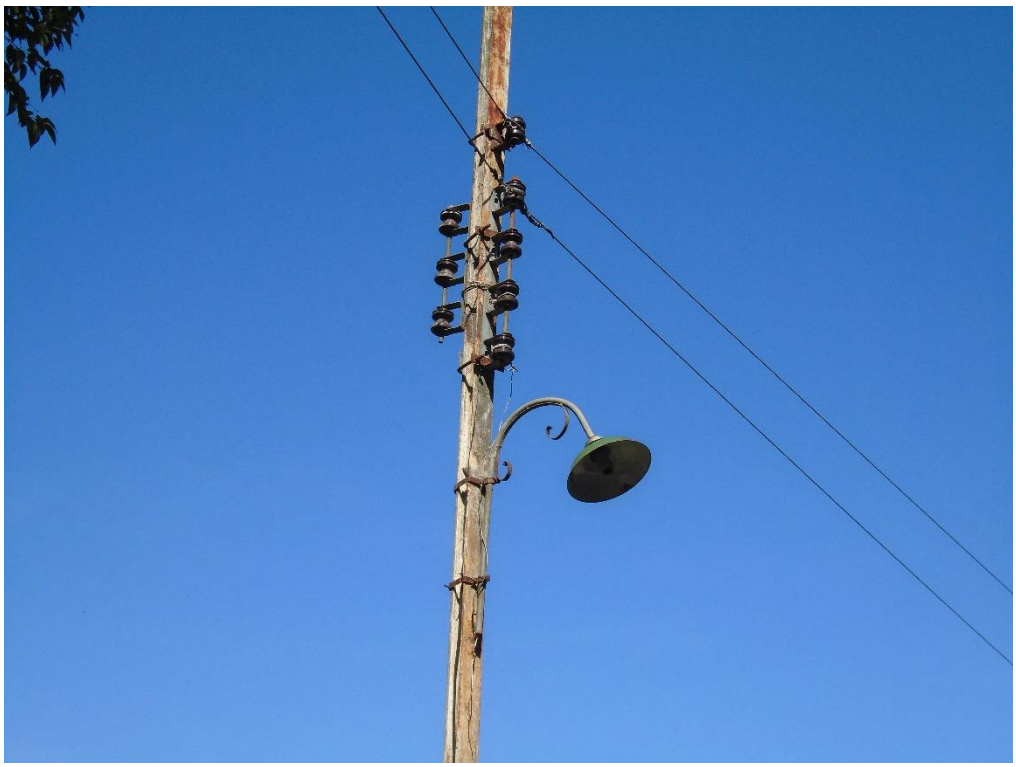


Foto 66 – Pormenor da luminária do poste de transmissão. Luminária sem lâmpada.
Data: 06/11/2015.

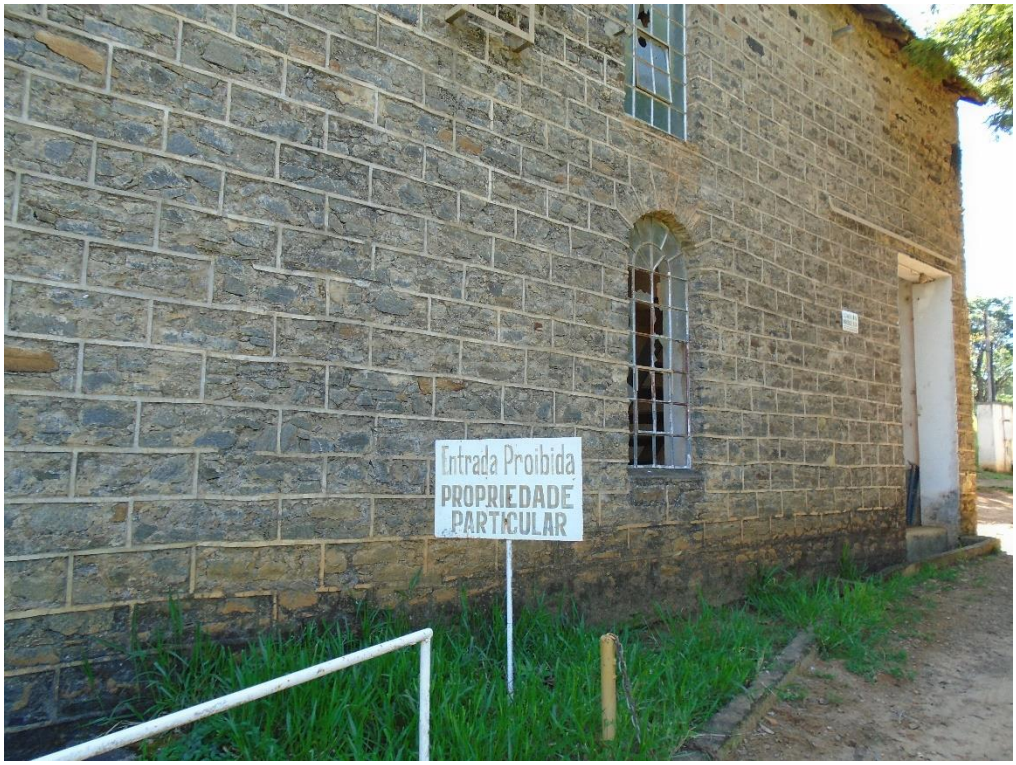


Foto 67 – Placa indicativa existente. Data: 06/11/2015.

Foto 68 – Trilha de acesso à barragem de equilíbrio. Data: 06/11/2015.

Foto 69 – Vista geral da barragem de equilíbrio. Data: 06/11/2015.

Foto 70 – Vista geral da barragem de equilíbrio. Data: 06/11/2015.

Foto 71 – Detalhe da barragem de equilíbrio. Data: 06/11/2015.

Foto 72 – Vista parcial da barragem de equilíbrio. Data: 06/11/2015.

FICHA TÉCNICA

FICHA TÉCNICA	
FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA Inovando na construção da sociedade do conhecimento COPAC Comissão de Assessoria e Velamento do Patrimônio Cultural de Varginha Praça Matheus Tavares, 121 – Centro Telefone: (35) 3690-2718 Varginha E-mail: copac.vga@gmail.com	**COORDENAÇÃO TÉCNICA** Danielle de Souza Guimarães |CAU A64772-1 Arquiteta e Urbanista | Fundação Cultural do Município de Varginha Comissão de Assessoria de Velamento e Velamento e Velamento do Patrimônio Cultural de Varginha
CONCLUSÃO | DATA:	Novembro de 2014
REVISÃO 01 | DATA:	Dezembro 2016
REVISÃO 02 | DATA:	Julho 2017

TRABALHO DE CAMPO|ELABORAÇÃO TRABALHO|EQUIPE TRABALHO	
Danielle de Souza Guimarães	Daniele Valle Machado da Silva Ribeiro
Arquiteta e Urbanista| CAU A64772-1 Fundação Cultural do Município de Varginha |COPAC	**Historiadora** Fundação Cultural do Município de Varginha |COPAC
Cláudio Henrique Martins	Hian Adler Garcia Nogueira
Produtor Executivo de TV| Pesquisador Fundação Cultural do Município de Varginha |COPAC	**Oficial de Administração** Fundação Cultural do Município de Varginha

DOCUMENTO CONLUSIVO SOBRE O BEM TOMBADO ELABORADO PELO SETOR DA PREFEITURA

FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA	RELATÓRIO 001/2017

DE: Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural

PARA: Paula Reis Chaves Ribeiro Cincoetti

Presidente do Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha

RELATÓRIO: 001/2017

DATA: 17/07/2017

ASSUNTO: Relatório sobre Tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande

Prezada Senhora:

Tem o presente relatório a finalidade de ratificar o tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande, bem como explicitar as justificativas que subsidiam sua salvaguarda como patrimônio cultural do município de Varginha.

Considero o tombo municipal do conjunto arquitetônico da Antiga Usina do Braço Seco uma medida urgente e necessária do ponto de vista preventivo para se evitar maiores danos, vistos os antecedentes e os riscos implícitos de perdas, quanto do ponto de vista corretivo de se resgatar a memória histórica e manter a consciência de continuidade que une as gerações.

De início, importa registrar que "o mérito do valor cultural" do tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande, para qual indico o Tombamento nos livros do Tombo Histórico, e Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, está expresso sobretudo na importância para o histórico de formação do município, bem como pela sua exemplaridade e, também por constituir o marco histórico das instalações de hidrelétricas no Brasil, e do fornecimento de energia elétrica para quase todo o sul de minas nas primeiras décadas do século XX, mantendo viva e preservada a sua história, para conhecimento de todas as gerações futuras, tornando-se inclusive um ponto de atração turística, educacional e cultural na região.

A Antiga Usina do Braço Seco está localizada a 500 metros a montante da ponte da BR-491, na margem esquerda do braço direito do rio Verde, área rural de Varginha MG, e tem como coordenadas geográficas Latitude 21° 36' 29'' Sul e Longitude 45° 25' 36'' Oeste.

Danielle Guimarães
Arquiteta e Urbanista
CAU nº A64772-1

Além da Casa de Pedra, outras estruturas compõem o conjunto arquitetônico da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas compostas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio. Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística.

Varginha aparece no rol das cidades que contavam com produção industrial e de café, e apareceria também entre aquelas que eram servidas pelas linhas do transporte ferroviário. O município viveu sua *belle époque*, segundo Sales (2003), do período compreendido entre 1881 e 1913. Marcada pelo desenvolvimento social e econômico, a cidade se fez um centro de expressão regional a partir da criação do município e da cidade em 1881 e 1882, a abolição em 1888, a ascensão à sede de comarca em 1890, a implantação da estrada de ferro em 1892 e a imigração italiana em fins dos oitocentos e começo do século XX, na prática determinaram o progresso de Varginha no transcurso dos novecentos.

No início do século XX, não existia geração nem tampouco distribuição de energia elétrica na região do sul de minas, e a Usina viria substituir as lamparinas e lampiões, tanto usada nas residências como nas iluminações das praças públicas, bem como alavancar o início da industrialização no sul de minas.

Em 1910, com o intuito de atender à demanda de energia das cidades de Varginha e cercanias, a Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi realizou um estudo em determinado trecho do Rio Verde para a construção de uma central geradora de energia elétrica, denominada à época "Usina da Barragem do Braço Seco".

A construção denominada à época Usina do Braço Seco ou Usina da Ilha Grande data de 1912. Era de propriedade da Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi e foi inaugurada em 1914, pelo então Presidente da República Dr. Wenceslau Braz e pelo Governador do Estado de Minas Gerais Dr. Delfim Moreira. Além da Casa de Pedra, que apresenta características arquitetônicas de referência inglesa, outras estruturas compõem o conjunto arquitetônico da Usina hidrelétrica da Ilha Grande: barragem de pedras e entorno com suas compostas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio.

Este conjunto foi abrigado com a formação de uma ilha artificial que está totalmente integrada ao meio ambiente natural, formando um conjunto de peculiar beleza paisagística. A usina dispunha de uma capacidade de geração de energia que atendia a cidade de Varginha

Danielle Guimarães
Arquiteta e Urbanista
CAU nº A64772-1

FUNDAÇÃO CULTURAL DE VARGINHA	RELATÓRIO 001/2017

e a uma grande quantidade de municípios, favorecendo o crescimento e desenvolvimento industrial e econômico do sul de minas, o que denota a sua importância histórica para a memória do setor energético e do desenvolvimento da região.

Afora todas estas questões, o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande também se destaca como um bem natural de relevante beleza cênico-paisagística, possibilitando a realização de pesquisas científicas e o desenvolvimento de atividades de educação e interpretação ambiental, de recreação em contato com a natureza e de turismo ecológico no Município.

Por tudo isso, em reconhecimento ao seu valor cultural, histórico, arquitetônico, estilístico e paisagístico e a garantia da continuidade da memória e da história da comunidade que é a verdadeira guardiã do seu patrimônio, mantendo viva e preservada, para conhecimento de todas as gerações futuras, tornando-se inclusive um ponto de atração turística, educacional e cultural na região, a Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural de Varginha, considera fundamental o tombamento do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Antiga Usina da Ilha Grande, declarando-o Patrimônio Cultural do Município de Varginha.

Varginha, 17 de Julho de 2017.

Danielle de Souza Guimarães

Arq. Danielle de Souza Guimarães | CAU A64772-1

Coordenadoria Técnica do Patrimônio Cultural de Varginha

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

_____**A Cia. Da Estrada de Ferro Muzambinho no contexto do desenvolvimento ferroviário do sul de Minas (1870-1910): uma tentativa de correção de uma versão consagrada**. Monografia de Bacharelado. Belo Horizonte: Fundação 18 de março – FUNDAMAR, 1985.

_____**Formação de núcleos agro-exportadores cafeeiros: os modelos paulista, fluminense e mineiro**. In: IV Congresso de História da Economia e 7ª Conferência Internacional de História de Empresas. São Paulo: ABPHE, 2001.

ALVIM, Antônio Camillo de Faria. **Minas Gerais no reinado de D. João V**. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, vol.14. Belo Horizonte: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, 1969.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Elite escravista no Sul de Minas Gerais: opções de investimento e composição da riqueza - século XIX**. In: XIV Seminário sobre Economia Mineira, 2010, Diamantina. Anais Eletrônicos do XIV Seminário sobre Economia Mineira. Belo Horizonte: CEDEPLAR-UFMG, v. 1. p. 1-19, 2010.

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Família, fortuna e poder no Império do Brasil: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)**. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2005.

ANDRADE, Marcos Ferreira de; CARDOSO, Maria Tereza Pereira. **A vila da Campanha da Princesa: fontes para a História do Sul de Minas**. Varia História, UFMG - FAFICH - Belo Horizonte, v. 23, p. 214-233, 2000.

ANDRADE, Marcos Ferreira**. Elites regionais e a formação do Estado Imperial Brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. **Vila de Campanha da Princesa**: **urbanidade e civilidade em Minas Gerais no século XIX (1798-1840)**. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp, 2008.

ÁVILA, Affonso. (1983). **Varginha: formação e evolução**. Revista da Fundação João Pinheiro. Belo Horizonte. Vol. 13 (7/8), p. 2-18, jul/ago, 1983.

BATISTA, Felipe Alvarenga de; BARBOSA; Lidiany Silva; GODOY, Marcelo Magalhães. **Transportes, modernização e formação regional: subsídios a história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940**. Texto para discussão, 458. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2012.

BATISTA, Felipe de Alvarenga. **O mito da modernização pelos trilhos: a "era ferroviária" em Minas Gerais, 1850-1940**. Monografia de Bacharelado. Belo Horizonte: FACE/UFMG, 2010.

BLASEHEIN, Perter L. **As Ferrovias de Minas Gerais no século dezenove**. **In: Locus: revista de história.** Juiz de Fora: vol. 2 n. 2, p. 81-110, 1996.

BOTELHO, T. R. **População e escravidão nas Minas Gerais, c. 1720**. In: XII Encontro Nacional de Estudos de População, 2000, Caxambu. XII Encontro Nacional de Estudos de População, Anais.... Belo Horizonte: ABEP, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE VARGINHA. **Varginha, sua História e sua Gente**. Varginha, 1982.

CAMPOS, Bruno Nascimento. **Tropas de aço: os caminhos de ferro no sul de Minas: 1875-1902**. Dissertação de Mestrado. Minas Gerais. São João del-Rei: UFSJ, 2012.

CARVALHO, Rafaela Rodrigues da Silva. **Elite agrária do Sul de Minas em transição: abolição em Campanha, Pouso Alegre e Varginha.** In: 7º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional, Curitiba: UFPR, 2015.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **A transição da mão-de-obra no Sul de Minas: cultura política na imprensa local (1879-1888)**. Revista Eletrônica Cadernos de História. Ouro Preto: UFOP, vol. VI, ano 3, n.º 2, dezembro de 2008.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Entre a locomotiva e o fiel da balança**: **a transição da mão-de-obra no Sul de Minas**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: UFJF, 2009.

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **As Estradas de Ferro do Sul de Minas**. Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 7 Nº 12 Jan-Jun ,2012

CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Economia sul-mineira: estudo das transformações regionais no início do século xx.** In: Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 4, Nª 6, 2009.

CONSELHO DELIBERATIVO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DE VARGINHA. **Dossiê de Tombamento da Casa de Pedra da Antiga Usina da Ilha Grande**. Varginha, 2007.

COSTA, Fernando Nogueira da. **Bancos em Minas Gerais (1889-1964)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1978.

COSTA, Maria Lúcia Prado. **A Cia. Estrada de Ferro Muzambinho (1887-1910)**. Paraguaçu: FUNDAMAR, 1996.

COSTA, Maria Lúcia Prado. **Fontes para a História Social do Sul de Minas: os trabalhos de Paraguaçu e Machado (1850-1900)**. Fundação 18 de março. 2002.

DELFINO, L. L. **Entre "Muros" e "Mosaicos": trajetórias familiares de cativos e libertos de pequenas e médias posses: Pouso Alegre, MG, 1845-1869**. Dissertação de Mestrado, Juiz de Fora: UFJF. 2010.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **A Interiorização da Metrópole e Outros Estudos**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2005.Economia Mineira. Diamantina: Cedeplar, 2010.

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Mensagem de presidente de estado**. Belo Horizonte: Imprensa Official do Estado, 1935 / 1936 / 1937 / 1938 / 1947. 5v.

FARIA, Graziela Mara de e SAES, Alexandre Macchione. **Emergência industrial no sul de Minas**. In: XVII Encontro Regional de História, ANPUH-MG. Uberlândia: ANPUH-MG, 2010.

FERNANDES, Márcio. **Logística do escoamento do café do sul de Minas Gerais**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. UFRGS. 2004.

FONSECA, Sylvestre; LIBERAL, João.). **Álbum de Varginha**. São Paulo: Pocai & C, 1920.

GAMBI, Thiago Fontelas Rosado et al. **O processo de Urbanização no sul de Minas em transição**. In: XV Seminário sobre Economia Mineira. Diamantina, Cedeplar: 2012.

GOULART, José Alípio. **Tropas e Tropeiros na Formação do Brasil**. Rio de Janeiro:

GUIMARÃES, Sílvio Bottrel. **Parecer Técnico de Tombamento das Estruturas da Antiga Usina Hidrelétrica**. Varginha, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Varginha**. Rio de Janeiro: Oficinas do serviço gráfico do IBGE, 1959.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Varginha**. Rio de Janeiro: IBGE, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Varginha**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JOSÉ, Oiliam. **O negro na economia mineira.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1993.

LAGE, A. C. P. **A instalação do Colégio Nossa Senhora do Sion em Campanha**: **uma necessidade política, econômica e social da região sul-mineira no início do século XX**. Campinas: Unicamp, 2007.

LANNA, Anna. **A transformação do trabalho: a passagem para o trabalho livre na Zona da Mata mineira: 1870-1920**. Dissertação Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1985.

LEFORT, José do Patrocínio. **Varginha: monografia histórico-geográfica e estatístico-religiosa pelo centenário da paróquia a 1º de junho de 1950**. São Paulo: São José, 1950.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação da política do Brasil, 1808-1842**. 2. ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993.

LIMA, João Heraldo. **Café e Indústria em Minas Gerais (1870 – 1920)**. Dissertação de Mestrado. Campinas: Unicamp/IFCH, 1977.

LIMA, Vasco de Castro. **A Estrada de Ferro Sul de Minas. 1884-1932.** São Paulo: Copas, 1934.

MARTINS, Marcos Lobato e SAES, Alexandre Macchione. Org(s)**. Sul de Minas em Transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20**. São Paulo: EDUSC, 2012.

MARTINS, Roberto Borges. **A Economia escravista de Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1982.

MARTINS, Roberto Borges. **Minas Gerais, século XIX: tráfico e apego à escravidão numa economia não-exportadora**. Estudos Econômicos, Instituto de Pesquisas Econômicas – USP, São Paulo, v. 13, n. 1, 1983.

MEGDA, Andréa Vieira. **Uma análise histórica dos bancos do sul de minas gerais (1900-1930)**. Dissertação de Mestrado. Varginha: UNIFAL, 2012.

MELO, Hildete Pereira de. **Ferrovias e café: Rio de Janeiro e Minas Gerais 1850/1910. IN: Anais do VII Seminário sobre a Economia Mineira**. Diamantina/Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, 1995.

MINAS GERAIS. **Órgão Oficial dos poderes do Estado. Inauguração da luz elétrica em Varginha.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, ano XXIII, nº 86, p. 8, 14 de abril, 1914.

MONTEIRO, Norma de Góes**. Imigração e Colonização em Minas**, 1889-1930. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1994.

MUSEU MUNICIPAL DE VARGINHA**. Livro de atas da Câmara Municipal de Varginha**. Varginha**,** 1882.

MUSEU MUNICIPAL DE VARGINHA. **Livro de atas da Câmara Municipal de Varginha**. Varginha, 1919.

MUSEU MUNICIPAL DE VARGINHA. **Livro de atas da Câmara Municipal de Varginha**. Varginha, 1914.

NUNES, Aparecida Maria. **Histórias que fazem a História: pioneirismo empresarial em Varginha**. Varginha: Editora da Faculdade Cinecista de Varginha, 2004.

OLIVEIRA, Mônica R. **Cafeicultura Mineira: Formação e Consolidação – 1809-1870**. In: IX Seminário sobre a Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR, 2000.

OURO PRETO. **Lei Provincial n.º 2785 de 22 de julho de 1881**. Ouro Preto,1881.

OURO PRETO. **Lei Provincial n.º 2950, de 07 de outubro de 1882.** Ouro Preto,1882.

OURO PRETO. **Lei Provincial n.º 471 de 1 de junho de 1850**. Ouro Preto,1850.

PAIVA, Clodilte Andrade. **População e economia nas Minas Gerais do século XIX**.

PARANHOS, Paulo. **Primeiros núcleos populacionais no Sul das Minas Gerais**. In: Revista Histórica. Arquivo Público do Estado de São Paulo. São Paulo, Nº07, p.16-20, dez.2005.

PASCOAL, Isaías. **O Sul de Minas no processo de constituição do Estado nacional**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 9 Ano IX nº 1. Jan/fev/mar/abr de 2012.

PAULA, Ricardo Zimbrão Affonso de. **Percalços da industrialização: o caso de Minas Gerais.** Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2001.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Oliver. **A História da Escravidão**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2009.

PINTO, Wellington Almeida**. Minas dicionário estatístico, geográfico e histórico do Estado de Minas Gerais**. Belo Horizonte: Edições Brasileiras, 3ª edição, 1983.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Bancos: uma análise do sistema financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

REVISTA CORREIO DO SUL. **1882: Espírito Santo das Catanduvas**. Varginha, 1982.

PIRES, Anderson. **Café, Finanças e Bancos:** Uma Análise do Sistema Financeiro da Zona da Mata de Minas Gerais: 1889/1930. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2004.

RIO DE JANEIRO. **Concorrência pública para iluminação elétrica: proposta nº 3. Vivaldi & Cia., comerciantes e industriais**. Rio de Janeiro, 1912.

RUBIÃO, Luiz José Alvares. **Álbum da Varginha**. Varginha: Gráfica Casa Maltese, 1920.

SAES, Alexandre Macchione; CASTILHO, Fábio Francisco de Almeida. **Cortando a Mantiqueira: entre café e abastecimento no Sul de Minas**. Saeculum - REVISTA DE HISTÓRIA [29]; João Pessoa: UFPB, jul./dez. 2013.

SAES, Alexandre Macchione et al. **Sul de Minas em transição: ferrovias, bancos e indústrias na constituição do capitalismo na passagem do século XIX para o século XX**. In: XIV Seminário de Economia Mineira. Diamantina: CEDEPLAR, 2010.

SAES, Alexandre Macchione (Org.); MARTINS, Marcos Lobato (Org.). **Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século XX**. Bauru, SP: EDUSC, 2012.

SAES, Alexandre Macchione; AVELINO FILHO, A. **Trajetórias das elites locais: Campanha e Pouso Alegre no ocaso da escravidão**. Cultura Histórica e Patrimônio, v. 1, p. 39-64, 2012.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **As ferrovias de São Paulo, 1870-1940: expansão e declínio do transporte ferroviário em São Paulo**. São Paulo: Hucitec/INL/MEC, 1981.

SALES, José Roberto. **Espírito Santo da Varginha: 1763-1920**. Varginha: Gráfica Sul Mineira, 2003.

SALES, José Roberto. **Tráfico de escravos no município de Varginha - MG (1884-1887)**. Varginha: José Roberto Sales, 2008.

SEMEGHINI, Ulysses C. **Do café à indústria: uma cidade e seu tempo.** Campinas: Editora da Unicamp. 1991.

SENNA, Nelson C. de. **Annuario Historico-Chorographico de Minas Geraes**. Bello Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1909.

SENNA, Nelson C. de. **Anuário de Minas Gerais. Vol. 2**. Belo Horizonte: Minas Gerais: Imprensa Oficial, 1907.

SILVA, Marcel Pereira da. **Para abastecer e exportar: as estradas de ferro no Sul de Minas Gerais (1884-1910)**.In: Simposio 5: Transportes y Servicios en los Mercados Regionales y Nacionales en América Latina (Siglos XIX y XX). San Carlos de Bariloche, 2012.

SILVA, Marcel Pereira. **De gado a café: as estradas de ferro no Sul de Mina s Gerais (1874-1910)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2012.

SIMONSEN, Roberto. **História Econômica do Brasil: 1500-1820**. Brasília: Edições do Senado Federal. Conselho Editorial, 2005.

SOUZA, RICARDO LUIZ DE. **Os sentidos do povoamento**: **aspectos da ocupação territorial de Minas Gerais**. Revista Ciências Humanas. Taubaté: UNITAU. Volume 1, número 1, 2009.

Varginha - História e Desenvolvimento. Varginha: Gráfica Sul-Mineira, 2003.

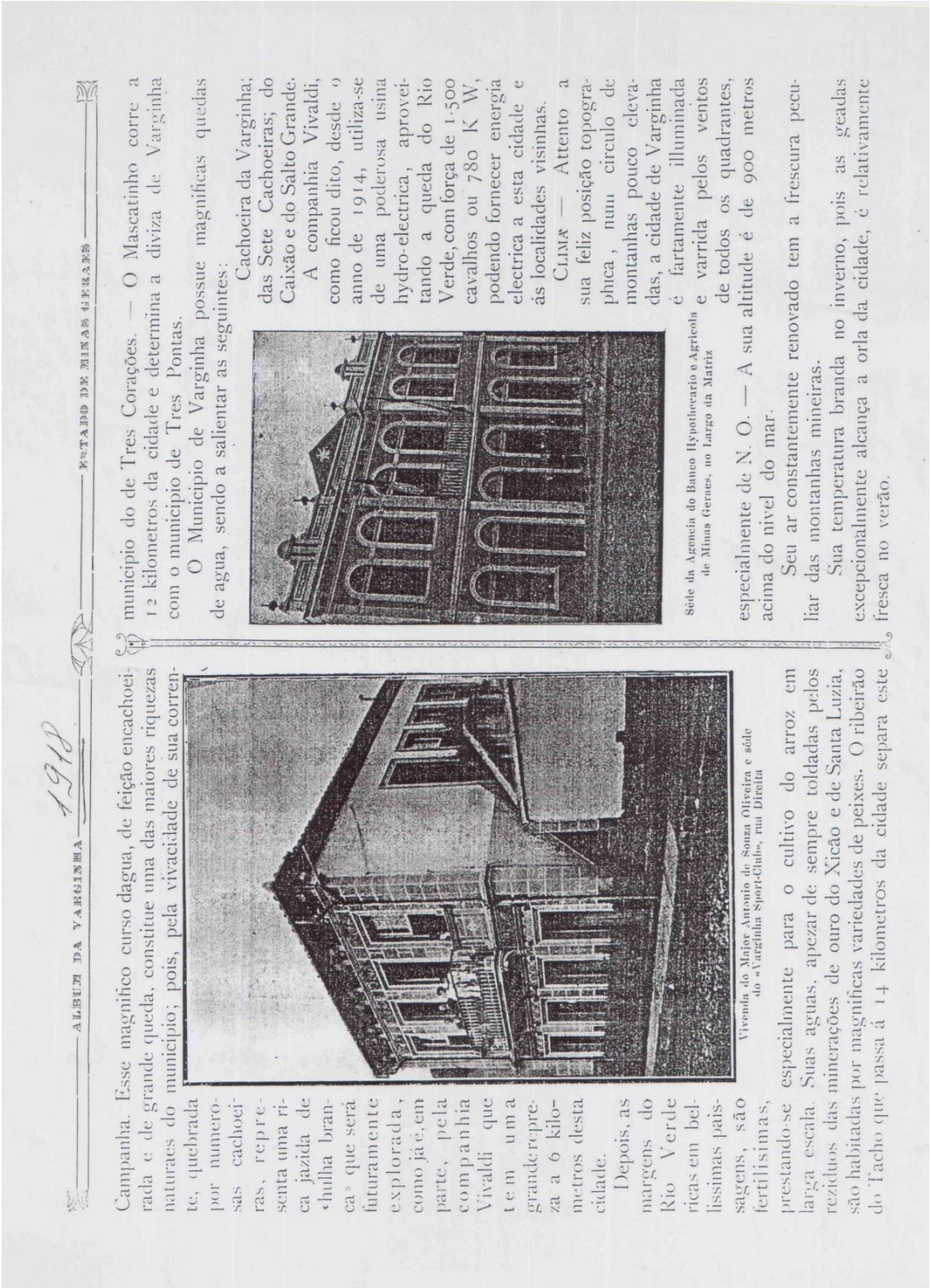
VASCONCELOS, Diogo de. **História antiga de Minas Gerais**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanch Sul-Mineiro para 1874**. Campanha: Tipographia do Monitor Sul-Mineiro, 1874.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanch Sul-Mineiro para 1884**. Campanha: Tipographia do Monitor Sul-Mineiro, 1884.

WIRTH, J. D. **O Fiel da Balança: Minas Gerais na Federação Brasileira (1889-1937)**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1982.

ANEXOS



ALBUM DA VARGINHA — 1918 — ESTADO DE MINAS GERAES

Campanha. Esse magnifico curso dagua, de feição encachoeirada e de grande queda, constitue uma das maiores riquezas naturaes do municipio; pois, pela vivacidade de sua corrente, quebrada por numerosas cachoeiras, representa uma rica jazida de «hulha branca» que será futuramente explorada, como já é, em parte, pela companhia Vivaldi que tem uma grande repreza a 6 kilometros desta cidade.

Depois, as margens do Rio Verde ricas em bellissimas paissagens, são fertilissimas, prestando-se especialmente para o cultivo do arroz em larga escala. Suas aguas, apezar de sempre toldadas pelos reziduos das minerações de ouro do Xicão e de Santa Luzia, são habitadas por magnificas variedades de peixes. O ribeirão do Tacho que passa á 14 kilometros da cidade separa este municipio do de Tres Corações. — O Mascatinho corre a 12 kilometros da cidade e determina a diviza de Varginha com o municipio de Tres Pontas.

O Municipio de Varginha possue magnificas quedas de agua, sendo a salientar as seguintes:

Cachoeira da Varginha; das Sete Cachoeiras; do Caixão e do Salto Grande.

A companhia Vivaldi, como ficou dito, desde o anno de 1914, utiliza-se de uma poderosa usina hydro-electrica, aproveitando a queda do Rio Verde, com força de 1.500 cavalhos ou 780 K W, podendo fornecer energia electrica a esta cidade e ás localidades visinhas.

Clima — Attento a sua feliz posição topographica, num circulo de montanhas pouco elevadas, a cidade de Varginha é fartamente illuminada e varrida pelos ventos de todos os quadrantes, especialmente de N. O. — A sua altitude é de 900 metros acima do nivel do mar.

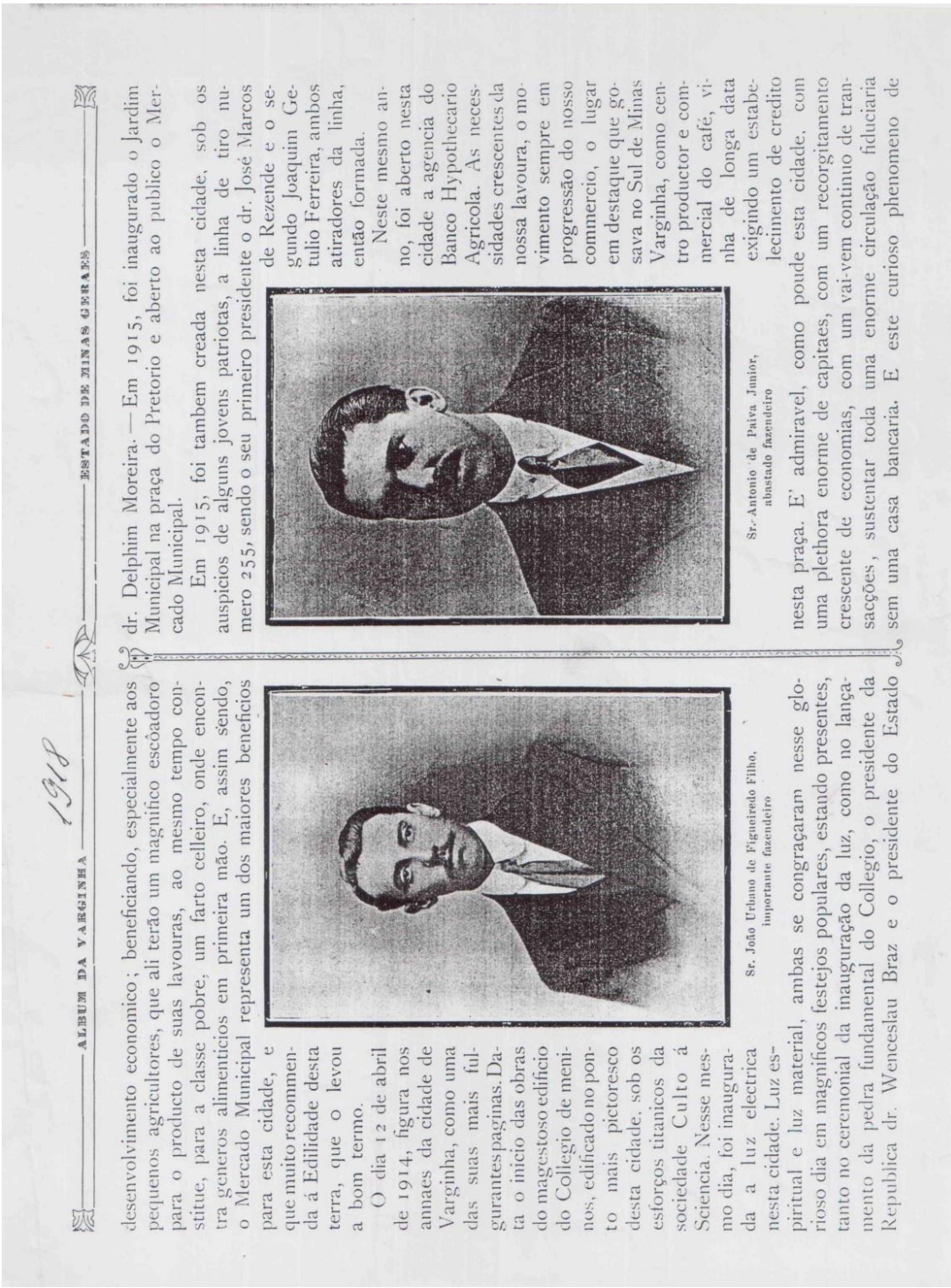
Seu ar constantemente renovado tem a frescura peculiar das montanhas mineiras.

Sua temperatura branda no inverno, pois as geadas excepcionalmente alcança a orla da cidade, é relativamente fresca no verão.

Vivenda do Major Antonio de Souza Oliveira e séde do «Varginha Sport-Club», rua Direita

Séde da Agencia do Banco Hypothecario e Agricola de Minas Geraes, no Largo da Matriz

Figura 1 - Texto do memorialista Luiz José Álvares Rubião sobre a Usina da Ilha Grande, Álbum da Varginha: 1918. Acervo: CODEPAC



ALBUM DA VARGINHA — 1918 — ESTADO DE MINAS GERAES

desenvolvimento economico; beneficiando, especialmente aos pequenos agricultores, que ali terão um magnifico escôadoro para o producto de suas lavouras, ao mesmo tempo constitue, para a classe pobre, um farto celleiro, onde encontra generos alimenticios em primeira mão. E, assim sendo, o Mercado Municipal representa um dos maiores beneficios para esta cidade, e que muito recommenda á Edilidade desta terra, que o levou a bom termo.

O dia 12 de abril de 1914, figura nos annaes da cidade de Varginha, como uma das suas mais fulgurantes paginas. Data o inicio das obras do magestoso edificio do Collegio de meninos, edificado no ponto mais pictoresco desta cidade, sob os esforços titanicos da sociedade Culto á Sciencia. Nesse mesmo dia, foi inaugurada a luz electrica nesta cidade. Luz espiritual e luz material, ambas se congraçaram nesse glorioso dia em magnificos festejos populares, estando presentes, tanto no ceremonial da inauguração da luz, como no lançamento da pedra fundamental do Collegio, o presidente da Republica dr. Wenceslau Braz e o presidente do Estado dr. Delphim Moreira. — Em 1915, foi inaugurado o Jardim Municipal na praça do Pretorio e aberto ao publico o Mercado Municipal.

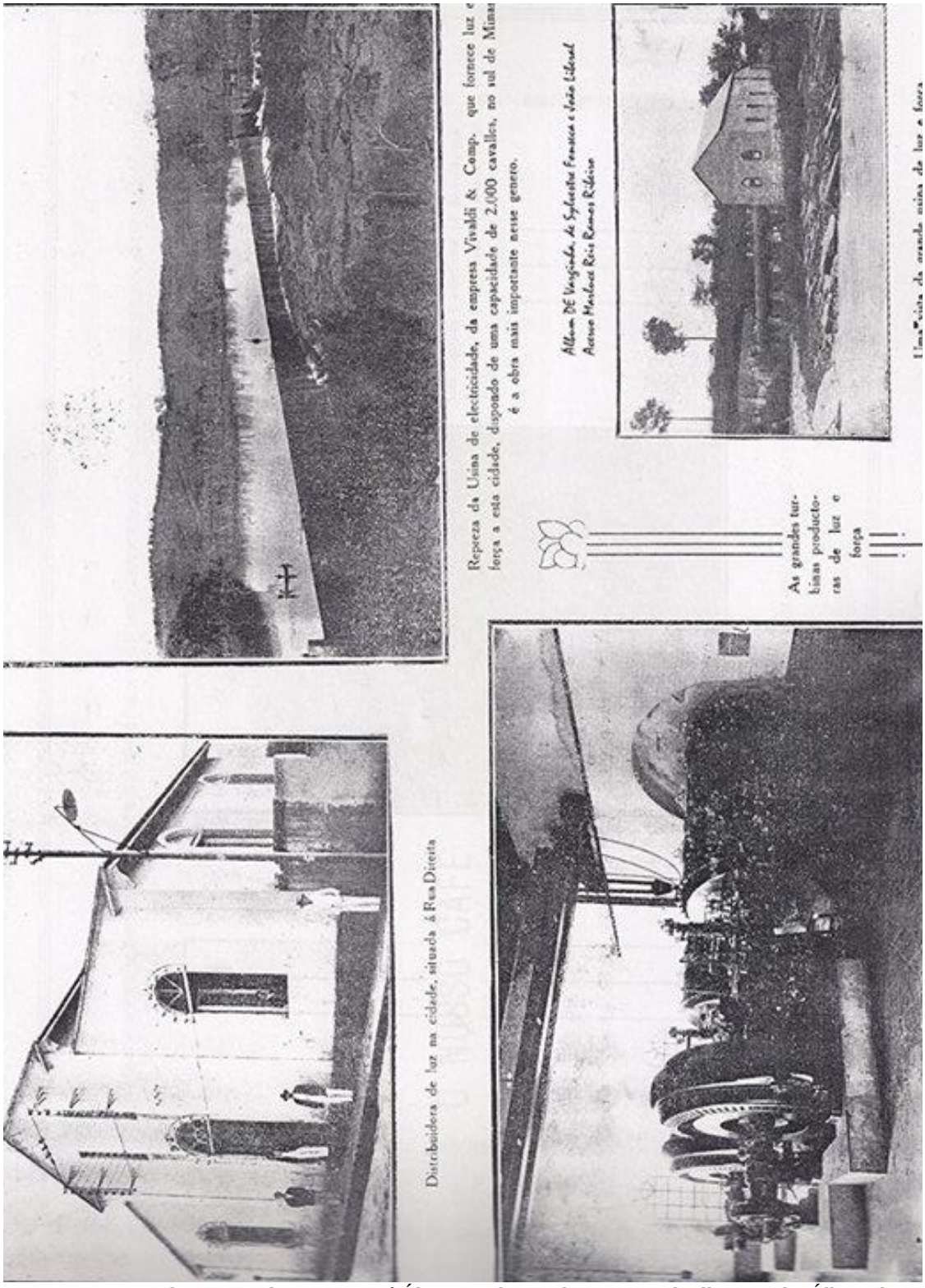
Em 1915, foi tambem creada nesta cidade, sob os auspicios de alguns jovens patriotas, a linha de tiro numero 255, sendo o seu primeiro presidente o dr. José Marcos de Rezende e o segundo Joaquim Getulio Ferreira, ambos atiradores da linha, então formada.

Neste mesmo anno, foi aberto nesta cidade a agencia do Banco Hypothecario Agricola. As necessidades crescentes da nossa lavoura, o movimento sempre em progressão do nosso commercio, o lugar em destaque que gosava no Sul de Minas Varginha, como centro productor e commercial do café, vinha de longa data exigindo um estabelecimento de credito nesta praça. E' admiravel, como poude esta cidade, com uma plethora enorme de capitaes, com um recorgitamento crescente de economias, com um vai-vem continuo de transacções, sustentar toda uma enorme circulação fiduciaria sem uma casa bancaria. E este curioso phenomeno de

Sr. João Urbano de Figueiredo Filho, importante fazendeiro

Sr. Antonio de Paiva Junior, abastado fazendeiro

Figura 2 - Texto do memorialista Luiz José Álvares Rubião sobre a Usina da Ilha Grande, Álbum da Varginha: 1918. Acervo: CODEPAC


Repeza da Usina de electricidade, da empresa Vivaldi & Comp. que fornece luz e
força a esta cidade, dispondo de uma capacidade de 2.000 cavallos, no sul de Minas
é a obra mais importante nesse genero.

Album DE Varginha, de Sylvestre Ferreira e João Liberal
Acervo Mariana Reis Ramos Ribeiro

As grandes turbinas productoras de luz e força

Distribuidora de luz na cidade, situada á Rua Direita

Figura 3 - Texto do memorialista Luiz José Álvares Rubião sobre a Usina da Ilha Grande, Álbum da Varginha: 1918. Acervo: CODEPAC

PARECER DO CONSELHO SOBRE O TOMBAMENTO

CODEPAC Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha	PARECER 001/2013

TOMBAMENTO DE PATRIMÔNIO CULTURAL MATERIAL: "CONJUNTO PAISAGÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA ANTIGA USINA DA ILHA GRANDE"

O Conjunto Arquitetônico da Antiga Usina hidrelétrica da Ilha Grande que compreende a Casa de Pedra, barragem de pedras e entorno com suas compostas, canal de adução, câmaras de carga e barragem de equilíbrio faz parte de um momento importante da história de Varginha. Esta obra foi promovida pela Companhia Mercantil e Industrial Casa Vivaldi – que, mais tarde, adotaria o nome de Companhia Sul-Mineira de Eletricidade – e inaugurada em 12 de abril de 1914, durante o governo do Presidente da República Wenceslau Braz e do então Presidente do Estado de Minas Gerais, Delfim Moreira.

A inauguração desta Usina (também chamada, à época, de Usina do Braço Seco) atendia à demanda modernizadora da corrente positivista que despontou do início do século XX. A chegada da luz elétrica, material, simbolizava a receptividade do município varginhense à "luz espiritual", tal qual era dito na época. A Usina, portanto, representa um momento crucial de Varginha que procurava, no período em questão, se adequar aos moldes da ciência e do progresso, bem como ajudou a alavancar o progresso de cerca de cinquenta cidades do sul de Minas que também, através da energia que recebia, puderam se desenvolver.

É mister, pois, enfatizarmos que o tombamento do conjunto da Usina hidrelétrica da Ilha Grande (Casa de Pedra e estruturas adjacentes) visa reconhecer sua importância enquanto marco histórico da geração de energia hidrelétrica no Brasil, facilitar a preservação patrimonial e divulgar seu caráter histórico, cultural, arquitetônico e pedagógico.

Este é o parecer.

Varginha, 13 de maio de 2013.

Giovana Azzalini Toledo de Melo
Presidente do CODEPAC

1

CÓPIA DA ATA APROVANDO O TOMBAMENTO DEFINITIVO

CODEPAC

Conselho Deliberativo Municipal do Patrimonio Cultural de Varginha
Pça. Matheus Tavares, 121 - Centro - CEP 37000-320
Tel (35) 3690-2710 - Fax 3690-2710 - codepac@varginha.com.br

Ata da 131ª (centésima trigésima primeira) reunião do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural – CODEPAC, realizada em caráter ordinário, aos dez dias do mês de maio do ano de dois mil e treze, às quinze horas, na sede da Fundação Cultural do Município de Varginha, situada à Praça Matheus Tavares, número cento e trinta e três, Centro, nesta cidade de Varginha, em Minas Gerais. Reuniram-se os membros do CODEPAC, regularmente convocados mediante correspondência eletrônica. Estabeleceu-se o *quorum* com a presença da Presidente do CODEPAC, Giovana Azzalini Toledo Melo; e dos conselheiros efetivos Álvaro Sérgio Jatobá Vasconcelos, Arquiteto e Urbanista; Brígida Rovena Mendes Ferreira Martins, Professora do Colégio Batista de Varginha; Rafael Barros Filho, Repórter e Historiador; e Aparecida Maria Nunes, Historiadora e Professora da UNIFAL – Campus Varginha/MG. Participaram, também, desta reunião o Professor Francisco Graça de Moura, Diretor Superintendente da Fundação Cultural; a senhora Terezinha Afonsina de Carvalho, Secretária da Fundação Cultural; o senhor Sílvio Bottrel Guimarães, Engenheiro Civil; o senhor Rodrigo Barreto, representante da Agropecuária Barreto Ltda.; a senhora Natália Elisei Mansur, representando a Engenheira Dulciana Del-Fraro Elisei Menezes; e a senhora Cirléia Anchieta de Souza, Chefe do Setor de Projetos do Hospital Regional do Sul de Minas. A Presidente do CODEPAC deu início à abertura dos trabalhos e expôs os assuntos em pauta: a aprovação do parecer de ampliação do tombamento da Usina da Ilha Grande, já deliberado pela gestão anterior do CODEPAC; e a reforma que será efetivada no Hospital Regional. Além disso, a Presidente enumerou os seguintes informes: reorganização das instalações do CODEPAC e restauração do Theatro Capitólio. Sílvio Bottrel fez sua exposição sobre a importância da ampliação do tombamento das dependências da Usina de Ilha Grande e ressaltou que esta medida é imprescindível para a conservação das características originais do entorno da Casa de Pedra, bem como das áreas adjacentes, além de colaborar para a preservação ecológica do

local em questão. Findo o discurso, os representantes da Agropecuária Barreto Ltda. se retiraram da sala e o Conselho votou, unanimemente, a favor da ampliação do tombamento da Usina da Ilha Grande, que deixa de se resumir somente à Casa de Pedra e passa a incluir todo o conjunto histórico, artístico e arquitetônico da Usina. Logo após, passaram a palavra a Cirléia Anchieta, que articulou os principais pontos do projeto de reforma do Hospital: obras de ampliação do Centro de Tratamento Intensivo; construção de um 3º (terceiro) posto de saúde, com capacidade para entre 10 (dez) e 20 (vinte) leitos; readequação do espaço interno; e substituição de todas as janelas por novas, idênticas às originais, o que não descaracteriza o imóvel. Finalizou sua exposição comunicando o tempo previsto para a conclusão da obra, de 18 (dezoito) meses. Em seguida, as representantes do Hospital Regional se retiraram do recinto e o CODEPAC passou a deliberar acerca do projeto em questão. Fizeram nova votação e foi aprovada por unanimidade a reforma de ampliação no Hospital. A Presidente, então, convidou todos os conselheiros a participarem do processo de mudança e organização das novas instalações do CODEPAC, comunicou que foi feita a vistoria e que está sendo providenciada a documentação para o processo de restauração do Theatro Capitólio, além da averiguação do orçamento da calha e do forro do mesmo. Finalmente, a reunião foi encerrada às dezesseis horas e quarenta e cinco minutos. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Daniele Valle Machado da Silva Ribeiro.....Daniele V M da S Ribeiro....., Secretária *ad hoc* do CODEPAC da Fundação Cultural deste município, que a redigiu e lavrou, pela Presidente que presidiu os trabalhos e pelos que estiveram presentes na qualidade de conselheiros e participantes da reunião. Giovana Azzalini Toledo Melo.....

Álvaro Sérgio Jatobá Vasconcelos.....

Brígida Rovena Mendes Ferreira Martins.....

Rafael Barros Filho.....

Aparecida Maria Nunes.....

NOTIFICAÇÃO DE TOMBAMENTO

CODEPAC
Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha
Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320
Tel. (35) 3690 - 2718

Notificação nº 001/2013

De: CODEPAC
Para: Agropecuária Barreto LTDA
Data: 20/06/2013
Referente: Processo nº 8924/2013
Assunto: Notificação de Tombamento

Venho comunicar a Vossa Senhoria, para fins estabelecidos na Lei Municipal nº.2.869/97, Decreto nº. 2.142/97, que atendendo a solicitação da Agropecuária Barreto Ltda, foi aprovado pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio de Varginha, em reunião datada de 10/05/2013, **o tombamento do conjunto arquitetônico da Antiga Usina chamada Ilha Grande, composto de: barragem de pedras e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga, barragem de equilíbrio e ainda a Casa de Pedra, já tombada pro este Conselho**, de propriedade da Agropecuária Barreto, Rodovia Br 491 Km 14 – Bairro Penedo - Varginha, Minas Gerais, por seu valor histórico, paisagístico e arquitetônico no contexto do município.

Solicito, pois, a V. S.ª o obséquio de acusar o recebimento da presente Notificação, assinando o recibo anexo e devolvendo-o a este Conselho, bem como anuir ao tombamento ou oferecer, se o quiser, as razões de sua impugnação no prazo de 15 (quinze) dias corridos a partir da data de recebimento desta.

Sendo o que nos cabe informar,

Varginha, 20 de junho de 2013.

Giovana Azzalini Toledo Melo.
Presidente do CODEPAC.

RECIBO DE NOTIFICAÇÃO DE TOMBAMENTO

CODEPAC Conselho Deliberativo do Patrimônio Cultural de Varginha Pça Matheus Tavares, 133 - Centro - CEP 37002-320 Tel. (35) 3690 - 2718	**Recibo de Notificação**

Recebi a Notificação nº 01/2013 do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha - CODEPAC, referente ao **tombamento do conjunto arquitetônico da Antiga Usina chamada Ilha Grande, composto de: barragem de pedras e entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga, barragem de equilíbrio e ainda a Casa de Pedra, já tombada** pro este Conselho, de propriedade da Agropecuária Barreto, Rodovia Br 491 Km 14 – Bairro Penedo - Varginha, Minas Gerais, por seu valor histórico, paisagístico e arquitetônico no contexto do município. De acordo com a Lei Municipal nº.2.869/97, Decreto nº. 2.142/97, e aprovada pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio de Varginha, em reunião datada de 10/05/2013.

Varginha, 20 junho de 2013.

(Assinatura do responsável do Bem Tombado)
Dr. Ruy Barreto

CÓPIA DA ATA APROVANDO AS DIRETRIZES DE INTERVENÇÃO PARA O CONJUNTO

CODEPAC

Conselho Deliberativo Municipal do Patrimonio Cultural de Varginha
Pça. Matheus Tavares, 121 - Centro - CEP 37002-320
Tel: (35) 3690-2716 Fax:3690-2710 - codepac@varginha.com.br

Ata da 144ª (centésima quadragésima quarta) reunião do Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural – CODEPAC, realizada em caráter ordinário aos quinze dias do mês de outubro do ano de dois mil e catorze, na sede da Fundação Cultural do Município de Varginha, situada à Praça Matheus Tavares, número cento e vinte e um, Centro, nesta cidade de Varginha, em Minas Gerais. Reuniram-se os membros do CODEPAC, regularmente convocados mediante correspondência eletrônica. Estabeleceu-se o *quorum* com a presença da Presidente do CODEPAC, Giovana Azzalini Toledo de Melo; e dos conselheiros efetivos Cristina Roscoe Vianna, Bióloga e Professora da CEFET – MG, Carlos Alberto Carvalho Castro, Engenheiro Mecânico e Professor do CEFET – Campus Varginha/MG e Rafael Barros Filho, Repórter e Historiador. Participaram também desta reunião, a Arquiteta Danielle de Souza Guimarães, servidora da Fundação Cultural do Município de Varginha e membro suplente do Conselho. A Presidente do CODEPAC deu início à abertura dos trabalhos e expôs os assuntos em pauta: **1)** Leitura do parecer do Procurador do Município sobre o processo de construção de imóvel ao lado da Casa da Cultura (Processo 12560/2014 antigo 8620/2013), **2)** Indicação de novos conselheiros, **3)** Retificação dos atos do processo de tombamento da estátua da Deusa Vênus, **4)** Diretrizes de Intervenção e determinação do perímetro do entorno para o empreendimento da Usina Ilha Grande. **5)** Reforma da Escola Brasil. Após a leitura do documento enviado pelo procurador e seus assistentes, os Conselheiros informaram que as mudanças de votos entre os conselheiros durante o julgamento do referido processo se deve a rotatividade de seus membros que desde o início do processo tiveram substituições e portanto não há incoerência nos votos, o fato é justificado pois diferentes conselheiros votaram sobre o processo. Os Conselheiros sugeriram que o CODEPAC deveria solicitar um parecer técnico de um especialista na área de tombamento e restauração sem envolvimento com nenhuma das partes envolvidas. A Arquiteta Danielle iria verificar a possibilidade de usar o dinheiro do fundo para que fosse contratada uma consultoria para que viesse a cidade e avaliasse in loco a questão, assim tendo uma opinião técnica

CODEPAC
Conselho Deliberativo Municipal do Patrimonio Cultural de Varginha
Pça. Matheus Tavares, 121 - Centro - CEP 37002-320
Tel: (35) 3690-2718 Fax:3690-2719 - codepac@varginha.com.br

especializada. As conselheiras Brígida e Aparecida devem ser substituídas pelos conselheiros suplentes já que o número de faltas atingiu o limite estabelecido pelo regimento e as mesmas justificaram-se na impossibilidade de continuar os trabalhos por questões profissionais. Foram sugeridos os nomes das arquitetas Ariane e Danielle para ocupar os cargos de conselheiros. Foi aprovado por unanimidade a retificação dos atos do processo de tombamento da Estátua da Deusa Vênus. Foi solicitado ao Conselho reavaliação de projeto para reativação da Usina Ilha Grande, como Usina do Braço Seco a ser gerenciada pelo Grupo Barreto. Foi informado pela Arquiteta Danielle que a área foi desmembrada em quatro glebas e a parte da Usina pertence agora ao Grupo Barreto. Após análise da documentação complementar enviada os conselheiros aprovaram o projeto por acreditarem que o desuso é o grande responsável pela deterioração do bem tombado. No entanto fizeram as seguintes ressalvas: manutenção periódica do bem, manutenção das características originais e que as intervenções a serem realizadas devem ser minimizadas e devem ser reversíveis. O perímetro de tombamento do entorno deverá ser o mesmo da área de preservação permanente. A arquiteta Daniella disse que a Escola Brasil recebeu um dinheiro do Estado para fazer a reforme e expôs os itens de reforma da Escola Brasil a serem analisados: reforma do telhado, instalações elétrica e hidráulica e reforma do pavimento superior com troca de pisos em quatro salas. Foi sugerido pela arquiteta a utilização de telhas Marcelia para substituição das telhas atuais, na impossibilidade de utilizá-las uma escolha possível seriam as telhas paulista. Além disso, foi sugerido uma inspeção do madeiramento do telhado, para avaliar a presença de cupins e que em caso positivo fosse feito tratamento adequado, já que se trocarem as madeiras estas correm risco de novo ataque destes insetos. Sobre os pisos poderia ser utilizado porcelanato imitando madeira para substituir os tacos atuais que estão muito danificados. Os demais itens de reforme na escola que se fazem necessário foram aprovados já que o prédio possui indícios de recalque e problemas nas calhas e realmente as intervenções são necessárias. Além disso foi solicitado pelos Conselheiros o repasse do dinheiro

CODEPAC
Conselho Deliberativo Municipal do Patrimonio Cultural de Varginha
Pça. Matheus Tavares, 121 - Centro - CEP 37002-320
Tel: (35) 3690-2718 Fax:3690-2719 - codepac@varginha.com.br

do fundo que não esta sendo devidamente utilizado e há muitas demandas e também que o Conselho tenha maior acesso as informações financeiras do fundo. Foi solicitada pela presidente auxílio dos alunos dos CEFET no ICMS Cultural, principalmente no que se refere à documentação fotográfica. Nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada por mim, Cristina Roscoe Vianna,.....Bióloga, Professora do CEFET/MG, Campus Varginha e Secretária do Conselho que a redigiu e lavrou; pela Presidente que presidiu os trabalhos e pelos que estiveram presentes na qualidade de conselheiros na reunião.

Giovana Azzalini Toledo de Melo.....
Rafael Barros Filho.....
Cristina Roscoe Vianna.....
Carlos Alberto Carvalho Castro.....

CÓPIA DO DECRETO DE TOMBAMENTO

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

1

DECRETO Nº 6.509/2013

HOMOLOGA TOMBAMENTO DO CONJUNTO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA ANTIGA USINA ILHA GRANDE.

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições legais e, em conformidade com o artigo 5º do Decreto Municipal nº 2.142, de 09 de outubro de 1997;

Considerando que a preservação histórica, artística arquitetônica são questões indissolúveis da existência do homem;

Considerando que a antiga usina da Ilha Grande representa o marco histórico da geração de energia hidrelétrica no Brasil, e a primeira geradora de energia hidrelétrica para Varginha e região;

Considerando a contribuição que as instalações da antiga usina trarão para o Município com relação às questões educacionais, culturais e turísticas;

Considerando a sugestão do tombamento do **CONJUNTO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA USINA DA ILHA GRANDE**, localizado à Agropecuária Barreto, Rodovia BR 491 km 14 - Bairro Penedo, nesta cidade, pelo **Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;**

Considerando as condições históricas, artísticas e arquitetônicas do referido conjunto;

Considerando o teor do Processo Administrativo nº 8.924/2013, que revela a implementação de todas as fases procedimentais do tombamento,

Decreto nº 6.509/2013

D E C R E T A :

Art. 1° Fica homologado o tombamento do **CONJUNTO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA ANTIGA USINA ILHA GRANDE,** localizado à Agropecuária Barreto, Rodovia BR 491 Km 14 - Bairro Penedo, nesta cidade e as áreas adjacentes ao conjunto, essenciais à preservação do patrimônio natural do Município, obedecidas as normas estabelecidas pela legislação vigente.

Art. 2° Em razão da homologação do tombamento de que trata o artigo anterior, deverão ser procedidos os assentamentos legais, principalmente no LIVRO DO TOMBO, estabelecido no artigo 3° da Lei Municipal n° 2.896, de 08 de abril de 1997.

Art. 3° O Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio de Varginha, deverá dar conhecimento ao proprietário do imóvel sobre o tombamento mesmo que seja ele ente público, informando-o da necessidade de manter preservadas, conservadas e mantidas as estruturas, e como requisito mínimo a ser observado para a usina da Ilha Grande a manutenção da vazão de 24m³/s pelo canal, o que garantíria a não deterioração do canal, a sua conservação, preservação, e principalmente as características construtivas que ainda hoje representam fielmente o Conjunto Arquitetônico, Cultural, Artístico e Histórico da antiga usina do Braço Seco ou usina da Ilha Grande.

Art. 4° As Autoridades e órgãos municipais vinculados à preservação do patrimônio tombado deverão fazer cumprir os termos da Lei Municipal n° 2.896, de 08 de abril de 1997, de modo a assegurar os direitos e deveres ali estabelecidos.

Art. 5° O imóvel tombado fica isento do Imposto Predial e Territorial Urbano, enquanto o seu proprietário zelar pela sua conservação, conforme o disposto no artigo 7° da Lei Municipal n° 2.896/1997.

Decreto n° 6.509/2013

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE VARGINHA

3

Art. 6° Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 12 de julho de 2013.

ANTÔNIO SILVA
PREFEITO MUNICIPAL

MÁRIO ARIAKE
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO

VÉRDI LÚCIO MELO
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO

Decreto nº 6.509/2013

CÓPIA DA INSCRIÇÃO DO BEM CULTURAL NO LIVRO DO TOMBO

Inscrição nº 6
"Conjunto Histórico, Artístico e Arquitetônico da Antiga Usina da Ilha Grande"

O Bem Cultural situado na Rodovia BR 491, KM 14, Bairro Penedo, Zona Rural, Varginha - MG, bem como os bens culturais inseridos no perímetro de tombamento, tais como: barragens de pedras, entorno com suas comportas, canal de adução, câmaras de carga, barragem de equilíbrio e ainda a laje de Pedra, construída em 1912, por seu valor histórico, arquitetônico, paisagístico e cultural, está tombado pelo Decreto nº 6509 de 12 de julho de 2013. Fica portanto inscrito neste livro do Tombo dos Bens Arqueológicos, Etnológicos e Paisagísticos, segundo o número 06, Processo administrativo nº 8924/2013 e sujeito à proteção especial de acordo com lei Municipal de Proteção do Patrimônio Cultural nº 2.896 de 08 de abril de 1997.

Varginha, 16 de agosto de 2.013.

Presidente

CÓPIA DA PUBLICAÇÃO DO ATO DE TOMBAMENTO

VARGINHA - Orgão oficial do Município, 18 de Julho de 2013
ANO XIV - nº 862 ATOS DO PODER EXECUTIVO 09

DECRETO Nº 6.506/2013

DISPÕE SOBRE A ABERTURA DE CRÉDITOS ADICIONAIS SUPLEMENTARES, AUTORIZADA PELA LEI Nº 5.644 DE 01 DE NOVEMBRO DE 2012.

ANTÔNIO SILVA, Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe são conferidas por Lei,

D E C R E T A :

Art. 1º Ficam abertos ao Orçamento corrente, por excesso de arrecadação conforme autorização contida no inciso I do Artigo 7º da Lei nº 5.644 de 01 de novembro de 2012, os créditos adicionais suplementares, no valor de R$ 26.042,90 (vinte e seis mil, quarenta e dois reais, noventa centavos), a saber:

06.00.00 SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

06.01.00 FUNDO MUNICIPAL DE SAÚDE

33.90.93.00-10 122.1090-2386 Manut. dos Serv. Administrativos (1082).....26.042,90

TOTAL 26.042,90

Art. 2º Os créditos abertos por este Decreto, serão cobertos com recursos provenientes de:

IV – excesso de arrecadação (art. 43, § 1º, II, Lei nº 4.320/64), no valor de R$ 26.042,90 (vinte e seis mil, quarenta e dois reais, noventa centavos), na conta nº 54-6, na Caixa Econômica Federal, Agência 0163.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 12 de julho de 2013.

ANTÔNIO SILVA
PREFEITO MUNICIPAL
MÁRIO ARIAKE
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
VÉRDI LÚCIO MELO
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO
MÁRCIO PAULO ERBST
SECRETÁRIO MUNICIPAL DA FAZENDA

DECRETO Nº 6.507/2013

DISPÕE SOBRE A ABERTURA DE CRÉDITOS ADICIONAIS SUPLEMENTARES, AUTORIZADA PELA LEI Nº 5.644 DE 01 DE NOVEMBRO DE 2012.

ANTÔNIO SILVA, Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe são conferidas por Lei,

D E C R E T A :

Art. 1º Ficam abertos ao Orçamento corrente, por excesso de arrecadação conforme autorização contida no inciso I do Artigo 7º da Lei nº 5.644 de 01 de novembro de 2012, os créditos adicionais suplementares, no valor de R$ 52.000,00 (cinquenta e dois mil reais), a saber:

06.00.00 SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE

06.01.00 FUNDO MUNICIPAL DE SAÚDE

33.90.30.00-10 302.1050-2378 Instalação e Manutenção de Unidades de Saúde (1030).....52.000,00

TOTAL 52.000,00

Art. 2º Os créditos abertos por este Decreto, serão cobertos com recursos provenientes de:

IV – excesso de arrecadação (art. 43, § 1º, II, Lei nº 4.320/64), no valor de R$ 52.000,00 (cinquenta e dois mil reais), na conta nº 68.633-6, no Banco do Brasil, Agência 032-9.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 12 de julho de 2013.

ANTÔNIO SILVA
PREFEITO MUNICIPAL
MÁRIO ARIAKE
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
VÉRDI LÚCIO MELO
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO
MÁRCIO PAULO ERBST
SECRETÁRIO MUNICIPAL DA FAZENDA

DECRETO Nº 6.508/2013

REGULAMENTA A LEI Nº 3.667 DE 30 DE ABRIL DE 2002, QUE DISPÕE SOBRE ÁREAS ESPECIAIS DE ESTACIONAMENTO ROTATIVO – ÁREA AZUL.

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 89, Inciso I, Letra "a" da Lei Orgânica Municipal,

D E C R E T A :

Art. 1º As áreas especiais de estacionamento rotativo denominadas "ÁREA AZUL", ficam regulamentadas na conformidade das disposições constantes deste Decreto.

Art. 2º Ficam estabelecidas como áreas especiais de estacionamento, denominadas "ÁREA AZUL" os seguintes logradouros:

- Praça José de Rezende Paiva (SUPERIOR);
- Praça José de Rezende Paiva (INFERIOR);
- Avenida Rio Branco – Em toda sua extensão;
- Avenida Ministro Bias Fortes – Em toda sua extensão;
- Avenida Rui Barbosa – Em toda sua extensão;
- Rua Presidente Antônio Carlos – Em toda sua extensão;
- Rua Delfim Moreira – Em toda sua extensão;
- Praça Pinto de Oliveira – Em toda sua extensão;
- Rua Doutor Wenceslau Braz – Esquina Rua Delfim Moreira à Esquina Rua Tenente Aviador Nogueira Neto;
- Rua Deputado Ribeiro de Rezende – Esquina Rua Alves e Silva à Esquina Avenida Rio Branco;
- Praça Quintino Bocaiuva – Em toda sua extensão;
- Rua Alves e Silva – Em toda sua extensão;
- Rua Santa Cruz – Esquina Praça Santa Cruz à Esquina Avenida Ministro Bias Fortes;
- Praça Governador Benedito Valadares – Em toda sua extensão;
- Praça Getúlio Vargas – Em toda sua extensão;
- Praça Champagnat – Em toda sua extensão;
- Avenida São José – Esquina Avenida Rio Branco à Esquina Rua Tenente Aviador Nogueira Neto;
- Rua Doutor José de Resende Pinto – Esquina Rua Alberto Cabre à Esquina Avenida Rui Barbosa;
- Rua Dona Zica – Esquina Avenida Rui Barbosa à Esquina Rua Alberto Cabre;
- Rua Dona Cota – Em toda sua extensão;
- Rua Alferes Joaquim Antônio – Em toda sua extensão;
- Rua Alberto Cabre – Esquina Rua Dona Zica à Esquina Rua Doutor José de Resende Pinto;
- Rua Presidente José Paiva – Esquina Avenida São José à Esquina Rua Tiradentes;
- Avenida Major Venâncio – Em toda sua extensão;
- Praça Matheus Tavares – Em toda sua extensão;
- Rua São Paulo – Esquina Avenida Rio Branco à Esquina Rua Presidente Antônio Carlos;
- Rua Tiradentes – Esquina Rua Presidente José Paiva à Esquina Rua Tenente Aviador Nogueira Neto;
- Rua Silva Bitencourt – Esquina Praça Getúlio Vargas à Esquina Rua Santa Cruz;
- Rua Dona Margarida – Em toda sua extensão;
- Rua Valentim Couto – Em toda sua extensão;
- Rua Tenente Aviador Nogueira Neto – Em toda sua extensão.

Art. 3º As áreas determinadas no artigo anterior, funcionarão de segunda a sexta-feira, no horário das 8:00 às 18:00 horas e aos sábados, no horário das 8:00 às 12:00 horas.

Art. 4º Os Preços das tarifas a serem cobrados pelos estacionamentos "AREA AZUL" serão de R$ 1,00 (um real), por um período máximo e improrrogável de 1:00 (uma) hora na mesma vaga e R$ 2,00 (dois reais), por um período máximo e improrrogável de 2:00 (duas) horas na mesma vaga.

§ 1º O usuário terá direito de permanecer, gratuitamente, por 10 (dez) minutos na mesma vaga. O cartão de 10 (dez) minutos será válido se adquirido junto ao orientador(a) da ÁREA AZUL na data e hora de sua utilização, devendo ser utilizado imediatamente após a sua aquisição.

§ 2º Esgotado o prazo de 10 (dez) minutos o usuário deverá retirar o veículo da vaga, ou dirigir-se ao orientador(a) para aquisição do correspondente cartão de 1:00 (uma) ou 2:00 (duas) horas. O não cumprimento destas normas resultará em multa ou reboque.

Art. 5º A prestação de serviços nos estacionamentos especiais - ÁREA AZUL - far-se-á mediante Convênio a ser firmado com o Centro de Desenvolvimento da Criança e do Adolescente – CDCA, desta cidade.

Art. 6º Ao usuário que infringir a presente disposição regulamentar sobre ocupação eventual nas áreas especiais de estacionamentos, será aplicada a multa estipulada no Código de Trânsito Brasileiro - CTB, sem prejuízo da remoção do veículo, ficando o responsável ainda sujeito ao pagamento das taxas devidas e despesas do reboque.

Art. 7º Compete ao Departamento Municipal de Transporte e Trânsito - DEMUTRAN da Secretaria Municipal de Obras e Serviços Urbanos - SOSUB, supervisionar os trabalhos de sinalização dos estacionamentos controlados, adequando-os às necessidades operacionais.

Art. 8º Os dispositivos deste Decreto não se aplicam aos veículos, devidamente credenciados pelo Departamento Municipal de Transporte e Trânsito - DEMUTRAN da Secretaria Municipal de Obras e Serviço Urbanos - SOSUB, quando estiverem na prestação de serviços públicos, manutenção e reparos de redes de energia elétrica, de abastecimento de água, de comunicações telefônicas e de distribuição de gás combustível.

Art. 9º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura do Município de Varginha, 12 de julho de 2013.

ANTÔNIO SILVA
PREFEITO MUNICIPAL
MÁRIO ARIAKE
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE ADMINISTRAÇÃO
VÉRDI LÚCIO MELO
SECRETÁRIO MUNICIPAL DE GOVERNO

DECRETO Nº 6.509/2013

HOMOLOGA TOMBAMENTO DO CONJUNTO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA ANTIGA USINA ILHA GRANDE.

O Prefeito do Município de Varginha, Estado de Minas Gerais, usando de suas atribuições legais e, em conformidade com o artigo 5º do Decreto Municipal nº 2.142, de 09 de outubro de 1997;

Considerando que a preservação histórica, artística arquitetônica são questões indissolúveis da existência do homem;

Considerando que a antiga usina da Ilha Grande representa o marco histórico da geração de energia hidrelétrica no Brasil, e a primeira geradora de energia hidrelétrica para Varginha e região;

Considerando a contribuição que as instalações da antiga usina trarão para o Município com relação às questões educacionais, culturais e turísticas;

Considerando a sugestão do tombamento do **CONJUNTO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA USINA DA ILHA GRANDE,** localizado à Agropecuária Barreto, Rodovia BR 491 km 14 – Bairro Penedo, nesta cidade, pelo Conselho Deliberativo Municipal do Patrimônio Cultural de Varginha;

Considerando as condições históricas, artísticas e arquitetônicas do referido conjunto;

Considerando o teor do Processo Administrativo nº 8.924/2013, que revela a implementação de todas as fases procedimentais do tombamento.

D E C R E T A :

Art. 1º Fica homologado o tombamento do **CONJUNTO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E ARQUITETÔNICO DA ANTIGA USINA ILHA GRANDE,** localizado à Agropecuária Barreto, Rodovia BR 491 Km 14 – Bairro Penedo, nesta cidade e as áreas adjacentes ao conjunto, essenciais à preservação do patrimônio natural do Município, obedecidas as normas estabelecidas pela legislação vigente.

Art. 2º Em razão da homologação do tombamento de que trata o artigo anterior, deverão ser procedidos os assentamentos legais, principalmente no **LIVRO DO TOMBO,** estabelecido no